



Relações com Portugal são satisfatórias

Considera-se a isso "obrigado" e anuncia que não o fará como "independente"

Eanes vai seguir carreira política depois de 1985



No que se apresenta como a mais clara definição até hoje produzida sobre as suas intenções depois do termo do actual mandato como Presidente da República, Ramalho Eanes declara numa entrevista à televisão sueca que seguirá a carreira política depois de 1985 e que não o fará como independente. Estas declarações, reproduzidas em Madrid pelo diário «El País», não foram confirma-

das nem desmentidas, em Lisboa, pela Presidência da República contactada esta manhã pelo «DL». Na entrevista, Eanes considera-se «obrigado» a continuar na vida política «com todos os riscos e custos inerentes». Rejeita ainda os argumentos dos que vêem no aparecimento de novos partidos um perigo para a estabilidade política portuguesa e admite que os subscritores do movi-

mento que tem a ex-CNAHPPE como suporte lhe deram a conhecer o texto do manifesto recentemente divulgado. A este propósito, Eanes reconhece a existência de «identidade de pontos de vista ideológicos e programáticos» com os promotores daquele movimento.

Pág. 20

Socialistas escrevem a Soares: "Liberdade na gaveta, não"!

Pág. 5

"Bronca" atrás de "brônca" em 12 horas de visita

Napoleon Duarte enviou carta ao PR lamentando o "lapso diplomático"

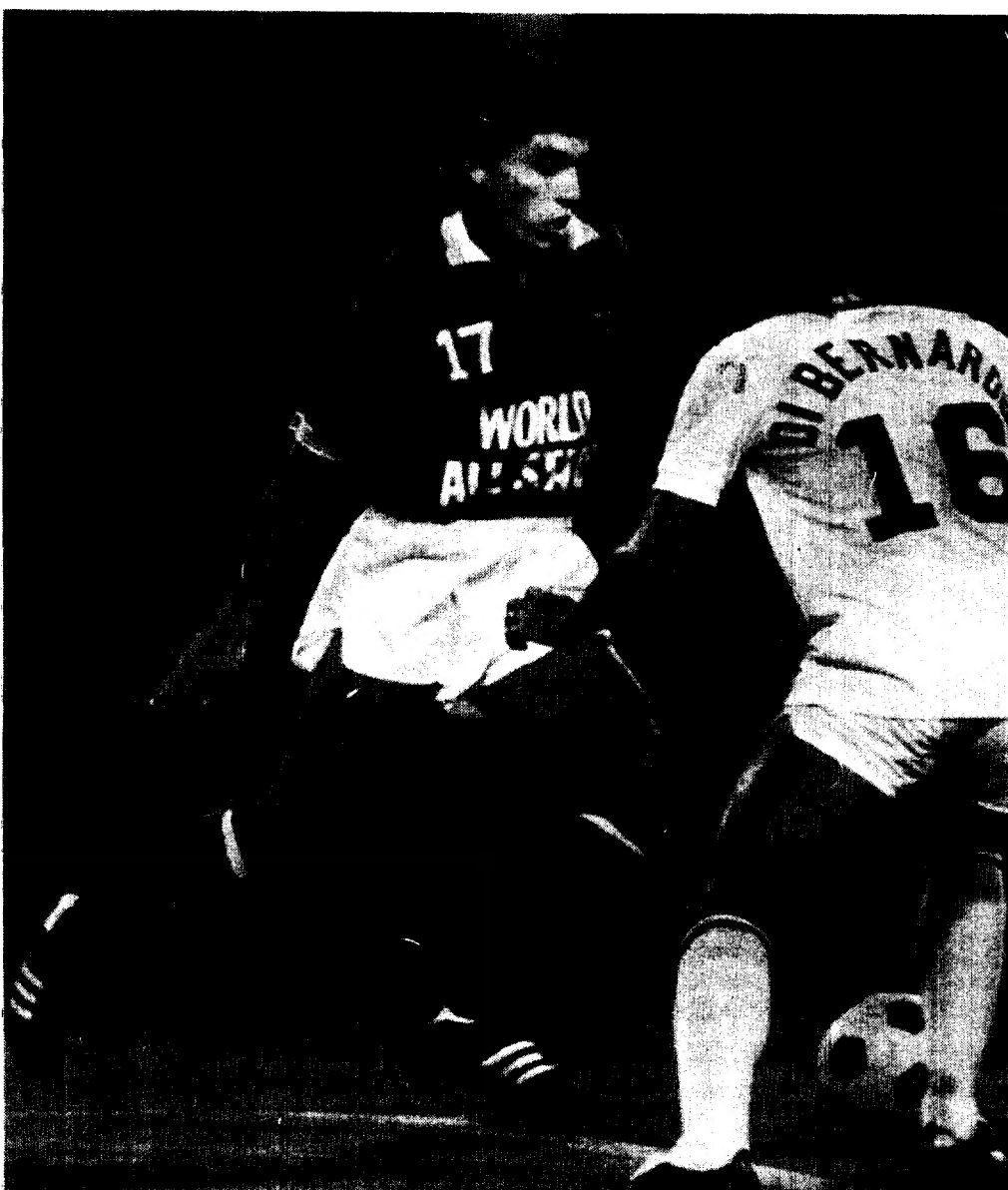


Napoleon Duarte

A curta escala de 12 horas do presidente de El Salvador, Napoleon Duarte, em Lisboa ficou marcada por uma série de incidentes diplomáticos que há muito não ocorriam em Portugal. As «gaffes» sucederam-se numa visita que mereceu o acompanhamento do Presidente da República e do Primeiro-Ministro.

Loga à chegada, num avião cedido pelas autoridades americanas, começou o «Waterloo» em Lisboa de Napoleon Duarte. Recebido no passado sábado no Aeroporto da Portela por Ramalho Eanes e Mário Soares, o presidente salvadorenho, numa crua alocução, referiu-se por três vezes ao «Presidente Soares»: «Desloco-me a Lisboa para me encontrar com o Presidente Soares e com o seu Governo», referiu Duarte, para depois salientar «o esforço do Presidente Soares na construção do socialismo».

Continua na pag. 5



Futre: baile em Nova Iorque

Entrando nos últimos 26 minutos do embate Cosmos-Seleção Internacional, o **canhotinho de ouro** (Futre, do Sporting) alinhou ao lado do parceiro de emblema Jordão e do portista Gomes no espectáculo do «Giants Stadium» nova-iorquino, constituindo a «estrela» que fez a festa e deitou os foguetes na grande confraternização mundial que deu uma receita milionária para a Liga contra o Cancro dos EUA. Aqui vemos o **leãozinho** vergando a oposição de Angelo di Bernardo, o médio que ficou com a vista torta quando acabou a função. Os convidados venceram o duelo (3-1) e de braço dado com o trio português estiveram vedetas como Shilton, Krol, Rocheteau, Magath, Keegan, Pfaff, Figueiroa, Hugo Sanchez e o famoso Franz (Kaiser) Beckenbauer.

Pág. 13



Mahmoud Amin Fathi

Embaixador do Egipto ao DL:

Relações com Portugal são satisfatórias

O embaixador do Egipto em Lisboa, Mahmoud Amin Fathi, considerou, numa entrevista concedida ao «DL», que as relações entre Portugal e o Egipto «são satisfatórias», tendo sido «aprofundadas» depois da visita de Ramalho Eanes ao Cairo. A entrevista assinala o 32.º aniversário da revolução egípcia que pôs termo à monarquia.

Pág. 3

Considera-se a isso “obrigado” e anuncia que não o fará como “independente”

Eanes vai seguir carreira política depois de 1985

No que se apresenta como a mais clara definição até hoje produzida sobre as suas intenções depois do termo do actual mandato como Presidente da República, Ramalho Eanes declara numa entrevista à televisão sueca que seguirá a carreira política depois de 1985 e que não o fará como independente. Estas declarações, reproduzidas em Madrid pelo diário «El País», não foram confirma-

das nem desmentidas, em Lisboa, pela Presidência da República contactada esta manhã pelo «DL». Na entrevista, Eanes considera-se «obrigado» a continuar na vida política «com todos os riscos e custos inerentes». Rejeita ainda os argumentos dos que vêem no aparecimento de novos partidos um perigo para a estabilidade política portuguesa e admite que os subscritores do movi-

mento que tem a ex-UNARPPE como suporte não deram a conhecer o texto do manifesto recentemente divulgado. A este propósito, Eanes reconhece a existência de «identidade de pontos de vista ideológicos e programáticos» com os promotores daquele movimento.

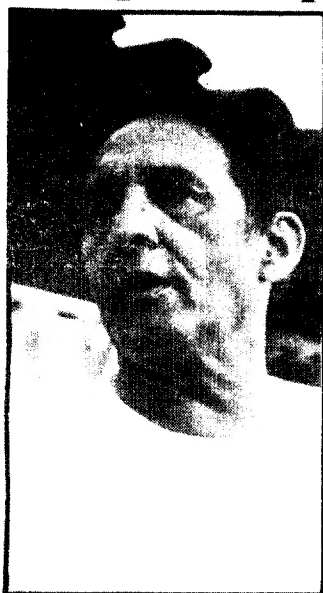
Pág. 20

Socialistas escrevem a Soares: “Liberdade na gaveta, não”!

Pág. 5

“Bronca” atrás de “bronca” em 12 horas de visita

Napoleon Duarte enviou carta ao PR lamentando o “lapso diplomático”



Napoleon Duarte

A curta escala de 12 horas do presidente de El Salvador, Napoleon Duarte, em Lisboa ficou marcada por uma série de incidentes diplomáticos que há muito não ocorriam em Portugal. As «gaffes» sucederam-se numa visita que mereceu o acompanhamento do Presidente da República e do Primeiro-Ministro.

Logo à chegada, num avião cedido pelas autoridades americanas, começou o «Waterloo» em Lisboa de Napoleon Duarte. Recebido no passado sábado no Aeroporto da Portela por Ramalho Eanes e Mário Soares, o presidente salvadorenho, numa crua alocução, referiu-se por três vezes ao «Presidente Soares»: «Desloco-me a Lisboa para me encontrar com o Presidente Soares e com o seu Governo», referiu Duarte, para depois salientar «o esforço do Presidente Soares na construção do socialismo».

Continua na pag. 5



Futre: baile em Nova Iorque

Entrando nos últimos 26 minutos do embate Cosmos-Seleção Internacional, o canhotinho de ouro (futro do Sporting) alinhou ao lado do parceiro de embente do fute e do portista Gomes no espectáculo do «Giants Stadium» nova-iorquino, brindando a «estrela» que fez a festa e deitou os foguetes na grande confraternização mundial que deu uma receita milionária para a Liga contra o Cancro dos EUA. Aqui vemos o leãozinho vergando a oposição de Angelo di Bernardo, o medio que ficou com a vista torta quando acabou a função. Os convidados venceram o duelo (3-1) e de braço dado com o trio português estiveram vedetas como Shilton, Krol, Rocheteau, Magath, Keegan, Pfaff, Figueiroa, Hugo Sanchez e o famoso Franz (Kaiser) Beckenbauer.

Pág. 13

As transacionais e o chamado código de conduta

Silva Falcão

Não é por acaso que existem muitos países em estado de subdesenvolvimento. Não é por acaso que esses países sentem imensas dificuldades em sair do fosso em que se encontram. As estruturas do sistema social em vigor em grande parte do Globo terrestre tornam perfeitamente justificados o subdesenvolvimento e a sua manutenção. É um erro crasso considerar o subdesenvolvimento como uma fatalidade. Um dos instrumentos utilizados para manter o subdesenvolvimento reside na criação e expansão de empresas transnacionais, que aumentam a dependência e impedem a libertação económica das nações subdesenvolvidas. «De repente, parece que os Estados soberanos se sentem sem defesa. Conceitos como a soberania parecem estranhamente esvaziados do seu conteúdo». Quem assim se pronuncia é um americano, o professor Vernon, ao anunciar a morte das nações. Um anúncio que, no entanto, não toma em devida conta as potencialidades, diríamos ilimitadas, das nações subdesenvolvidas.

É gigantesco o peso das transacionais na actividade económica internacional. No final da última década eram mais de 11 000 as transacionais com umas 82 000 filiais estrangeiras. A sua produção era avaliada em 1976 em 830 000 milhões de dólares, com uma contribuição entre 30% a 40% para o comércio mundial. Em 1980, 40% da produção industrial dos países subdesenvolvidos e metade do seu comércio externo eram controlados pelas transacionais.

Entre as dez maiores empre-

sas transacionais do Mundo, em 1981, oito eram estadunidenses: Exxon, com 108 108 milhões de dólares de vendas, a Mobil (64 488), a General Motors (62 698) a Texaco (57 628), a Standard Oil of California (44 224), a Ford Motor (38 247), a Standard Oil of Indiana (29 947) e a International Business Machines (29 070). As outras duas são: a Royal Dutch/Shell Group, com capital da Holanda e Grã-Bretanha e volume de vendas de 82 292 milhões de dólares, e a British Petroleum, com 52 200 milhões de dólares. O total destas dez empresas quanto a vendas perfaz o quantitativo impressionante de 569 902 milhões de dólares, com o total de lucros líquidos de 22 999,2 milhões de dólares.

Há quem sustente que foi a Singer a primeira empresa transnacional, no princípio do presente século. Não é assim. Conhecem-se várias empresas transnacionais ainda no século XIX. Casos da Colt, ITT, General Electric, a própria Singer, a United Shoe Machinery e outras empresas. A criação destas empresas teve de início uma fundamentação de base puramente económica, como em tempo oportuno reconheceu o conhecido industrial Lever, ao afirmar que «a instalação de fábricas num país que não seja o país de origem é função dos direitos alfandegários e das taxas impostas nas fronteiras. Quando os direitos alfandegários excedem os custos relativos à gestão de uma unidade distinta, é mais económico fazer fábricas nesses países a fim de abastecer os nossos clientes a um preço melhor». Este era o panorama inicial, mas houve posteriormente,

e por forma gradual, uma inversão das relações entre o político e o económico. Actualmente, não se concebe a criação de empresas transnacionais, sobretudo no sector secundário, sem forte condicionamento político por parte dos países de origem.

Apresenta sérios inconvenientes para as economias dos países subdesenvolvidos a implantação de transacionais. Se a implantação de empresas transnacionais de origem europeia não tem consequências sobre as estruturas económicas dos Estados Unidos, as transacionais americanas rivalizam facilmente com as empresas europeias no tocante ao poder e à grandeza, inversamente, a implantação de empresas europeias ou americanas nos países subdesenvolvidos comporta consequências que podem ser desastrosas para o equilíbrio económico das nações em causa. Esta referência revela-se perfeitamente actual no momento em que há quem festeje com alvoroço a próxima, dizem, entrada para a CEE. A ver vamos, é a afirmação que se pode fazer, com compreensível tristeza. Quando o político se sobrepõe ao económico, tudo se torna possível. Até o desastre calculado.

Regressando à nossa exposição, às maléficas consequências das transacionais, essas consequências estão presentes naquilo a que se chamou a «teoria dos dois sectores», a qual derivou de observações feitas na Ásia e na América Latina. Os construtores da teoria acabaram por constatar que as empresas americanas nessas regiões funcionavam sem relações apreciáveis com as economias dos países de implantação. As mencio-

nadas observações foram sobretudo as plantações americanas na América Latina e a extracção de petróleo. Fenómeno detectado: as sociedades afectadas não têm senão geralmente poucos contactos com a economia dos países de implantação. Em quase todos os casos apenas recrutam a mão-de-obra não qualificada necessária. Há um papel preponderante da sociedade mãe: é ela, por exemplo quem fornece os quadros e os agentes técnicos de exploração. É ela também quem procede ao abastecimento das máquinas e dos engenhos utilizados. Entretanto, a produção não é escoada para o mercado local, mas exportada para o país de origem da filial, enquanto os lucros são repatriados e não são investidos nos mercados financeiros do país que a acolhe. Há nitidamente dois sectores diferenciados, o da economia do país de recepção e o das empresas que se instalam no solo do país de implantação. A agravar o problema, as transacionais não reagem às flutuações económicas que afectam a economia do país de recepção, obedecendo ao ritmo económico do país de origem. Assim, uma parte da economia nacional mantém-se dependente do ritmo e da conjuntura económica dos países estrangeiros. Consequentemente, num mesmo país coexistem dois sectores económicos independentes um do outro, com modos de funcionamento e ritmos de desenvolvimento descoordenados.

Hoje, a influência das empresas transacionais encontra-se muito mais sofisticada. Elas constituem pontas de lança do imperialismo, sendo, por exem-

plo, um dos instrumentos de que se serve a Trilateral, na sua desesperada tentativa de assegurar aos Estados Unidos, Europa Ocidental e Japão o domínio do Mundo, através da supremacia económica, mediante a via da dependência.

Entre os efeitos negativos provocados pelas transacionais conta-se o fenómeno das manipulações de preços dessas empresas. Deste modo, os países subdesenvolvidos perdem anualmente entre 50 000 a 100 000 milhões de dólares. Compreende-se com facilidade que uma das reivindicações insistentemente apresentadas pelos países subdesenvolvidos assente no esforço para estabelecer um código de conduta internacional que se aplique e regule as actividades dessas empresas. Na realidade, as resoluções aprovadas pela Assembleia Geral das Nações Unidas referentes ao programa para o estabelecimento da Nova Ordem Económica Internacional e a Carta de Deveres e Direitos Económicos dos Estados incluem já esses projectos. Contudo, embora as negociações não tenham faltado, embora as insistências dos países subdesenvolvidos tenham sido continuas, não foi ainda estabelecido um código de conduta. Também aqui se tem verificado obstrução dos países economicamente desenvolvidos, designadamente os Estados Unidos.

A preocupação instalou-se no Movimento dos Países Não-Alinhados. Como reflexo de tal preocupação, lê-se no comunicado final (parte económica) da Reunião Ministerial do Secretariado de Coordenação, celebrado em Havana em Maio de 1982: «O

secretariado exprime a sua profunda preocupação ante o ritmo extraordinariamente lento e os limitados resultados dos trabalhos relacionados com a elaboração de um código de conduta que regule as actividades das empresas transnacionais, sobretudo naqueles aspectos de especial interesse para os países em vias de desenvolvimento cujo progresso estava a ser atrasado por alguns países desenvolvidos. O secretariado instou com os países não-alinhados e outros países em vias de desenvolvimento para que tomem medidas tendentes a acelerar essas negociações, incluída se for necessária a convocação em 1983 de uma Conferência das Nações Unidas para a qual devem assegurar-se os preparativos adequados».

No entanto, foi só em Maio de 1982 que o grupo intergovernamental de trabalho criado para a redacção do código pela Comissão de Empresas Transnacionais da ONU, composto por representantes de 48 países, concluiu a redacção do projecto de documento que contém o código. Aí se ficou.

É incontestável o interesse de um código de conduta que implica a regulamentação jurídica das actividades das transacionais. Mas um facto é certo, e ele é sempre salientado por Fidel de Castro. Nenhum código de conduta poderá deitar por terra a tese, comprovada pela História, de que o capitalismo, no seu desenvolvimento, gerou o subdesenvolvimento. É este que alimenta aquele.

Abordaremos de seguida a posição dos vários Estados face à penetração das empresas transnacionais.



MINI'S USADOS 1982

**totalmente revistos
preços de ocasião
facilidades
de pagamento**

COM GARANTIA

A.M. ALMEIDA - Veículos e Peças, Lda.
 Av. da Liberdade, 11 - 1200 LISBOA - Telef. 32 83 19
 R. Gonçalo Cristóvão, 90 - 4000 PORTO - Telef. 251 87

UNIGUIA - Comércio de Automóveis, Lda.
 Av. Guerra Junqueiro, 16A/B - 1000 LISBOA - Telef. 88 50 66/7

21 de Setembro
a 7 de Outubro
1984

ir

3ª seixalíada

JOGOS CONCELHIOS DO SEIXAL



Andebol Atletismo Badminton Basquetebol Ciclismo Ciclo-turismo
 Damas Futebol Futebol de salão Ginástica Hóquei em patins
 Hóquei no gelo Nataçao Patinagem Pesca Polo aquático Ténis de mesa
 Tiro de armas Tiro aos pratos Vela Voleibol Xadrez

**Inscrições na Câmara Municipal do Seixal
até 7 de Setembro de 1984**

Uma iniciativa da CAMARA MUNICIPAL DO SEIXAL
em cooperação com as Juntas de Freguesia e Colectividades do Concelho

entrevista

Mohamoud
Fathi

No Dia Nacional do Egípto

As relações luso-egípcias são hoje satisfatórias

No dia 23 de Julho de 1952 uma facção significativa das Forças Armadas egípcias empunhou armas e fez uma Revolução. O povo aderiu ao gesto e exaltou os militares que destronaram o rei Faruk, último símbolo de uma monarquia institucionalizada desde 1805. No ano seguinte, o Egípto — país onde se constituiu, há mais de quatro mil anos, o primeiro governo organizado no sentido moderno de um Estado — tornou-se uma República.

Nas vésperas de se comemorarem os 32 anos da revolução, o «Diário de Lisboa» foi ouvir o embaixador Mahmoud Amin Fathi. Diplomata de carreira, M. A. Fathi desempenhou funções nas embaixadas e consulados do seu país em Francoforte, Montevideo, Haia, Campala e Tunísia. Foi embaixador nos Camarões e chefe de gabinete do vice-primeiro-ministro e ministro dos Negócios Estrangeiros, no Cairo. Em 14 de Dezembro de 1982, Mahmoud Amin Fathi entregou ao Presidente da República Portuguesa as cartas credenciais.

Hoje, 23 de Julho de 1984, publicamos a entrevista com o embaixador egípcio em Lisboa.

No ano passado o Egípto recebeu a visita de cerca de 2000 turistas portugueses

A balança comercial é favorável ao Egípto, mas não há grande diferença

«Diário de Lisboa» — Em que situação se encontram as relações bilaterais entre Portugal e o Egípto?

Emb. Mahmoud A. Fathi — Podemos dizer que as relações entre os dois países são satisfatórias e que se têm desenvolvido nos dois últimos anos de uma maneira rápida e enérgica. Podemos também dizer que essas relações foram aprofundadas ainda mais depois da visita do Presidente Ramalho Eanes ao Egípto em Março do ano passado. Recorde-se que foi nessa altura assinado um acordo comercial cujos resultados têm vindo a contribuir para o aumento gradual da balança comercial. E embora ainda não tenhamos alcançado o que desejamos, podemos dizer que as circunstâncias actuais são propícias a um melhor desenvolvimento nos próximos anos. Lembro, que neste momento se encontram a laborar no Egípto empresas portuguesas de construção civil e que Portugal, ainda há pouco tempo, nomeou um seu representante comercial no Cairo. Esperamos, de resto, que o vosso país venha a participar na próxima feira internacional do Cairo, em Março de 85, porque seria uma boa oportunidade de Portugal apresentar os seus produtos não só ao Egípto, mas também a todos os países do Médio Oriente.

«DL» — E quanto às relações culturais?

Emb. MAF — No que diz respeito às relações culturais foi também assinado em 1981 um acordo cultural que começou a concretizar-se em 83. Houve então um intercâmbio de jovens: uns deslocaram-se para campos de trabalho, e outros, estudantes de Medicina, para outras áreas.

«DL» — E nada mais se fez no campo cultural?

Emb. MAF — Não. Houve também uma troca de peritos em vários domínios. O Egípto mandou a Lisboa especialistas em múmias e antropologia e Portugal enviou ao Cairo especialistas em doenças tropicais. Por outro lado, irão ser este ano criadas bolsas de estudo ao abrigo

desse mesmo acordo: quatro estudantes portugueses universitários deverão deslocar-se ao nosso país para aprofundarem a nossa Língua, e Antropologia e História; ao mesmo tempo virão a Portugal três estudantes egípcios para estudarem História e Arte. Lembro também que está previsto um contacto a nível das Televisões que permita intensificar o intercâmbio cultural e turístico. E, por se falar em turismo, dir-lhe-ei que, neste domínio, foi assinado um acordo por ocasião da visita do senhor Presidente da República ao Egípto. No ano passado o Egípto recebeu cerca de 2000 turistas portugueses e esperamos que este ano o número aumente. Para isso julgamos vir a concorrer a assinatura de um acordo de aviação comercial.

«DL» — Esse acordo não foi já firmado?

Emb. MAF — Em princípio, sim. Isto é: foi rubricado. É preciso agora ser reconhecido pelos dois países. Esperamos que as linhas aéreas de Portugal e do Egípto liguem, dentro em breve, as duas capitais.

«DL» — Poder-se-á dizer, portanto, que os acordos assinados durante a visita do Presidente Eanes ao Egípto foram ou estão vindo a ser concretizados?

Emb. MAF — Quanto aos acordos cultural e de turismo houve iniciativas mútuas. O acordo comercial já foi ratificado pelo lado egípcio; agora, estamos à espera que o seja pelo lado português.

«DL» — Tem havido algumas dificuldades ao melhor desenvolvimento desses acordos?

Emb. MAF — Temos encontrado um espírito de ajuda e de cooperação pelo lado português. É normal, no entanto, que em qualquer destes dois países as coisas demorem até se materializarem.

«DL» — Sr. embaixador: a qual dos dois países é favorável a balança comercial?

Emb. MAF — No último ano foi favorável ao Egípto, mas não houve grande diferença.

«DL» — Que género de produtos Portugal e o Egípto importam e exportam?



«Tem havido entre Portugal e o Egípto troca de peritos em vários domínios»

A visita a Portugal do presidente Mubarak ainda não está fixada. Talvez se concretize para o fim deste ano ou princípio do próximo.

Ainda esperamos que Israel retire as suas tropas do Líbano e que pare com a sua política expansionista dos territórios árabes.

Emb. MAF — Portugal exporta pasta de papel, óleos vegetais, diferentes tipos de papel e cartão, cortiça. O Egípto, por sua vez, exporta produtos derivados do petróleo e algodão. Estes são os mais importantes, embora haja outros de menor significado.

«DL» — Outro assunto, sr. embaixador: Como se sabe o Presidente Eanes convidou o presidente Mubarak a visitar oficialmente Portugal. Essa visita tem já data fixada?

Emb. MAF — A data ainda não está fixada. Existem neste momento contactos através das vias diplomáticas para se concretizar a visita a Portugal do sr. presidente Mubarak.

«DL» — Mas será ainda este ano?

Emb. MAF — Talvez no fim deste ano ou no princípio do próximo. Lembro-lhe também que está feito um convite ao dr. Mário Soares para visitar o Egípto, mas também aqui a data ainda não está fixada.

«DL» — Mudemos então de assunto. Pode dizer-me, em traços muito gerais, qual é a actual situação no Egípto depois de efectuadas as últimas eleições?

Emb. MAF — Podemos dizer que desde a eleição do presidente Mubarak, o Egípto atravessou um período que levou ao desenvolvimento do país e fortaleceu um sistema pluralista e de maior liberalização. Pela primeira vez na história do Egípto moderno, apresentaram-se às últimas eleições seis partidos. Há três organi-

zações políticas representadas na Assembleia e cada uma dessas forças tem o seu próprio jornal e pode dizer-se que não há censura.

«DL» — Para terminar, senhor embaixador: Como vêem as autoridades egípcias o «processo de paz no Médio Oriente»?

Emb. MAF — O Egípto começou com uma iniciativa para a construção da paz com a visita de Sadat a Israel. Hoje, continuamos a caminhar na direcção dessa paz. O meu país disse muitas vezes que a invasão israelita do Líbano, o prosseguimento da política do aumento dos colonatos israelitas em territórios árabes ocupados, que a declaração unilateral de anexar a parte ocidental de

Jerusalém e os montes Golã, a sua insistência em ocupar uma parte do território egípcio, a região de Taba no Sinai, todas estas coisas representam um desvio do texto e do espírito do acordo de Camp David. O Egípto pediu muitas vezes a Israel para considerar a sua posição nestas questões de maneira a abrir o caminho para se poder acelerar a via do processo de paz. Ainda esperamos que Israel retire as suas tropas do Líbano e que pare com a sua política expansionista dos territórios árabes e aceite entrar em negociações positivas no que diz respeito a Taba, de maneira a poderem continuar as negociações para a paz nesta área, o que é muito importante para a segurança da região e do mundo inteiro.

MAD está em sintonia com nova força política

O Movimento para o Aprofundamento da Democracia (MAD) disse «ver com muito interesse» a iniciativa em curso tendente à constituição de uma nova formação política.

Segundo a análise da Comissão Coordenadora do MAD tal formação poderá vir a ser «uma contribuição significativa para a clarificação do sistema partidário, para o ordenamento político nacional e para o reforço da função representativa».

Um comunicado do MAD afirma ainda que «a eficácia da utilização das estruturas que tornaram possível, em 1980, a reeleição do actual Presidente da República, traduz-se hoje num processo original de organização da nova força política».

O MAD acrescenta que «na tomada de posição pública da nova formação se encontraram explicitados valores e principais que são pontos de referência fundamentais da prática cívica e cultural do Movimento para o Aprofundamento da Democracia».

Para o MAD, a nova formação partidária poderá vir a ser um importante factor de mudança, esperando-se que «pela sua implantação e pelo seu realismo possa encontrar as linhas dominantes e viáveis do processo de desenvolvimento nas várias regiões e no país como um todo e que, pelos seus modos de actuação e pela sua fiel representatividade, exprima uma democracia crescente da prática política».

Gaspar da Silva regressou de reunião da SADCC

O secretário de Estado da Co-Operação, Gaspar da Silva, já regressou de Londres onde chefiou a delegação portuguesa que participou na conferência da Organização de Desenvolvimento e Coordenação dos Países da África Austral (SADCC).

A reunião da SADCC terminou na sexta-feira e Gaspar da Silva referiu então que Portugal tem grande importância na organiza-

ção por apoiar Angola e Moçambique nas suas responsabilidades dentro dos planos conjuntos da organização, nomeadamente nos sectores da saúde, energia e educação, cuja coordenação lhes cabe.

Portugal possui estatuto de observador junto da SADCC devido à sua ligação com o continente africano e ao apoio que concede às suas ex-colónias.

José Delgado Martins

O eléctrico ia cheio.

O passageiro gordo poisou o jornal e atirou-o para o companheiro:

— O Mário garantiu ontem que a lei vai mesmo passar.

— A coisa não é de caras. Não te esqueças dos recalcitrantes, retorquiu o companheiro.

Para isso há bom remédio, avançam os suplentes e a jogada está ganha.

— Então isto agora é como na bola? Quando há azar com os efectivos jogam as reservas?

— Tem que haver disciplina, quem manda é o Governo! — defendeu o gordo.

O eléctrico parou. Chegámos à Graça e os dois desceram.

Pensando bem, o passageiro gordo não deixava de ter razão. Não havia memória de um deputado substi-

tuto atraí-lo a disciplina do seu grupo.

Sempre, nas horas das votações decisivas, o substituto se levantara silenciosamente, como um autómato, cumprindo a vontade da maioria.

Ocorreu-me, então, porque não introduzir no Parlamento uma nova figura — o «deputado robot».

A disciplina ficaria à partida garantida. Não se colocariam mais nesses difíceis momentos dificuldades para o Governo. O «quorum» seria praticamente assegurado.

E, que eu saiba, os robots não são poetas ou antifascistas, não pensam pela sua cabeça e nem comem nem bebem.

Afinal quem ganharia era a Nação...

Não consegui evitar antever a imagem. Das galerias cheias em dia de votação quente soltar-se a exclamação — Oh Zé, olhá Robot!...

Eleição de deputados é questão secundária

— diz João Jardim

O chefe do governo madeirense afirmou que nas eleições regionais «mais do que o nome dos deputados, o que está em causa é prosseguir a autonomia e o desenvolvimento da região».

Falando na sessão comemorativa do dia do Porto Moniz, Alberto João Jardim adiantou que «a escolha dos deputados é uma questão secundária» face ao desafio de se formar uma governação que prossiga a política de defesa da autonomia e do progresso.

Admitiu estar a ser pressionado para escolher «determinadas

pessoas» para deputados, no seio do seu partido.

«Não cederei a pressões e desde já o digo que a lista será formada pelas pessoas certas que formarão uma equipa» — acentuou.

Sublinhou que «aqueles que pensaram primeiro no seu prestígio e na validade pessoal ficarão pelo caminho».

A lista de candidaturas do PSD às eleições legislativas regionais de 14 de Outubro deverá ser conhecida no princípio de Agosto. Alberto João Jardim será o ca-

beça de lista pelo círculo do Funchal.

Críticas do PCP

A organização do PCP na Madeira considerou que a actuação dos deputados sociais-democratas na Assembleia Regional «subverte totalmente as instituições parlamentares, desrespeitando quaisquer normas democráticas».

Em comunicado, os comunis-

tas afirmam que «tal desrespeito exige uma maior e mais forte oposição na próxima Assembleia», a constituir, em consequência das eleições legislativas de Outubro.

Criticam também o deputado social-democrata, Alcino Barreto, que, na última sessão da Assembleia Regional quando presidia à mesa do Parlamento, retirou a palavra a um deputado comunista «no uso dos seus poderes regimentais, por considerar que estavam a ser feitas críticas a Alberto João Jardim e este não se encontrava ali para se defender».

FORMAÇÃO PROFISSIONAL DE JOVENS EM EMPRESAS

ACÇÃO-PILOTO NO ÂMBITO DO DESPACHO CONJUNTO DOS SECRETÁRIOS DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DO EMPREGO, DE 21 DE FEVEREIRO DE 1980

CURSOS (Duração de 3 anos):

- Fresadores
- Torneiros mecânicos
- Rectificadores
- Electricistas de instalações industriais
- Serralheiros civis e de tubos
- Soldadores
- Montadores de estruturas metálicas
- Serralheiros mecânicos

CONDIÇÕES DE INGRESSO:

- Habilitações mínimas — Possuir a escolaridade obrigatória no acto de inscrição, concluída pelo menos há um ano
- Habilitações máximas — 9.º ano escolaridade incompleto
- Idade: 14 ou 15 (em 1 de Outubro de 1984)
- Residir na área de uma das empresas

REGALIAS:

- Subsídio mensal de formação
- Certificado Profissional e de equivalência ao 9.º ano de escolaridade no final do curso.
- Seguro de acidentes.

EMPRESAS:

- Arsenal do Alfeite (Almada)
- Casa Hipólito, SARL (Torres Vedras)
- Coelima — Indústrias Têxteis, SARL (Previdem — Guimarães)

- C.P. — Comp. Caminhos de Ferro, EP (Barreiro)
- C.P. — Comp. Caminhos de Ferro, EP (Entroncamento)
- Comp. Carris de Ferro de Lisboa, EP (Miraflores/Algés)
- INDEP — Fábrica de Braço de Prata (Lisboa)
- MAGUE, SARL, Construções Metalomcânicas (Alverca)
- Metalúrgica Progresso de Vale de Cambra Lda.
- SETENAVE — Estaleiros Navais de Setúbal, EP
- Siderurgia Nacional, EP (Paio Pires)
- SEPSA — Soc. Const. electromecânicas, SARL (Leça do Balio)

INSCRIÇÕES:

Estão abertas de 18 a 30 de Julho nos seguintes Centros de Emprego, devendo os candidatos inscrever-se no mais próximo da sua residência:

- ALMADA: Rua D. Sancho I, 32
 - BARREIRO: Rua Vasco da Gama, 45-B
 - GUIMARÃES: L. do Toural, 27-2.º
 - LISBOA: Rua Conde Redondo, 129-A
 - MATOSINHOS: Av. Serpa Pinto, 522, 2.º Dt.º
 - SANTARÉM: Rua Nuno Velho Pereira, 14, 1.º
 - SETÚBAL: Av. Combatentes da Grande Guerra, 45
 - S. JOÃO DA MADEIRA: Rua Visconde, 2291-1.º
 - TOMAR: Rua marçães de Tomar, 8
 - TORRES VEDRAS: L. Inf. D. Henrique, letras RSS
 - VILA FRANCA DE XIRA: R. da Bélgica, lote 2-1.º Dt.º
- Informações complementares serão fornecidas no local de inscrição



MUNICÍPIO DE LISBOA EDITAL N.º 55/84 VIATURAS ABANDONADAS

Faz-se saber que os veículos abaixo indicados e que se encontram depositados nos depósitos da 1.ª Repartição-Armazéns e Imprensa Municipal, na Av. 24 de Julho, 171, serão vendidos em hasta pública conforme o preceituado no Edital n.º 24/82, Decretos-Lei n.º 57/76 e 131/82 se os seus proprietários os não levantarem no prazo de noventa dias a contar da data do presente Edital. Os interessados ficarão responsáveis pelo pagamento dos encargos legais estabelecidos.

Nome dos proprietários	Locais donde foram retirados veículos	Matrículas
Mário Lourenço	Bairro do Alvito	HE-30-91
Francisco José Leite D. de Freitas	Travessa André Valente	GG-50-40
Bruno Manuel Leiros Biel	Calçada do Patriarcal	DD-47-10
João Carlos Cola Correia	Rua da Penha de França	IG-57-35
Marcos António Braga P. e Ramos	Rua Francisco Metrass	LB-70-05
Abílio Concia Sabino de Magalhães	Rua Gonçalves Crespo	RR-98-91
Bento Amator Ribeiro das Dores	Rua Conde Nova Goa	HE-55-32
Augusto Gomes	Rua Augusto Gil	BI-40-71
Ulisses de Jesus Vicente Ferreira	Rua Barbosa Calen	CI-99-71
José Eduardo Carvalho P. Mourão	Rua Alferes Barrilar Ruas	LB-56-44
João António Lopes Panacha	Rua Dr. Estevão de Vasconcelos	EI-30-85
Virgílio da Conceição Antunes	Quinta da Bela Vista	BL-48-98
Herd. de Octávio dos A. Silveira	Rua Correia Teles	HF-84-07
José Pedro Mouta Júnior	Bairro 2 de Maio	IU-29-97
Herd. de Maria Teresa Fonseca Amaral		
Santos Rego Moita	Rua Cidade Novo Redondo	LE-35-76
Senna Botto & Leitão, Lda.	Av. Elias Garcia	HB-36-77
Rádio-Indústrias, Lda.	Rua Morais Soares	DI-22-30
Luís Carlos Silva Bruno	Travessa André Valente	HE-82-17
Manuel Grou Rações	Rua Jorge Afonso	IF-31-79
Herd. de Maria Amália Mascarenhas		
Corte Real Graça Nisa D. da Silva	Rua Dr. António Cândido	HD-98-00
Herd. de Isabel Joaquina Violante		
Nepumoceno Barbosa	Travessa das Mónicas	FL-78-41
Ignorado	Zona J de Chelas	Ignorado
Ignorado	Rua General Silva Freire	Ignorado
Ignorado	Largo de Santa Clara	Ignorado
Ignorado	Zona J de Chelas	Ignorado
Ignorado	Corredor da Torrinhã à Av. 24 Julho	Ignorado
Ignorado	Av. Cons. Barjona de Freitas	Ignorado
Ignorado	Zona J de Chelas	Ignorado
Ignorado	Zona J de Chelas	Ignorado
Ignorado	Rua Dr. José Espírito Santo	Ignorado

Paços do Concelho de Lisboa, 11 de Julho de 1984
O Presidente da Câmara Municipal

(Nuno Krus Abecasis)

CDS e PSD ganham eleições na Tocha e Pinheiros

O CDS e o PSD foram os partidos vencedores nas duas eleições autárquicas ontem realizadas. Na Tocha, Cantanhede, o CDS obteve maioria absoluta com 637 dos votos expressos. Em Pinheiros, Monção, o PSD obteve 164 votos contra 91 do CDS.

As eleições intercalares para a Assembleia da Freguesia da Tocha ontem realizadas foram motivadas pela demissão colectiva da anterior Junta e Assembleia da Freguesia, por desentendimentos com a Câmara Municipal de Cantanhede, nomeadamente quanto à «escassa verba» atribuída à freguesia.

Nas anteriores eleições, em Dezembro de 1982, o PSD foi a força mais votada, seguindo-se o PS, o CDS e a APU. Referindo-se à subida eleitoral do CDS, uma fonte centrista considerou que ela se deveu ao impacto público do seu «slogan» eleitoral — «A praia é nossa». De acordo com a mesma fonte, a Câmara Municipal de Cantanhede, de maioria social-democrata, tem reivindicado terrenos da praia da Tocha que a Junta de Freguesia afirma serem de sua propriedade.

Para Manuel Queiró, presidente da Comissão Política Distrital de Coimbra do CDS, a vitória ontem averbada «foi mais uma em que se somaram os factores locais à tendência de uma forte subida do partido, ultimamente revelada».

O dirigente centrista considerou que, no caso da Tocha, «os números são particularmente impressionantes pois o CDS subiu cerca de 250 por cento numa zona de tradicional domínio social-democrata e socialista». Dos cerca de 3800 eleitores inscritos votaram 1086.

Nas eleições para a Junta de Freguesia de Pinheiros, no concelho de Monção, os únicos partidos concorrentes foram o PSD e o CDS, tendo ganho o primeiro, conforme já referimos. A anterior Junta era constituída por elementos do PSD e do PS. Estavam inscritos 318 votantes, tendo-se registado 56 abstenções, um voto branco e seis nulos.

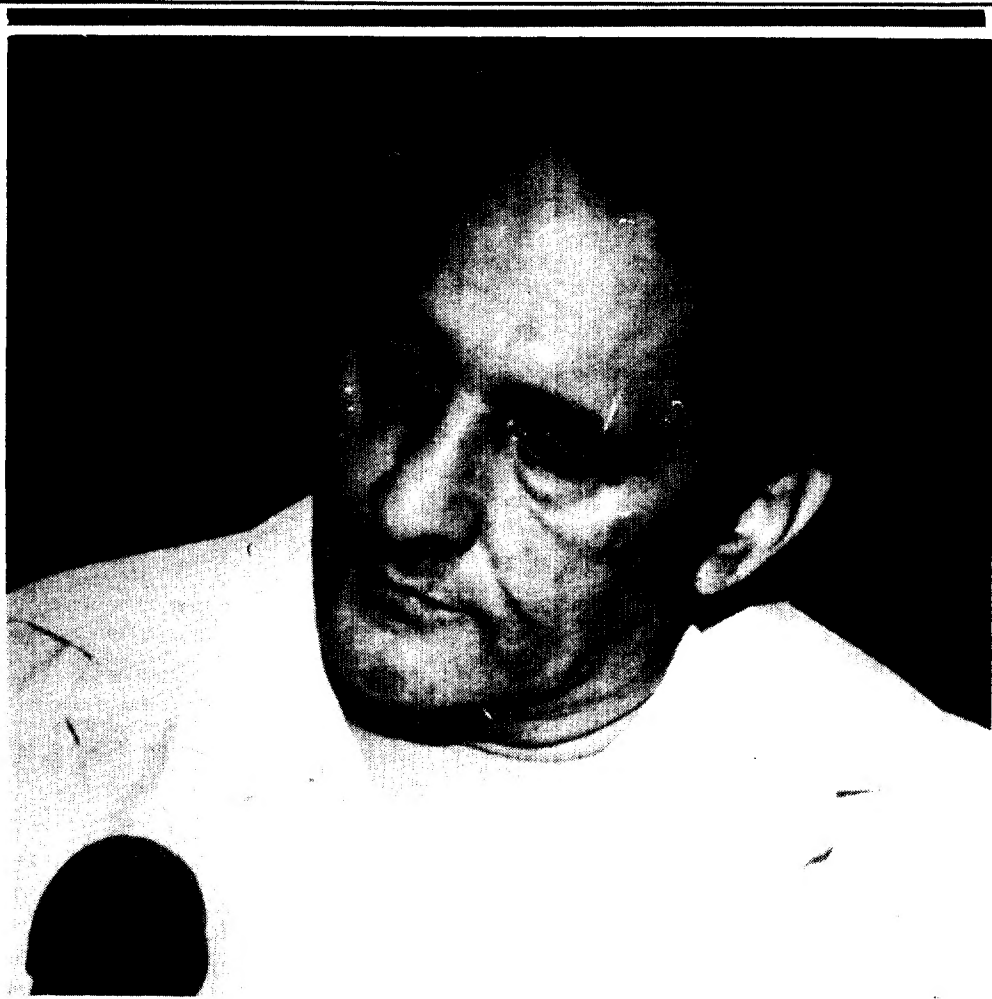


Convívio de despedida do embaixador de Cabo Verde

A Associação de Amizade Portugal-Cabo Verde ofereceu na semana passada um jantar-convívio ao embaixador de Cabo Verde e mulher, que em breve regressa ao seu país para desempenhar as funções de ministro da Educação.

O jantar-convívio, no qual participaram cerca de 70 pessoas, teve lugar na Casa do Alentejo.

Usaram da palavra o presidente da Associação de Amizade Portugal-Cabo Verde, Sérgio Ribeiro, Vasco da Gama Fernandes, que é natural de Cabo Verde, Manuel Alpedrinha, e por último o embaixador Corsino Tolentino.



Napoleon Duarte: série de «broncas» termina com carta a Eanes lamentando «lapso diplomático».

«Bronca» em 12 horas de escala

Lisboa foi «Waterloo» de Napoleon Duarte

Continuação da pag. 1

Visivelmente agastado pela situação, o Presidente da República Portuguesa, que se encontrava à esquerda do presidente salvadoreno, retirou-se para detrás dos jornalistas presentes na sala grande dos VIP no Aeroporto da Portela. Napoleon Duarte, asseguram testemunhas do incidente, revelou alguma perturbação quando Eanes se retirou do seu lado, mas prosseguiu a sua intervenção, tendo à direita Mário Soares, o ministro dos Negócios Estrangeiros de El Salvador, António Tenório, e o chefe do Estado-Maior do Exército salvadoreno, coronel Adolfo Blandon.

Após a cerimónia no aeroporto, Ramalho Eanes acompanhou Napoleon Duarte até ao Palácio de Queluz, onde o presidente salvadoreno ficou instalado.

Não houve contactos com Ramalho Eanes

E aqui ficaram os contactos entre os dois presidentes. De acordo com uma fonte da Presidência da República, «contrariamente ao que foi afirmado por Napoleon Duarte, em declarações prestadas à RTP e difundidas sábado à noite, o Presidente Ramalho Eanes e o presidente de El Salvador não mantiveram quaisquer conversações durante a permanência daquele governante em Portugal». «Ramalho Eanes limitou-se a acompanhar Napoleon Duarte a Queluz, não tendo havido troca de pontos de vista entre os presidentes», acrescentou a mesma fonte. A Presidência da República esclareceu ainda que a deslocação do presidente de El Salvador a Portugal se realizou a convite de Ramalho Eanes por sugestão do Primeiro-Ministro, Mário Soares. «O programa da visita foi totalmente elaborado pelo Governo», concluiu o mesmo informador.

Para domingo estava previsto um almoço entre Eanes e Napoleon Duarte. Contudo, à chegada do presidente salvadoreno, o

cônsul de El Salvador em Lisboa, Conde de Caria, informou o Presidente da República Portuguesa que o almoço estava anulado devido à partida antecipada de Napoleon Duarte para Washington, onde hoje se deve encontrar com Ronald Reagan.

Deste modo, ontem pelas 7h. da manhã, o presidente salvadoreno abandonou Portugal rumo aos Estados Unidos, Ramalho Eanes não se deslocou ao aeroporto, tendo enviado em sua representação o chefe da Casa Civil. Entretanto, segundo o «DL» apurou, Napoleon Duarte endereçou a Ramalho Eanes uma missiva na qual lamentava o «lapso diplomático».

Jantar e conversações com Mário Soares

Deste modo, os contactos oficiais de Napoleon Duarte ficaram confinados a um jantar oferecido na noite de sábado por Mário Soares, com quem o presidente salvadoreno manteve conversações.

Dos encontros travados nada transpirou, embora seja dado como certo que Napoleon Duarte e Mário Soares abordaram a situação que se vive na América Central, particularmente, em El Salvador. A este respeito, na curta intervenção feita à Imprensa, e que constituiu o único contacto directo com os jornalistas, o presidente salvadoreno, em digressão pela Europa «à conquista» de apoios para a sua política, referiu-se «às dificuldades resultantes do processo de democratização».

«O meu país está a passar de uma ditadura para uma democracia», frisou, acrescentando que o objectivo é «alcançar o diálogo nacional fundamentado na paz e não na guerra». Napoleon Duarte, depois de sublinhar a legitimidade do governo salvadoreno, lamentou «as posições extremistas de alguns sectores políticos, nomeadamente as da Frente Democrática Revolucionária».

O presidente de El Salvador expressou ainda os seus agradecimentos pela realização da Conferência sobre a América Latina, em finais de Junho em Lisboa. «Foi uma realização muito importante e que contribuiu para a implantação da paz e do entendimento entre os povos», acentuou.

Críticas e reparos à visita

O Partido Comunista Português manifestou a «mais firme condenação pela vinda a Portugal do ditador salvadoreno Napoleon Duarte».

O PCP considera esta visita «mais uma demonstração da vergonhosa política de submissão do actual governo com a Administração Reagan».

Em comunicado distribuído à Imprensa, o PCP chama atenção para a «coincidência desta visita a Portugal do ditador salvadoreno com novas e graves ameaças proferidas por Reagan contra a Revolução Popular Sandinista da Nicarágua, no momento em que se celebra o quinto aniversário da sua revolução».

O PCP reitera ainda nesta ocasião «o seu inteiro apoio e solidariedade para com a luta heróica do povo de El Salvador e para com a Frente Farabundo Martí de Libertação, na sua luta pela liberdade e independência nacional, o progresso social e a paz, contra a política de ingerências, ameaças e agressões do imperialismo norte-americano».

A secção portuguesa da Amnistia Internacional aproveitou também a visita para anunciar que as violações dos direitos humanos em El Salvador prosseguiram depois da entrada em funções do presidente Napoleon Duarte, e que entre 1 e 20 de Junho deste ano forças de segurança e paramilitares mataram arbitrariamente 135 pessoas.

Militantes do PS dirigem-se a Soares

Meter liberdade na gaveta é a negação do PS

Perplexos e inquietos pela situação do País, designadamente quanto à ameaça que recai sobre as liberdades, militantes de base do PS estão a subscrever uma longa carta para enviar a Mário Soares. A perplexidade e inquietação surge, dizem os militantes, «quando os direitos, liberdades e garantias por que Mário Soares e o PS se bateram parecem agora subalternizar-se a concepções centralistas, autoritárias e burocráticas do Estado».

A carta é dirigida «ao governante, ao camarada eo a cidadão Mário Soares» e começa por evocar vários factos da história portuguesa e da vida do PS.

«Estamos preocupados, escrevem, com o papel que o PS desempenha hoje». «Mesmo quando conjunturalmente metemos o socialismo na gaveta não podemos fazê-lo definitivamente e, se depois de o fazer, metermos também na gaveta a liberdade estamos a negar-nos» — dizem logo depois de se referirem às características programáticas do Partido Socialista, das quais tem havido um «afastamento progressivo».

A «constatação de que se esvazia a vida interna do PS» é um dos aspectos que merece especial atenção na mesma carta. Várias situações são apontadas para caracterizar o aludido esvaziamento: a ultrapassagem dos órgãos colegiais de direcção do PS por «conselhos privados», sem existência estatutária; a paralisação desses órgãos colegiais que nem sequer reúnem com a periodicidade exigida estatutária e regimentalmente; o apagamento dos órgãos federativos; colapso e desaparecimento de tantas estruturas de base; redução drástica dos militantes que participam na vida partidária; total subalternização da direcção partidária perante o Governo de que parece apenas dócil instrumento; subordinação ao Governo do Grupo Parlamentar do PS, súbita e inesperadamente compensada por uma nova e larguíssima autonomia perante os órgãos dirigentes do partido; silêncio do Gabinete de Estudos; ausência de diálogo, reflexão conjunta e debate entre dirigentes máximos e representantes eleitos pelas bases; emergência do secretário-geral como único órgão partidário que, de facto, dirige o partido e exerce o poder...

Segundo os subscretores do documento, a sua preocupação traduz-se em duas questões: a de saber se esta situação é desejável à luz dos princípios do socialismo democrático; a de que o PS desempenhará em Portugal o papel que o nosso concidadão muito bem entender.

lismo democrático; a de que o PS desempenhará em Portugal o papel que o nosso concidadão muito bem entender.

A iniciativa deste documento partiu de um grupo de militantes de Lisboa — Soares Louro, Neves Silva e Beja Santos, são os três primeiros subscretores — mas está a recolher assinaturas em todo o País.

MAD contra Lei de Segurança

O MAD considera que a proposta de Lei de Segurança Interna «constitui uma grave agressão à democracia», porque permite a criação de um «estado de excepção permanente».

«Em nenhuma circunstância é admissível opor à violência de parcelas perversas da sociedade civil uma não menos perversa violência estatal e policial», diz-se também num comunicado hoje divulgado pelo movimento liderado por Maria de Lourdes Pintasilgo.

O MAD apela a todos os deputados «para que assumam a sua dignidade e responsabilidade perante o povo, defendendo intrinsecamente os principais alicerces da democracia e recusando o seu voto à Lei de Segurança Interna».

Entretanto, no Algarve, o deputado José Vitorino (PSD) disse que a Lei «não pode nem deve abrir a porta a abusos do poder ou restrições dos direitos e liberdades individuais».

Vitorino criticou o Governo por ter apresentado a Lei ao Parlamento sem primeiro a debater no seio da maioria e considerou necessário introduzir modificações no debate na especialidade.

Mas afirmou ser ponto assente que a proposta do Executivo terá de ser votada favoravelmente na generalidade, caso contrário estar-se-ia a ceder «às manobras do PCP e outras forças totalitárias, permitindo que sejam elas a conduzir o País».

A mesma afirmação fez Ângelo Correia, em Coimbra, durante uma reunião de militantes sociais-democratas. Para «aproveitar o impulso político dado pelo Governo», justificou, reconhecendo no entanto que «a partir dessa base deveria conseguir-se encontrar na Assembleia da República uma versão que corresponda cabalmente às necessidades da segurança interna e do combate ao terrorismo».

Jaime Gama na Costa do Marfim

Benim e Senegal

Acordos comerciais e cooperação económica e técnica na agenda

Acordos comerciais e de cooperação económica e técnica com a Costa do Marfim e o Benim poderão ser assinados pelo ministro português dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, na viagem que iniciou ontem a três países africanos francófonos.

Jaime Gama visitará a Costa do Marfim, o Benim e o Senegal na companhia dos directores-gerais dos Negócios Políticos e Económicos e das Relações Culturais Externas do MNE e do seu chefe de gabinete. Do ponto de

vista dos contactos económicos estão previstos encontros com responsáveis do Banco Africano de Desenvolvimento (BAD) e com o Fundo Africano de Desenvolvimento (FAD), cujas sedes se situam na capital da Costa do Marfim, Abidjan. Tratam-se de organizações a que Portugal

aderiu como membro extra-regional, de modo a que empresas portuguesas possam participar em concursos africanos continentais.

Presidente da Câmara negou cópias de actas

APU de Castelo Branco insiste em inquérito

A APU de Castelo Branco anunciou que é irreversível a sua decisão de pedir uma sindicância às actividades da Câmara Municipal daquela cidade. O processo que fundamentará o pedido encontra-se em fase de preparação para ser entregue ao ministro da Administração Interna.

Os principais problemas detectados pela APU relacionam-se com a «suspeita de graves irregularidades e ilegalidades quanto a loteamentos, designadamente o caso da quinta Pires Marques». Mas diversos compromissos assumidos pela autarquia sem prévia deliberação dos vereadores são igualmente questionados.

Entre os assuntos que não foram discutidos em sessão da Câmara encontram-se, segundo a APU, o protocolo para construção de um quartel; aceitação de milhares de contos de títulos de dívidas; compromissos com as freguesias.

A mesma força política suspeita de ilegalidades na admissão e promoção de pessoal, a par do não cumprimento de deliberações da Câmara e da Assembleia Municipal, que teriam interesse para o concelho.

O presidente da Câmara de Castelo Branco terá ameaçado demitir-se no caso de se concretizar o pedido de sindicância anunciado pela APU há algumas semanas.

A situação complicou-se

quando esta força política quis fotocópias de sessões da Câmara e elas lhes foram negadas. Mais um motivo, diz a APU, para ser mesmo feito o pedido de sindicância.

Centros comerciais também em questão

A questão do período de abertura dos estabelecimentos situados em centros comerciais também é geradora da controvérsia em Castelo Branco, à semelhança do que tem acontecido um pouco por todo o País.

No caso concreto daquela cidade, a APU vem agora questionar uma alteração sobre o tema introduzida na Assembleia Municipal sobre uma proposta que lhe foi remetida pela Câmara.

A proposta elaborada pelos vereadores terá resultado de grandes esforços no sentido de obter o acordo de todas as partes envolvidas e seria aprovada em reunião ordinária. Diz, no seu artigo 1.º, sobre regime de horários: «os estabelecimentos situados nos centros comerciais estarão sujeitos aos horários praticados para os grupos, onde se insiram, consoante a sua especialidade».

Mas, na reunião da AM, os votos do PSD e do CDS introduziriam uma alteração que permite aos centros comerciais manterem abertos os estabelecimentos até às 24 horas.

Assembleia contra a Câmara

Coimbra não aceita comércio "livre"

A Assembleia Municipal de Coimbra rejeitou a decisão da câmara de liberalizar os horários do comércio, considerando que não existiu um estudo aprofundado sobre o assunto.

Por maioria, a assembleia municipal aprovou uma proposta elaborada por consenso de todas as forças políticas que irá resultar na constituição de uma comissão composta por três elementos de cada bancada para estudar a questão dos horários do comércio no concelho de Coimbra.

Na reunião foi ainda aprovada a minuta da acta na reunião a fim

de que no concelho de Coimbra os horários do comércio continuem, até nova apreciação, a vigorar entre as 9 e as 19 horas, em vez da liberalização que permitia a abertura dos estabelecimentos comerciais entre as 6 e as 24.

A Assembleia Municipal de Coimbra é de maioria PS, assim como o executivo da câmara municipal, tendo os deputados socialistas justificado a revogação da decisão da câmara pelo facto de «não ter havido um consenso e pelo pouco tempo que o executivo teve para tomar a decisão».

MANUEL DE AZEVEDO

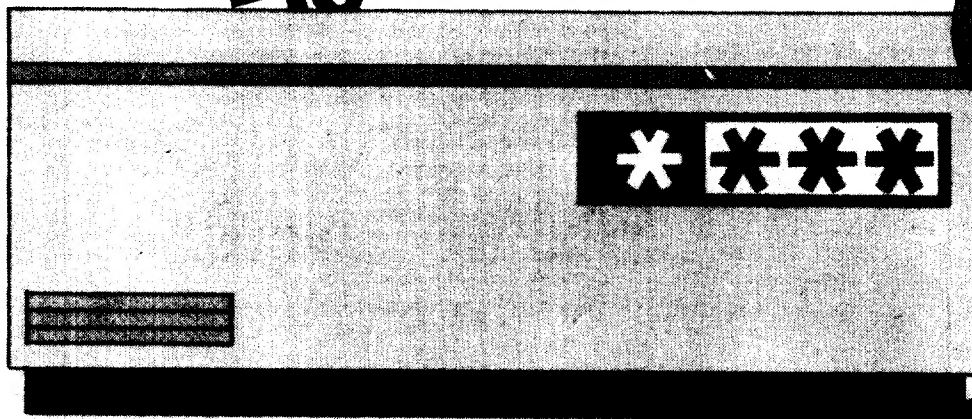
Agradecimento

As filhas do jornalista Manuel de Azevedo, Manuela de Azevedo e Georgina de Azevedo, muito sensibilizadas agradecem por este meio a todos os que se interessaram, escreveram e acompanharam na doença e na morte do pai, na impossibilidade de o fazerem pessoal e individualmente.



EVITE
locais pouco frequentados

-18° -20°



Congelar é poupar

Beja Santos

Segundo um estudo efectuado em 1981 «apenas cerca de 80% dos lares portugueses têm frigorífico, e de entre aqueles que os possuem 80% têm frigoríficos de uma só porta; só 12% dos lares portugueses têm arca frigorífica».

Pensa-se não ser muito preciso aventar a hipótese que os cerca de 180 milhões de quilogramas de alimentos congelados que constituíram o nosso consumo são profusamente utilizados na indústria de restauração (hotéis, snacks, refeitórios colectivos, cantinas de empresas etc.) e adquiridos mais para consumo doméstico imediato do que conservados por longo período, por falta de equipamentos adequados. Segundo os consumidores sondados, de um modo geral reconhece-se que a qualidade destes congelados industriais não é muito boa. E, na verdade a tecnologia dos congelados, embora tenda a melhorar, acusa deficiências, como deficiente é o controlo higio-sanitário das matérias-primas que, como se sabe, devem ser submetidas ao processo de frio imediatamente após a sua produção, captura ou abate, com especial acuidade para carne e peixe, onde, dada a riqueza proteica destes alimentos, se desenvolvem rapidamente, e a temperaturas positivas, as bactérias que decompõem a matéria-prima.

Também por isso, ao consumidor de alimentos congelados se pede particular atenção para as seguintes regras:

- adquirir sempre produtos devidamente embalados, evitando remexer fora da zona de frio nos produtos congelados expostos nas gôndolas ou armários dos retalhistas;
- escolher estabelecimentos que dêem um máximo de garantias de uma correcta manutenção dos produtos congelados (um termómetro vivível deve permitir conhecer em cada momento a temperatura do interior das gôndolas que não deve exceder os 18° negativos); os produtos devem estar totalmente rígidos e a embalagem em perfeito estado, hermeticamente fechada e sem rasgões;
- adquirir os produtos congela-

dos em último lugar mantendo-os juntos para evitar trocas de temperatura e procurar que o transporte para casa não dure mais que uma hora;

— uma vez em casa, guardar sem demora os produtos congelados no congelador, procurando que o nome do produto fique visível para evitar aberturas prolongadas do congelador.

Ainda está muito generalizada a noção de que o frio, por si só, dá frescura aos alimentos. Cuidado com os equívocos! E vejamos porquê.

Os micróbios cessam totalmente a sua actividade a temperaturas que rondam os -10°. Quanto aos enzimas, admite-se que a sua actividade é praticamente anulada a cerca de -30°. Seja como for, registre-se o abastecimento de temperatura que se regista, a «população microbiana» não é destruída, apenas reduz ou suspende a sua actividade, retomando-a logo que a temperatura sobe.

Contrariamente ao calor, o frio não esteriliza.

Devem, pois, observar-se normas de higiene severas ao longo de toda a cadeia de frio, até ao momento do consumo, para preservar a salubridade dos alimentos: todos os equipamentos ou aparelhos que contactem com os produtos devem ser frequente e eficazmente limpos; sempre que possível devem embalar-se os produtos em materiais adequados e respeitar a inviolabilidade da embalagem até ao consumo.

Isto quer dizer que o sector retalhista é altamente responsável por uma boa conservação dos congelados que o consumidor adquire. Também ao retalhista cabe a vigilância de alguns preceitos essenciais de que se destacam:

- garantir uma boa circulação do ar deixando, pelo menos, 15 cm entre a carga e as paredes, deixando uma margem ampla entre a carga e o tecto;
- impedir subidas de temperatura, evitando aberturas desnecessárias de portas quando se retiram alimentos ou na introdução dos produtos congelados;

— arrumar as cargas por lotes bem identificados garantindo que saiam primeiro as mais antigas.

E isto porquê? O elemento essencial da venda a retalho dos produtos conservados a baixa temperatura é o móvel de exposição (expositor frigorífico, móvel vertical ou gôndola), o qual deve assegurar três funções:

- proteger os produtos contra contaminação, sujidade e poluição;
- conservá-los e mantê-los à temperatura indicada, inclusive durante as noites e os dias de fecho do estabelecimento;
- expô-los bem rotulados e acondicionados à vista dos consumidores.

Vejamos agora a conservação doméstica. Se não se utilizarem no mesmo dia da compra, os produtos congelados industrialmente conservam-se:

- No frigorífico, 1 dia.
- No congelador do frigorífico, 3 dias.
- Num conservador «TRÊS ESTRELAS», 3 meses.
- Num conservador «QUATRO ESTRELAS», também 3 meses.

Atenção: se os produtos congelados, ao chegar a casa, tiverem sofrido um princípio de descongelação, devem ser consumidos no mesmo dia, ou, no máximo, no dia seguinte.

A descongelação. Para efectuar a descongelação dos produtos congelados industrialmente da maneira mais correcta, convém ler com atenção a forma de preparação indicada na embalagem.

A maioria destes produtos não precisam de descongelação prévia, e podem pôr-se directamente na tacho ou no forno, segundo os casos.

- Os produtos que requeiram descongelação prévia, descongelar-se-ão de preferência no frigorífico;
- Genericamente, pode dizer-se que os produtos congelados se preparam da mesma maneira que os alimentos frescos correspondentes.

O leitor que esteja interessado numa informação mais detalhada

sobre a conservação doméstica, deve solicitar gratuitamente o livro «COMO CONGELAR OS ALIMENTOS EM CASA» para: IAPA (ex-Instituto Nacional do Frio), R. Filipe Folque, 46, 1000 LISBOA.

Que alimentos se podem congelar? Praticamente podem congelar-se todos os alimentos, tanto animais como vegetais. No entanto:

- Torna-se mais interessante congelar aqueles produtos que se não podem encontrar durante todo o ano em estado fresco, por a sua temporada ser curta, tais como a maior parte dos legumes, verduras, algumas frutas e caça. Também interessa congelar carne, aves, pescado, etc., assim como os pratos já cozinhados, pastelaria, bolos e pão;

— Convém congelar os alimentos frescos quando se encontram no mercado a preços baratos.

Entretanto, não nos devemos esquecer que só se podem congelar produtos de primeira qualidade. Não é por demais insistir que a congelação não confere saúde a um alimento bacteriológicamente alterado — a congelação só paralisa a actividade dos microrganismos enquanto houver frio. Há que não esquecer, também, de embalar os produtos congelados em casa nas quantidades adequadas para o que se precisa em cada refeição. As operações ficam concluídas deixando esfriar completamente o produto antes de o meter no congelador e apondo-lhe etiquetas de conteúdo e data.

Em resumo, estes alimentos que nos chegam do frio podem considerar-se como um dos pilares da economia moderna no tocante à alimentação variada, económica e saudável.

Desenvolvendo aptidão, podemos tirar o melhor partido do congelador doméstico, aforrando em tempo de penúria e diversificando as nossas ementas.

Definitivamente, congelação e poupança passaram a andar de mãos dadas para mitigar a nossa consumição.

Beja Santos

Fim-de-semana calmo nas praias e nas estradas

Caparica ficou mais perto com terceira via

Com Beja (38 graus) a ser a cidade mais quente do País, a GNR a registar quatro mortos nas estradas e o Instituto Nacional de Socorros a Náufragos a não detectar nenhum acidente fatal, o último fim-de-semana foi marcado pela abertura da «terceira via» da Ponte 25 de Abril, facto que veio tornar mais acessíveis as praias a Sul do Tejo, com particular destaque para os areais da Costa de Caparica. Segundo uma informação prestada por elementos da Brigada de Trânsito da GNR em serviço na ponte, a «terceira via» foi aberta, no sábado, e domingo de manhã, durante cerca de hora e meia (das 8 às 9 e 20), sendo reaberta nos mesmos dias, e por idêntico período, a partir das 17 horas.

Relativamente aos acidentes nas estradas, o mais grave aconteceu em Matosinhos, na Rua de S. Gens, onde um automóvel atropelou mortalmente mãe e filho e feriu ainda a mãe da primeira. Por um passeio daquela rua circulava Ana Maria Rosinha Fidalgo, de 28 anos, casada, rececionista num consultório médico, Ricardo Jorge Fidalgo, de quatro anos e Maria Conceição Fidalgo, de 45 anos, viúva, todos residentes na referida artéria. De súbito, um automóvel conduzido por Manuel Oliveira Gonçalves, de 19 anos, serralheiro, residente em Santo Tirso, atropelou-se ao fazer uma ultrapassagem e ao verificar que vinha outro veículo em sentido contrário galgou o passeio, indo colhar os três transeuntes. Em Gavião, no distrito de Portalegre, um automóvel despiستou-se causando a morte do condutor, António Alves, de 63 anos, e ferimentos graves nos dois passageiros. Por sua vez, na Avenida Salvador Allende, em Oeiras, um cidadão indiano de 47 anos, Sadruhin Ahmed Ali, residente em Lisboa, foi esmagado por

uma viatura ligeira de mercadorias quando iniciava a descarga de artigos depositados na sua carrinha. Segundo testemunhas oculares, Sadruhin Ali, tinha a sua carrinha, uma «Mitsubishi Canter» sinalizada, quando de súbito surgiu na mesma mão uma outra carrinha que a abalroou pelas traseiras. Sadruhin ficou entalado entre os dois veículos, sofrendo esmagamento dos membros inferiores e da bacia, tendo tido morte imediata. Finalmente um veículo em que seguiam membros de duas famílias capotou na esplanada marginal próximo de

Caxias, tendo ficado feridos oito pessoas. A identidade dos sinistrados, que deram entrada no Hospital de S. José, é a seguinte: Lurdes Fernandes Ruivo, de 35 anos, Anabela Fernandes Ruivo, de 11, Laurinha Farinha dos Santos, de 23, Diogo Alexandre Fernandes Ruivo, de sete, Sérgio Miguel Fernandes Ruivo, de cinco, Conceição Farinha Fernandes, de 33, Elvira Farinha Fernandes, de 28 e Nuno Luís Fernandes da Silva, de quinze anos.

No que respeita à situação nas praias portuguesas, um porta-

-voz do Instituto de Socorros a Náufragos disse ao «DL» que, até cerca do meio-dia de hoje, ainda não havia conhecimento de nenhum acidente fatal ao longo do último fim-de-semana. A mesma fonte referiu, entretanto, que desde o início da época balnear, em 1 de Junho, já morreram afogados 29 banhistas nas nossas praias.

Entretanto, mais de quatro mil veículos automóveis entraram no mesmo período em Portugal pela fronteira de Vilar Formoso. De acordo com as autoridades aduaneiras a maioria deste mo-

vimento diz respeito a emigrantes portugueses em período de férias.

O mesmo informador disse que este movimento foi sensivelmente inferior ao registado no mesmo período do ano passado.

Idêntica informação foi referida pelos Caminhos de Ferro da Guarda relativamente ao número de comboios especiais organizados a partir de Vilar Formoso para transporte de emigrantes.

Em termos de temperaturas, a máxima prevista para hoje em Lisboa é de 31 graus.

ARTIGO DE FUNDO

MÁRIO CASTRIM



Aqueles participantes no concurso da televisão apenas conseguiram nomear um poeta português nado ou criado no século dezanove. É muito fácil dizer que os únicos culpados são eles.

Responde tu que me lês: quem é Carlos Queiroz? Quem é Amadeo de Souza Cardoso? Quem é Chalana? Desculpa. Mas a tua ignorância e o teu conhecimento têm raízes que te ultrapassam.

Escrevo estas linhas depois do programa de Paulo Autram. Poetas de cá e de lá. E podia ter dito poetas de Angola, de Moçambique, da Guiné, de S. Tomé, de Timor. De poetas emigrados na França, na Alemanha. Língua portuguesa, nossa mãe.

Um programa desgarrado. Acabou, acabou. Ao nível da grande audiência, com o carácter de planificação, nestes últimos tempos, as «palavras (ben)ditas» de Mário Viegas, após a vitória da poesia que foi a sua passagem pelo programa de Júlio Isidro. É pouco.

Recordemos que não existe, neste momento, um único programa de televisão dedicado à literatura. Há-os, sim, dedicados ao cinema, ao teatro, ao jazz, à culinária, aos touros, ao desporto. Para os livros, nada. Nem pouco, nem muito, nem maus, nem bons, nem fora.

Inquérito a 50 juvenzinhos entre os 12 e os 15 mostrou-me que a quase totalidade não lia e que a quase totalidade vê televisão. Não tiro conclusões de causa e efeito. Mas se a própria televisão não lê, certas relações são inevitavelmente de tirar...

TV vende livros? Claro. Vende detergentes, vende políticos, vende desinformação, por que é que não havia de vender livros? Mas ostensivamente ela não quer.

Recordo João de Deus: quem teve a grande desgraça de não aprender a ler/sabe só o que se passa/ no lugar onde estiver. Sim. A leitura é a verdadeira janela sobre o mundo. Ela e não a televisão.

Claro que não há qualquer incompatibilidade entre a poesia e o povo. Pelo contrário: nasceram um para o outro.

Tenho nos olhos uma imagem preciosa. O poeta Ary dos Santos está deitado no seu caixão. Entre na sala precisamente quando um turno se forma com operários da Lisnave.

Poesia também é estaleiro, construção de navios. A fábula estava completa.

Foi salvo

da "justiça popular"

pela GNR

Violador de garoto de 12 anos quase queimado em Matosinhos

Em Guifões, a GNR salvou de linchamentos pela mão de populares um indivíduo acusado de ter agredido e violado um garoto de doze anos num local ermo daquela freguesia do concelho de Matosinhos.

José Domingos de Azevedo, de 34 anos, trolha de profissão, foi procurado por vários populares, revoltados pela sua condenável acção, que o cercaram em sua casa, à qual pretendiam atear fogo. Só a intervenção da GNR impediu que a acção tivesse sido concretizada.

Conduzido sob escolta ao posto da GNR de Matosinhos, José Domingos confessou o crime, tendo revelado ainda a sua condenação, há quatro anos, por um delito idêntico. Apresentado posteriormente aos Juízes de Instrução Criminal do Porto, o violador deu entrada na cadeia de Custóias, onde irá aguardar julgamento.



D. Escova e o Sr. Sapato: um casal brilhante!

Eles conheceram-se há muitos anos.

Ele sempre brilhante e bem conservado, ela sempre pronta a lustrá-lo com carinho.

Com o mesmo carinho com que são feitos os produtos SLENDOR com a garantia de qualidade SOCINCA.

... E SOCINCA quer dizer: mais de 30 anos de experiência no fabrico de produtos para calçado

que se encontram à venda em qualquer ponto do país.

Agora você também já sabe quem é a SOCINCA.

Aceite um conselho de especialista:

— Escolha experiência. Escolha produtos SOCINCA.

Splendor



SOCINCA
SOCIEDADE INDUSTRIAL
E COMERCIAL DE
PRODUTOS QUÍMICOS LDA
Valejas - Carnaxide



de ontem para hoje

Centro de hemodiálise vai funcionar em Évora

Os doentes renais da Região Sul irão dispor, a partir de Abril de 1985, de uma unidade de hemodiálise em Évora, cujas obras de instalação terão início hoje no hospital daquela cidade. As obras orçarão em 40 mil contos. Os cerca de cem doentes renais da Região Sul que necessitam de tratamento em unidades de hemodiálise têm actualmente de deslocar-se a Lisboa ou a Setúbal para receber tratamento. Lisboa, Setúbal, Coimbra e Porto são as únicas cidades do País onde existem unidades de hemodiálise.

Assassinada por embuçado em Odivelas

Uma mulher de 35 anos, Hortense Rosa Farias Luis da Maia, de 35 anos, foi assassinada na presença de uma filha de dez anos, por um indivíduo embuçado, alto e magro, que, tal como noticiámos, na madrugada da passada quinta-feira, entrou na sua residência, em Odivelas, no concelho de Ferreira do Alentejo. O assassino aproveitou a ausência do marido da vítima, padeiro de profissão. Hortense Maia foi atingida com três tiros de pistola 6.35 e uma punhalada no coração. O crime, ao que admite agora a GNR, poderá estar relacionado com dois assaltos levados a cabo há dois anos à casa de Hortense Maia, seguidos de uma ameaça de morte. Na sequência dos dois assaltos o padeiro Miguel da Maia pre-



tendeu contactar a Polícia Judiciária, mas não o fez ao encontrar debaixo da sua porta uma carta escrita à mão, em que se podia ler: «Miguel, não digas nada à Judiciária, senão a tua filha morre». Refira-se que Hortense Maia se ia juntar todas as madrugadas com o marido por volta das cinco horas.

Casa destruída pelo fogo em Ovar

Um incêndio provocado por um curto-circuito destruiu ontem uma casa habitada em Ovar causando prejuízos avaliados em cerca de mil contos. O fogo deflagrou nas águas furtadas da residência consumindo todo o seu recheio e fazendo desabar o telhado, mas a família que a habitava conseguiu salvar-se a tempo.

Naufrágio da «Águia Vigilante»

A traineira «Águia Vigilante», matriculada na capitania da Horta e com uma tripulação de doze homens, encalhou ontem junto à costa da baía da Ribeira a Sul da ilha do Pico. Toda a tripulação foi salva mas falharam as tentativas de recuperação do barco levadas a cabo por duas traineiras e pela corveta da Ar-

mada «Baptista de Andrade». A «Águia Vigilante» tinha sido adquirida em Sesimbra e o acidente ocorreu quando estava na faina da pesca de fundo. Uma fonte do Comando Naval dos Açores referiu que o naufrágio pode ter tido origem no desconhecimento da costa por parte do mestre da embarcação.

Atropelada pelo marido em Esposende

Uma mulher morreu ontem atropelada pelo marido, em S. Bartolomeu, Esposende, quando este, conduzindo um furgão, fazia manobra de marcha-atrás. O veículo colheu Maria de Lurdes Sá Figueiredo, de 27 anos, esmagando-a de encontro a uma coluna. Transportada de urgência para o Hospital de S. João, no Porto, Maria de Lurdes, que era natural e residente em Vilar do Paraíso, Gaia, chegou ali já sem vida.

«Carta-patente» para oficiais da GNR

Os oficiais do quadro permanente da Guarda Nacional Republicana têm a partir de agora regulamentada a passagem da «carta-patente», cuja posse lhes tinha sido conferida no Estatuto aprovado em Dezembro do ano pas-

sado. A «carta-patente», que substitui o diploma de funções públicas, servirá para averbar as promoções, as passagens à reforma ou reserva e outros averbamentos respeitantes à carreira dos oficiais.

Convívio de emigrantes em Elvas

Um grupo de emigrantes naturais de Elvas, há vários anos radicados em Bruxelas, promoveu no passado fim-de-semana naquela cidade o Primeiro Encontro do Emigrante Alentejano. Os participantes efectuaram um debate durante o qual foram expostos os problemas que enfrentam no estrangeiro, tendo havido ainda na praça de touros local um festival do cavalo em sua honra.

Electrocutado num tanque no Montijo

Num tanque de rega, situado numa quinta dos arredores do Montijo, um agricultor de 49 anos, Caetano Bisca, morreu ontem electrocutado em virtude de um dos fios de corrente do referido motor estar descarnado e, desde logo, em contacto directo com

a água. Um filho do malgrado agricultor, Armando Caetano, de 20 anos, acorreu aos pedidos de socorro do pai e só não teve o mesmo trágico destino porque um vizinho se apercebeu do que se estava a passar, desligando o motor.

Agricultor suicida-se em Anadia

Após ter discutido em casa com a mulher que, entretanto, se ausentou, o agricultor António Vieira, de 46 anos, suicidou-se em Anadia, com um tiro de caçadeira na região torácica. A arma foi encontrada junto ao cadáver, com um cartucho descarregado na câmara.

Americano traficava haxixe em Lagos

Agentes da PSP de Lagos detiveram numa casa de jogos daquela cidade algarvia um norte-americano de 25 anos, Ronald Albert Zimmerman, quando ali pretendia comercializar haxixe. Ronald disse ser motorista de profissão e residir em Nova Iorque.

Os tribunais perante os chamados «agentes da ordem»

Todos os polícias que matam são merecedores de louvor público?

Aconteceu na madrugada de 25 de Junho de 1979 à porta do bar-restaurante «Galo», junto ao Parque Mayer: Augusto Mota, de 28 anos, electricista há vários anos empregado no Teatro Maria Vitória, sem qualquer espécie de cadastro criminal, casado, com um filho de oito anos, tendo como progenitor o proprietário de um café situado a poucos metros da Praça da Alegria, foi atingido com um tiro na nuca, disparado à queima-roupa por um indivíduo que, posteriormente, acabaria por ser identificado como o guarda da PSP Lourenço Barros, na altura trajando à civil. Transportado para o Hospital de S. José, Augusto Mota nunca mais saíra do estado de coma, vindo a falecer seis meses depois, ou seja, mais concretamente, no dia 8 de Dezembro.

«O meu filho — relatou na altura ao «DL» António Mota — encontrava-se ali, junto ao «Galo», a conversar como era habitual após a saída do serviço com uns amigos da sua criação. Dentro do «Galo» houve um indivíduo que começou a fazer distúrbios, o que levou o encarregado do estabelecimento a chamar a Polícia. Compareceram dois guardas da esquadra da Alegria, fardados, e arastaram para a rua o indivíduo em questão. Mas, segundo o que viriam a afirmar os amigos do meu Augusto, o procedimento dos guardas foi quase brutal. O indivíduo que provocara os distúrbios devia estar embriagado.

Deu-se então uma intervenção de um dos amigos do Augusto, o João Rodrigues, que terá dito aos polícias que não batessem mais no homem, porque ele ia preso e não havia necessidade de se fazer isso. Os polícias não lhe ligaram e continuaram a arrastar o homem a caminho da esquadra.

Mas nisto veio do interior do «Galo» um outro sujeito, que mais tarde se soube ser um polícia à paisana, que ao ouvir o que dissera o João Rodrigues, foi ter com os dois guardas que levavam o preso e instigou-os a voltarem atrás, para o agredirem. E os polícias assim fizeram, segundo contam os amigos do meu Augusto.

Mas, talvez, não batessem muito, pois o tal agente à paisana a certa altura terá dito que «era preciso bater com mais força». Penso que se terá gerado alguma confusão e, de repente, o polícia à paisana apontou a arma ao meu Augusto e disparou à queima-roupa, estendendo-o no chão com um tiro na nuca».

Os «considerandos» de Artur Varatojo

Cinco anos decorridos sobre este incidente (neste período Alexandre Mota deixou o número dos vivos, por doença, e o seu neto e filho da vítima, o pequeno Alexan-



O electricista Augusto Mota morto junto ao Parque Mayer em 1979. O agente da PSP, autor do disparo, foi agora absolvido na Boa Hora

dre, de oito anos, morreu atropelado quando jogava à bola na Praça da Alegria) aconteceu o julgamento do processo no 3.º Juízo Criminal da Boa Hora. Resultado: o réu Lourenço Barros, foi absolvido. Na audiência não houve nenhuma testemunha de acusação (o advogado inicialmente convocado pelos familiares de Augusto Rosa desistiu inesperadamente ainda na fase de instrução) e a mãe do malgrado electricista não chegou tão-pouco a ser convocada para depor. Mas apesar desta estranha e «kafkiana» decisão (Kafka cada vez mais presente nos bastidores da jurisprudência portuguesa), o advogado do guarda Lourenço Barros, o dr. Artur Varatojo, ainda tentou apresentar o seu constituinte como vítima, «é hoje um polícia que a seu pedido faz serviço num posto clínico por ter medo de ser polícia», e, necessariamente, merecedor de um voto de louvor, ele que, disse Varatojo, antes da madrugada fatídica de 25 Junho de 1979 «era um indivíduo destemido, acarinado e escolhido pelos seus superiores para enfrentar situações difíceis».

O dr. Varatojo representou, é certo, o papel que lhe estava reservado ao assumir-se como defensor do guarda Lourenço de Barros. Mas o delegado(a) do procurador da República e os juizes que assumiram este acórdão? Será que também eles estavam dispostos a subscrever, se necessário, um louvor ao guarda que, a sangue-frio, matou um paco trabalhador?

Fitz Quintela e Mário Raposo

Mas o mais grave é que este não foi caso «virgem» nas polémicas sentenças saídas nos últimos anos dos tribunais portugueses, sempre que no banco dos réus se encontra um dos chama-



O forçado Nuno Neto morto por agentes da PSP junto à sua casa, na Rua Castilho. Foi há dois anos e o processo ainda está na fase de instrução

dos «agentes da autoridade». E no caso que se segue, o Tribunal da Boa Hora (antiga sede dos Plenários da cada vez mais distante — próxima memória) volta a ser de novo o palco da acção. Vamos recordar: o advogado Fitz Quintela, de 34 anos, casado, pai de dois filhos menores, foi morto ao volante do seu «Mini», no dia 28 de Maio de 1977, numa das circulares do Parque de Monsanto, por tiros de «G-3» disparados por um agente da PSP que afirma tê-lo confundido com o assaltante de um supermercado em Linda-a-Velha. O autor dos disparos, Conceição Araújo, que no período em que decorreu a instrução do processo foi promovido (qual louvor) ao posto de subchefe, acabaria por ser condenado, de forma mais do que benévola, à pena suspensa de quatro meses de prisão, com base na tese jurídica de «homicídio involuntário». Referindo-se à morte de Fitz Quintela (militante do PCP), o então bastonário da Ordem dos Advogados, e posteriormente ministro da Justiça, dr. Mário Raposo, afirmou que «o direito à vida de um cidadão foi banalmente destruído por um equívoco que nada, ou ninguém, poderá desculpar ou aligeirar no seu significado».

Ainda no campo dos processos já julgados, no Funchal (onde a 17 do corrente dois agentes da PSP foram acusados por amigos da vítima de terem lançado um jovem operário, Manuel Gonçalves, de uma ribanceira com 110 metros de altura), um guarda da mesma corporação, Carlos Morgado, foi condenado pelo Supremo Tribunal Militar Judicial, na pena de quatro anos de prisão pelo crime de homicídio na pessoa de Maria Eugénia da Silva Carvalho, de 30 anos, quando esta pretendia resistir a uma simples decisão municipal de partilha da casa que habitava com a mãe, em Câmara de Lobos. O acórdão,

que já transitara com idêntica sentença do Tribunal de Relação de Lisboa, condenara «a vergonhosa conduta que o réu tomou, pela morte gratuita e escusada de uma infeliz mulher na força da vida». Só que também aqui a pena não é reflexiva do parecer verbal. Pelo que assumimos como pertinente a seguinte interrogação: será que o réu não fosse agente da PSP, e perante o reconhecimento pela mais alta instância jurídica deste país da sua «vergonhosa conduta», o acórdão teria sido tão benévolo como foi?

Um amigo de Almeida Bruno

E a finalizarmos esta nossa já longa reflexão, um caso que ainda não correu em julgado, não tendo sequer passado da fase de instrução: há dois anos um jovem engenheiro técnico agrícola e forçado amador, Nuno Francisco Moraes Neto, de 24 anos, foi morto à porta da sua casa na Rua Castilho, em Lisboa. Nuno Neto, oriundo de famílias abastadas do Ribatejo, foi abatido por elementos de uma patrulha da chamada «Brigada Especial» da PSP, após, refere o auto de notícia, ter ultrapassado um dos sinais vermelhos na Avenida da Liberdade (era já madrugada), não acatando depois as ordens para parar. A patrulha fazia-se transportar num pequeno Honda, sem qualquer indicação que referenciasse a sua condição de veículo policial.

O jovem, segundo sustenta o pai, foi então abordado pelos elementos da patrulha quando estacionou à porta da sua casa, arrastado para fora do veículo, agredido e alvejado mortalmente, também aqui à queima-roupa.

Ao que apurámos, o pai de Nuno Neto é amigo pessoal do comandante-geral da PSP, brigadeiro Almeida Bruno. Facto que criou no seio da corporação uma situação de certo modo delicada e pouco usual. Nuno Neto não era um cidadão «vulgar de Lineu».

Dai, ao que nos disseram, a morosidade na instrução do processo, dado que o pai da vítima exigiu uma reconstituição exaustiva da ocorrência, o que só veio a verificar-se em meados do passado mês de Março, com resultados ainda não divulgados. De qualquer maneira, iremos aguardar com a expectativa, que os dados em jogo desde logo demonstram merecer, a solução judicial deste processo. Aguardemos, pois, para aquilatarmos, então, da distância que vai (ou poderá ir) entre uma condenação de facto e uma condenação que, pela ligeireza do acórdão, mais se assemelha a um louvor disfarçado!...

Manuel Geraldo

férias na praia

VÓOS ESPECIALMENTE FRETADOS

Palma de Maiorca
Ibiza * Menorca
Las Palmas
Tenerife * Lanzarote

PARTIDAS: 9, 16, 23 e 30 JULHO - 6, 13, 20 e 27 AGOSTO - 3, 10 e 17 SETEMBRO

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES DESDE 1980

PEÇA-NOS PROGRAMAS DETALHADOS

LISBOA - Avenida da Liberdade, 160 Tel. 371341

LISBOA - Avenida de Roma, 66 - B Tel. 803809

LISBOA - Estrada de Benfica, 451 - C Tel. 742180

PORTO - BRAGA - GUIMARÃES - COIMBRA - CASCAIS

ALMADA - FARO - PORTIMÃO - FUNCHAL



Médicos

O Ar Condicionado é indispensável a sua vida profissional e ao seu conforto pessoal. Instalamos ar condicionado no seu escritório ou em sua casa com qualidade e rapidez. Fornecemos orçamentos sem encargos. Pagamento após instalação e com desconto de 10% para pagamentos a pronto.



Somos

Tepclima

R. Arco do Carvalhão, 235-C - 1300 LISBOA

Consulte-nos pelos telefones: 655502 • 654105 • 656728 • 658385 • 658401



Sector público inicia hoje uma semana de luta

Os trabalhadores do sector empresarial do Estado iniciaram hoje uma semana de luta que termina na próxima sexta-feira com uma «jornada nacional de esclarecimento» e acções de luta das empresas.

Esta jornada de luta foi decidida durante um plenário dos órgãos representativos dos trabalhadores do sector, realizado no passado dia 12 e que juntou em Lisboa mais de 500 representantes de mais de uma centena de empresas.

A propósito desta semana de luta, a CGTP-In afirma que as dívidas do Estado e de outras entidades públicas às empresas nacionalizadas ascenderam a centenas de milhares de contos.

Em comunicado, a central sindical adianta que só à EPAC, Petrolgal, EDP e banca nacionalizada aquelas dívidas somam cerca de 350 milhões de contos.

Um estudo da Intersindical sobre a situação no sector

empresarial do Estado revela que entre 1977 e 1983 a cobertura média pelo Estado do investimento das empresas públicas foi de cerca de oito por cento, sendo o restante sobretudo constituído por empréstimos bancários, internos ou externos, devido à insuficiência de capitais próprios daquelas firmas.

Em consequência daquela situação, a CGTP assinala que só as empresas industriais do sector empresarial do

Estado pagarão mais de 160 milhões de contos de encargos financeiros.

O estudo daquela central sindical refere que «apesar do boicote financeiro às empresas públicas», o sector empresarial do Estado transferiu para o Estado entre 1977 e 1984 mais 200 milhões de contos do que aquilo que recebeu do Estado para aumentos de capital, subsídios e indemnizações compensatórias.

Segurança é deficiente nas filiais das multinacionais

As empresas multinacionais têm bons resultados em segurança e higiene nas suas sedes centrais, mas são deficientes nas filiais dos países em desenvolvimento, informou a Organização Internacional do Trabalho (OIT).

Os especialistas que investigaram a situação em oito multinacionais e doze filiais para elaborar um estudo sobre o assunto afirmaram que o comportamento das últimas falha, frequentemente, «por negligências e falta de medidas para que os trabalhadores locais tomem consciência dos perigos do trabalho».

As empresas multinacionais, com 44 milhões de assalariados ocupam o primeiro lugar no combate contra os perigos invisíveis, especialmente em substâncias

químicas, indicou a OIT.

Os sindicatos desejariam uma colaboração mais estreita com as filiais das multinacionais e com as autoridades nacionais, «para inculcar nos trabalhadores a preocupação pela sua segurança e higiene».

Os acidentes de trabalho tendem a diminuir no conjunto das multinacionais, onde os acidentes mortais são escassos e as causas mais comuns de baixas por doença são as quedas banais ou as feridas.

Além disso, os trabalhadores arriscam inutilmente a sua saúde quando não utilizam os fatos e equipamentos de protecção adequados, de que dispõem na maioria dos casos, conclui o estudo da OIT.

Setúbal

UEDS preocupada com a crise que afecta o distrito

O núcleo de Setúbal da UEDS manifesta em comunicado a sua preocupação pela «degradação até níveis intoleráveis das condições de vida da população» do distrito, acrescentando que para ultrapassar esta situação torna-se necessária «uma outra política».

«Qualquer poder democrático, defensor do regime instaurado em 25 de Abril de 1974 deveria — diz o documento — ter como objectivo conseguir o apoio dos trabalhadores, base social de suporte ao regime democrático».

Pelo contrário — refere — «este

governo faz da hostilização e do confronto com as camadas que mais lutaram antes e depois de 1974 pela liberdade, largamente dominantes no distrito de Setúbal, a sua prática diária».

A UEDS diz que «vivemos uma situação anómala e perigosa para a democracia, quando um Governo, onde o Partido Socialista predomina, provoca com as suas políticas e animosidade a oposição declarada do operariado e de outras camadas mais desfavorecidas».

Segundo o comunicado, o «Plano de Emergência para Dis-

trito de Setúbal» (do qual pouco conhecemos quanto à sua concretização prática) não constitui solução se não for acompanhado de medidas de política económica que privilegiem o combate ao desemprego como opção primordial, o que entre outros aspectos, no distrito de Setúbal significa defender, consolidar e desenvolver a actividade das empresas nacionalizadas». São igualmente necessários — acrescenta — «medidas que reponham a legalidade na laemntável situação dos mais de 20.000 trabalhadores com salário em atraso».

O comunicado do núcleo da UEDS termina afirmando:

«Deveriam ser estas as preocupações de um Governo democrático e não medidas como a facilitação das buscas domiciliares, o reforço do poder da polícia, a restrição do direito de manifestação, a militarização da segurança interna e outras disposições inconstitucionais, contidas na Lei de Segurança apresentada na Assembleia da República pelo Governo, que nos levanta preocupantes suspeitas quanto aos objectivos realmente visados».

Salários em atraso na Dâmaso

L. dos Santos

Os trabalhadores da empresa Dâmaso Luís dos Santos, de Vieira de Leiria, reúnem-se hoje em plenário para analisar a situação grave em que se encontram e decidir medidas a adoptar.

Segundo um comunicado sindical, a empresa deve aos trabalhadores o correspondente a 10 meses de salários, o que totaliza cerca de 220 contos por trabalhador.

O documento refere que no actual momento a situação agravou-se, «pois ainda não foram pagos os salários dos meses de Maio e Junho» e não há até agora «qualquer garantia do pagamento dos mesmos nem dos salários futuros».

«Os trabalhadores têm feito muitos sacrifícios sem nunca terem visto contrapartidas válidas dos sacrifícios feitos» — sublinha o comunicado.

Os trabalhadores da Dâmaso L. dos Santos responsabilizam a administração e o Governo «pelas consequências que possam advir de formas de luta que decidam levar à prática».

Criado o Centro de F.P. das Indústrias Alimentares

É assinado amanhã, na Secretaria de Estado do Emprego o protocolo que cria o Centro de Formação Profissional das Indústrias Alimentares, informa a NP.

Aderiram à iniciativa e assinam o protocolo todos os Sindicatos do sector e as Associações Patronais das Indústrias de Panificação e Pastelaria, com excepção da Associação dos Industriais de Panificação de Lisboa.

Segundo a mesma fonte, o primeiro director do Centro de Formação para as Indústrias Alimentares será Rodrigues Correia.

Concurso Ibérico

Até 31 do corrente estão abertas as inscrições, em todos os

centros de emprego, para o I Concurso Ibérico de Formação Profissional, a realizar de 5 a 9 de Novembro próximo, no Centro da Cruz de Pau, arredores de Lisboa. Podem concorrer todos os jovens profissionais de ambos os sexos, com idade até final de 1985 entre os 17 e os 21 anos.

As provas de selecção regional na Madeira tiveram lugar no Centro de Formação Profissional do Funchal, entre 12 e 15 do mês passado, tendo sido apurados para o I Concurso Ibérico concorrentes das especialidades de serigrafia civil, electricidade, carpintaria, pedreiros, cozinheiros e cesteiros de vime. Nos Açores, as provas de selecção realizam-se em data ainda não indicada.

Promovido pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional do Ministério do Trabalho e Segurança Social, o concurso contará ainda com a participação de jovens japoneses, mas apenas os concorrentes espanhóis e portugueses vencedores serão apurados para as 28.ª Olimpíadas do Trabalho, que decorrerão em Osaka, no Japão, em Outubro de 1985, com 34 provas de especialidades diferentes.

Segundo o M.T. os concursos de formação profissional visam fundamentalmente «irmanar no trabalho jovens de todo o Mundo, constituir um instrumento de pesquisa de metodologia desta actividade e um veículo de permuta de tecnologias diferentes».

Poder de compra baixou quase 10 por cento

— diz a Fetese

A depreciação do poder de compra dos trabalhadores de escritórios e serviços atingiu 9,8 por cento no segundo trimestre deste ano, anunciou a Federação dos Sindicatos do Sector (FETESE).

A perda do poder de compra,

apesar de menos grave do que a verificada nos primeiros três meses do ano, corresponde a mais do dobro do valor alcançado em igual período do ano passado (4,3 por cento).

A FETESE informou ainda que das 20 tabelas salariais que entraram em vigor neste último tri-

mestre decorrem acréscimos que variam entre 24,9 e 15,7 por cento, o que equivale a uma perda de poder de compra variável entre 4,2 e 16,1 por cento — adiantou a FETESE na síntese dos resultados salariais da negociação colectiva divulgada.

Falta de medidas de combate à «economia subterrânea»

— condena o sindicato têxtil de Braga

O Sindicato Têxtil do distrito de Braga condenou o Governo «por não tomar nenhuma medida séria para combater a economia subterrânea».

Em comunicado, aquele organismo considera que «a economia subterrânea está implantada no sector têxtil em especial no subsector do vestuário e confecção».

Adianta depois que «os fenómenos da fuga à facturação, a venda por fora e outras artimanhas são expedientes exercidos

com vista a escapar aos impostos pesadíssimos».

Sublinha ainda o texto que os salários praticados na economia subterrânea «são cinco e seis vezes inferiores aos contratuais», imperando «a subexploração, não havendo vestígio de respeito pelas leis e pelos contratos de trabalho».

Finalmente, o sindicato alerta os trabalhadores para o perigo do exercício da economia subterrânea «uma vez que esta estimula e premeia o patronato que actua à margem das leis».

Trabalhadores da CIFA concentram-se amanhã

Os trabalhadores da unidade fabril de fibras artificiais (CIFA), com salários em atraso, vão concentrar-se amanhã em manifestação de protesto frente às instalações da Secretaria de Estado do Emprego, no Porto — anunciou a comissão intersindical da empresa.

De acordo com a mesma

fonte, «nesta acção de protesto contra a fome, os trabalhadores da CIFA far-se-ão acompanhar dos seus filhos».

Os trabalhadores desta unidade fabril não recebem salários há 17 meses. Cerca de 1500 pessoas trabalham nesta empresa de Valongo, concelho vizinho do Porto.

ENFERMEIRA
REABILITAÇÃO
OFERECE-SE

PARA TRABALHAR SÓ TARDES.
RESPOSTA A ESTE JORNAL AO N.º 28 603



CICLO PREPARATÓRIO — PARALELISMO PEDAGÓGICO

EXT. SENECA e Sebastião da Gama, Av. Almirante Reis, 106-1.º — Tel. 82 27 76 e 82 35 31
UM ENSINO RESPONSÁVEL ♦ UM ENSINO RESPONSÁVEL ♦ UM ENSINO RESPONSÁVEL



O camião soviético rodeado de polícias e jornalistas à sua chegada a Bona (Telefoto UPI/NP/«DL»)

Fim de uma semana de "suspense"

Camião soviético regressa à URSS

O camião soviético carregado aparentemente de comunicações, que provocou um diferendo diplomático entre Bona e Moscovo, retornou hoje a viagem de regresso à URSS.

As autoridades alemãs federais autorizaram domingo o regresso do camião, depois de lhes ter sido dada permissão para uma vistoria sumária ao contentor de nove toneladas. Fotografaram as caixas, todas com inscrições em cirílico, e os peritos esperam poder agora obter algum dado-chave sobre o seu conteúdo a partir das fotografias com «flash».

O material de carga do camião destinava-se à missão soviética nas Nações Unidas em Genebra mas as autoridades suíças não

autorizaram a descarga antes de um exame ao seu conteúdo, o que obrigou ao regresso do camião a Moscovo após uma semana de diferendo de ordem diplomática.

As autoridades federais ajudaram por seu lado aos rumores de que na realidade o conteúdo do camião era tecnologia ocidental cuja exportação está proibida para os países comunistas europeus e mesmo que o veículo fosse um camião espião.

Os soviéticos argumentaram com a imunidade abrangendo o correio diplomático que diziam seguir no camião mas as autoridades alemãs federais contestaram a ideia de que um contentor de nove toneladas possa ser incluído na designação genérica de «mala diplomática».

Reacções favoráveis à amnistia na Polónia

Fontes próximas do episcopado polaco consideraram «muito positiva» a amnistia geral decretada pelo governo e disseram desejar que «constitua um avanço importante para a tranquilização do país e o início de um autêntico diálogo social».

A promulgação da amnistia coincidiu com as celebrações do 40.º aniversário da criação da Polónia Socialista, que contou com a presença na capital polaca de delegações dos países do Pacto de Varsóvia.

Reagindo à iniciativa governamental, que é considerada pelos observadores como um passo importante para a conciliação nacional, Lech Walesa afirmou que a reconciliação só será possível «se for permitido o pluralismo político na Polónia».

«Se isto não for posto em prática, disse o líder do extinto Solidariedade, dentro de um mês haverá mais gente nas prisões do que antes da amnistia.»

O general Wojciech Jaruzelski, ao referir-se à amnistia promulgada pela Dieta (Parlamento) que porá em liberdade os 652 presos políticos da Polónia num prazo de 30 dias, destacou por seu turno,

que esta lei «é uma expressão de humanitarismo mas ao mesmo tempo da solidez do Estado».

A amnistia disse Jaruzelski, prova que «a situação do país nos permite dar este passo, não houve nem haverá qualquer regresso ao anarquismo».

A lei agora decretada, beneficiará os 11 presos políticos mais importantes do país, quatro do KOR e sete dirigentes da Comissão Nacional da Solidariedade acusados de conspirar contra o Estado.

Os analistas políticos assinalam que o perdão — que também beneficiará 35 000 presos comuns, mas não incluirá acusados de traição à pátria, espionagem ou sabotagem nem de delitos de sangue — se destina a persuadir os Estados Unidos a pôr fim às sanções económicas antipolacas.

Esta medida foi recebida pela Administração Reagan como «um passo positivo», cujas implicações vão ser objecto de estudo, antes de ser tomada qualquer decisão acerca do levantamento das sanções económicas.

Um porta-voz da secretaria norte-americana de Estado disse

a este respeito: «esperamos que a amnistia leve as autoridades polacas a tomar mais medidas para satisfazer as aspirações do povo da Polónia». Acrescentou que «a estabilidade política, económica e social na Polónia só pode conseguir-se mediante um diálogo autêntico entre o governo e o povo».

Ao decretar sanções económicas contra a Polónia na sequência da imposição da lei marcial em Dezembro de 1981, a Administração Reagan havia posto como condições para o seu levantamento o reatamento do diálogo entre o governo, o Solidariedade e a Igreja.

Os observadores consideram, no entanto, que os termos utilizados pela secretaria de Estado sugerem um abrandamento destas condições.

Fontes oficiais norte-americanas afirmaram que «a Administração quer que sejam tomadas medidas tendentes à reconciliação nacional mediante um diálogo com os elementos principais da sociedade polaca, mas não corresponde aos interesses dos Estados Unidos fixar condições específicas».

Receando "mais Nicarágua"

Vaticano vai condenar teologia da libertação

Com a finalidade de «alertar toda a América Latina e evitar a ocorrência de novas Nicarágua», o Vaticano decidiu elaborar um documento em que condena a teologia da libertação — informou domingo o presidente da Administração do Património da Santa Sé.

O documento, disse o cardeal brasileiro Agnelo Rossi, que será publicado pela Santa Sé no próximo mês de Setembro, repudia totalmente a divulgação das teorias marxistas e a sua aplicação no ensinamento da fé católica e adverte que podem levar toda a América Latina a viver a mesma situação de conflito social que se vive agora na Nicarágua.

Agnello Rossi, depois de avisar-se com o arcebispo do Rio de Janeiro, cardeal Eugénio Sales, afirmou que o governo sandinista tomou «uma decisão radical que fere todos os princípios da unidade cristã».

O documento, que aparecerá publicado no diário «L'Osservatore Romano» e será enviado através da nunciatura a todos os bispos, será, segundo Agnelo, «benéfico para todo o mundo e em especial para os povos latino-americanos».

Elaborado pela Sagrada Congregação da Doutrina e da Fé e aprovado por João Paulo II, o texto colocará, declarou o cardeal brasileiro, a teologia da libertação «nos devidos termos».

«Não tenho nenhuma dúvida de que será fielmente acatado por todos os católicos», disse o cardeal.

Agnello Rossi afirmou também

temer pelo futuro do Brasil, país em que a teologia da libertação ganhou muitos e importantes adeptos.

Acrescentou que as aspirações a uma sociedade mais justa são sempre legítimas. A Igreja, acrescentou, «está a favor dos pobres e dos que sofrem e luta também por eles, mas não admite que a injustiça seja eliminada por leis que vão contra o Evangelho, que é essencialmente uma lei de amor».

Eleições

Os partidos aliados da Frente Sandinista inscrevem na próxima semana os seus candidatos às eleições de quatro de Novembro, mas a oposição condiciona a sua participação à garantia de que o acto eleitoral será «livre e honesto», apurou a EFE.

A Frente Sandinista de Libertação da Nicarágua (FSLN) nomeou já Daniel Ortega e o escritor Sergio Ramirez, como candidatos à presidência e vice-presidência enquanto o Partido Socialista Nicaraguense (PSN) terá como candidatos o veterano dirigente sindical Domingo Sanchez Salgado e o especialista de produção avícola Adolfo Evertz Velez.

O médico Clemente Guido será o candidato de uma das facções em que se divide o Partido Conservador Democrata da Nicarágua, enquanto que Mauricio Diaz e Guilherme Mejia irão candidatar-se pelo Partido Popular Social Cristão (PPSCA).

Os Partidos Comunista e Liberal Independente ainda não anunciaram quando tencionam inscrever os seus candidatos.

Três organizações políticas

dissidentes, agrupadas no Bloco da Oposição Coordenadora Democrática Nicaraguense, advertiram que não inscrevem candidatos enquanto o governo não der plenas liberdades públicas e garantias de que as eleições serão «livres e honestas».

No entanto, os partidos da oposição estão apelando para que os simpatizantes se inscrevam nos cadernos eleitorais e adquiram o direito ao voto.

Eden Pastora

Eden Pastora foi destituído do cargo de chefe militar máximo da Aliança Revolucionária Democrática (ARDE) e substituído por Fernando Chamorro.

A ARDE, movimento nicaraguano que luta contra o governo de Managua, anunciou a substituição de Pastora numa altura em que este se encontra hospitalizado na Venezuela em consequência de um atentado bombista sofrido há semanas.

A ARDE agradeceu a Pastora o trabalho desenvolvido para derrubar o governo nicaraguano.

Manobras

Os Estados Unidos e as Honduras iniciam hoje um exercício militar «Desenvolvimento Combinado», que se prolongará até cinco de Agosto, apurou a EFE em Tegucigalpa.

O exercício será em pequena escala e denominar-se «Operação Lempira», em honra ao dirigente hondurenho que lutou contra os conquistadores espanhóis a Ocidente do país.

Governo iraniano disposto a cooperar com o Ocidente

Os dirigentes iranianos estão dispostos a encetar o diálogo e a cooperação com o Ocidente, informaram círculos próximos da delegação que acompanhou ao Irão o ministro alemão-federal dos Negócios Estrangeiros, Hans Dietrich Genscher.

Genscher, que regressou hoje a Bona, após uma visita de três dias ao Irão, é o primeiro ministro dos Negócios Estrangeiros da Europa comunitária a visitar aquele país desde a subida ao poder no «ayatola» Komeini.

O ministro alemão reuniu-se com o seu homólogo Ali Akbar Velayti, com o ministro das Finanças, Hussein Namazi, com o influente presidente do Parlamento, Hashemi Rafsanjani e foi recebido hoje pelo chefe de Estado, Sayed Ali Kameini.

Genscher aproveitou a sua estadia em Teerão para, de acordo com o solicitado pela oposição social-democrata alemã, denunciar as execuções e exigir o respeito pelos Direitos Humanos.

Por seu turno, a imprensa local denunciou o alegado apoio que, sob «o pretexto do respeito aos Direitos Humanos», as autoridades alemãs dão aos inimigos da revolução islâmica.

Durante a visita, Genscher apelou ao termo da guerra irano-iraquiana e, em resposta a este apelo, o primeiro-ministro iraniano Hussein Musavi reiterou a necessidade de derrubar o regime de Bagdad para que se possa estabelecer uma paz duradoura no golfo Pérsico.

Do lado iraquiano, registou-se uma reacção positiva face à nova iniciativa de paz dos países muçulmanos para o termo da guerra Irão-Iraque, informou a agência oficial do Iraque (IA).

A agência acrescentou ainda que um porta-voz do governo iraquiano disse que o país «está disposto a colaborar» com o Comité de Boa Vontade que representa a Organização da Conferência Islâmica, formada por 44 países, que após uma reunião em Jeddah, no princípio da passada semana, decidiu contactar as partes em confronto para acabar com as hostilidades.

O porta-voz declarou também que o Iraque «está disposto a facilitar a missão do presidente da Gâmbia, Dawda Jawara, presidente do Comité de Boa Vontade, e a ajudar o comité a seguir em frente com a nobre causa para que foi criado».

Acordo em Londres acaba com a greve dos estivadores

Os dirigentes sindicais dos estivadores britânicos concordaram ontem em desconvocar uma greve nacional que durava há 12 dias, depois de numa reunião especial em Londres ter sido esmagadoramente aceite uma fórmula negociada.

O sindicato, que representa os 36 mil estivadores registados na Grã-Bretanha, desconvocou a paralisação a partir da meia-noite de ontem.

A greve, que paralisou os 61 portos da Grã-Bretanha, fora desencadeada devido a utilização

de trabalhadores não registados no carregamento de ferro em Immingham, no Nordeste de Inglaterra.

Responsáveis do Sindicato disseram aos jornalistas, após uma reunião de 92 delegados dos estivadores, que o acordo assegurava que futuramente não haveria mais fugas aos sistemas de trabalho em vigor nas docas, o qual protege os postos de trabalho dos estivadores registados.

Todos os trabalhadores regressarão aos seus postos hoje.

«Etarras» residentes em França perdoados pelo governo espanhol

O governo espanhol decidiu ontem conceder o perdão a todos os membros da organização basca ETA residentes em França, desde que renunciem à luta antigovernamental e não sejam acusados de homicídio.

O número de bascos actualmente refugiados em departamentos bascos franceses é de 800, dos quais apenas 300 têm relações com a ETA, 200 são reclamados pela justiça espanhola e apenas 66 são acusados de homicídio.

O ministério do Interior espanhol considera esta operação muito delicada pois as pressões sobre os futuros reintegrados já se fizeram sentir por parte daqueles que não querem abandonar a luta armada.

Recentemente na província de Guipuzcoa foi assassinado um reintegrado por não se submeter às pressões dos outros membros.

Este plano de reinserção durará três meses logo que as autoridades francesas cumpram

com os acordos estabelecidos.

A França — acrescentam fontes oficiais espanholas — comprometeu-se a que não fique nenhum terrorista no seu território até ao final do ano de 1985, dos 200 reclamados pela justiça espanhola.

O território francês servia não só de guarida à ETA, como também era ali que os comandos se exercitavam para depois praticarem a violência em Espanha.

Em França, onde reside a Direcção da ETA, era cobrado o

Ligeira vantagem para Israelita

Mais de 2,5 milhões de 120 deputados para o Knesset que concorrem. Há 41 esperam-se o primeiro após o encerramento da eleição (Lisboa). O juiz Gabriel Baileitoral do Parlamento, e eleitores através da Rádio direito ao voto.

Os israelitas começam (5.00 h em Lisboa) para segundo as últimas sondagens dos sete anos de governo ao poder do trabalhista Shimon Peres.

Os partidos mobilizarão para levar os velhos e que moram longe, até às eleições é feriado para muitas pessoas vão para depois de votar.

Segundo as últimas sondagens, os trabalhistas de Shimon Peres ganharão as eleições com 48 a 49 lugares enquanto que o «Likud» se ficará pelos 37 e 38 lugares, do total de 120 do Knesset.

Uma vez mais, a chave da formação do Governo é detida pelos partidos pequenos, devido fundamentalmente ao sistema eleitoral israelita de listas únicas nacionais e repartição dos lugares por um sistema proporcional puro,

Samora Machel chegou a Pyongyang

O presidente moçambicano, Samora Machel, chegou hoje a Pyongyang para uma visita oficial de três dias à Coreia do Norte, anunciou a agência noticiosa norte-coreana.

Machel, que já esteve na Coreia do Norte em 1971, 1975, 1978 e 1982, era procedente da China, onde assinou um novo acordo sino-moçambicano de cooperação técnica.

Citando um editorial do jornal «Rodong Sinmun», a agência norte-coreana, KCNA, disse que a visita «contribuirá para fortalecer a amizade e cooperação entre o nosso país e os países africanos e não-alinhados...»

«O desenvolvimento da amizade e relações de cooperação entre a Coreia e Moçambique na mesma frente pelo ideal comum de anti-imperialismo e independência é consistente com os interesses dos dois povos e benéfica para o fortalecimento e unidade do movimento não-alinhado», acrescentou a agência.



para os trabalhadores

as vão hoje às urnas

Os eleitores vão escolher Knesset, entre os 26 partidos e 4850 mesas de voto e os resultados das urnas (às 20.00 h de hoje), apelou hoje de manhã aos eleitores para exercerem o seu

deixaram hoje a votar às 7.00 h para as eleições gerais que, segundo sondagens, poderão marcar o governo de direita e o regresso de Shimon Peres.

Foram cerca de 25 mil veículos e doentes, ou os eleitores às mesas de voto. É feriado nacional em Israel, e para as praias ou parques

sem correcções que favoreçam os partidos maioritários. Em Israel apenas é necessário a um partido conseguir 1 por cento dos votos para poder ter acesso a um dos 120 lugares do Knesset.

Neste jogo com os partidos minoritários, os trabalhistas poderiam contar com os dois deputados eleitos pelo «Shinui» e outros dois do Movimento pelos Direitos dos Cidadãos.

O partido de Shimon Peres

poderia ainda contar com quatro ou cinco deputados que poderiam ser conseguidos pelo general reformado Ezer Weizman, ex-ministro da Defesa à frente do seu novo partido «Ikhad» (Unidade).

O juiz Gabriel Bach, presidente do Comité Eleitoral Central, disse que a campanha tem sido um exemplo de «boas maneiras e tranquilidade», com escassos incidentes menores.

Estas são as primeiras eleições em que os judeus sefarditas não jogam um papel importante, até porque estes «judeus de segunda classe» estão cada vez mais integrados em todos os estratos sociais.

Aliás, os dois grandes grupos políticos têm sefarditas nas suas listas, embora em lugares secundários.

O «Likud» apresenta como candidato à vice-presidência David Levy e os trabalhistas entregaram esse cargo ao ex-presidente Yitzhak Navon, futuro ministro dos Negócios Estrangeiros se o seu partido vencer as eleições.

A sociedade israelita tem um alto nível de politização mas, segundo uma sondagem publicada pelo diário «Haaretz», 40 por cento dos dois milhões e 657 mil eleitores não conhecem o programa do

partido político em que votam.

Um partido que pode ainda ter uma certa importância no desfecho eleitoral é o comunista, com grandes misturas de árabes e judeus e cujos quatro ou cinco deputados a eleger são ferozes inimigos do «Likud» e muito críticos dos trabalhistas, que devem apoiar com a sua abstenção.

Em qualquer caso, e para além da apresentação de novas vias negociais para a paz no Médio Oriente, quem quer que ganhe estas eleições deve pôr ombros à tarefa e melhorar a situação económica.

O vencedor terá de aplicar medidas drásticas para reduzir a inflação de 400 por cento e a maior dívida externa «per capita» do mundo.

Avião desviado

Todas as pessoas que se encontravam a bordo do Boeing libanês sequestrado ontem foram libertadas — informou a EFE.

O autor do sequestro — inicialmente a Polícia julgava tratar-se de três homens — entregou-se às autoridades do Líbano.

Vinte minutos depois de aterrar no aeroporto de Beirut, o sequestrador do «Boeing 727» das Linhas Aéreas Libanesas permitiu que as mulheres e crianças abandonassem o avião.

Magistrados italianos não conseguem provas da «pista búlgara»

Os magistrados italianos não conseguiram encontrar provas que vinculem directamente o autor do atentado contra o Papa, Ali Agca, a três funcionários búlgaros por ele denunciado como co-conspiradores — referiu hoje o «Washington Post».

O jornal norte-americano afirma, com base em numerosas entrevistas com delegados do Ministério Público e advogados de defesa, que face à falta de provas directas contra os suspeitos búlgaros será muito difícil à acusação obter uma declaração de culpabilidade em juízo.

As investigações agora realizadas pelo «Washington Post» indicam que os juízes italianos estão divididos acerca da importância legal dos argumentos da acusação.

Alguns opinam mesmo que a conspiração descrita por Ali Agca parece uma coisa de amadores e põem em dúvida que os serviços secretos búlgaros ou de qualquer outro país estejam implicados.

Neste sentido, o jornal norte-americano aponta as falhas potenciais do depoimento do turco.

Assim, o testemunho de um agente aduaneiro italiano contradiz a afirmação de Agca, segundo a qual os três suspeitos búlgaros o acompanharam à Praça de S. Pedro, na véspera do atentado.

Os números do telefone que, segundo o turco, lhe foram entregues pelos búlgaros pode ele tê-los obtido numa lista telefónica na prisão, tanto mais que o detido foi autorizado a ler os jor-

nais e portanto seguiu sempre a especulações que os periódicos teciam sobre os seus eventuais apoios.

Por outro lado, não há prova de que Agca se tenha avistado com um dos búlgaros, Serguei Antonov.

O turco disse que falava com ele em inglês e Antonov sabia apenas algumas palavras nesse idioma.

Também não existem provas de que Agca se tenha reunido com qualquer dos búlgaros.

Em resumo — conclui o «Washington Post» — grande parte do processo baseia-se na credibilidade de Ali Agca, que ao longo do caso entrou em contradição dado que de início afirmou que tinha actuado por conta própria.

África do Sul continua a ocupar Angola

A África do Sul continua a ocupar ilegalmente uma parcela do território angolano, declarou Venâncio de Moura, vice-ministro das Relações Exteriores da República Popular de Angola, durante um encontro com a primeira-ministra da Índia, Indira Gandhi.

Venâncio de Moura chefia uma delegação da Organização de Unidade Africana (OUA), que se encontra na Índia no quadro de uma digressão por vários países

asiáticos, com o fim de explicar aos seus governos a situação que se vive na África Austral.

O chefe da delegação assinou que o regime de Pretória prossegue com a sua política destinada ao fomento da tensão na região, concentrando as suas tropas na fronteira angolana.

Venâncio de Moura realçou que Angola «repudia as tentativas de relacionar a retirada das tropas agressoras sul-africanas com a questão da presença dos

internacionalistas cubanos em Angola.»

Numa entrevista publicada sexta-feira no jornal britânico «The Guardian», o secretário de Estado adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos Chester Crocker, disse que funcionários angolanos e sul-africanos encontraram-se por três vezes nas últimas semanas para estudarem os pormenores de uma retirada.

Segundo as sondagens

Mondale venceria Reagan

O candidato democrata à presidência, Walter Mondale, leva uma vantagem de dois pontos em relação a Ronald Reagan, segundo uma sondagem da empresa norte-americana Gallup e publicada pela revista «Newsweek».

A sondagem, efectuada após o encerramento da Convenção Nacional Democrática, demonstrou que a dupla Mondale-Ferraro obteve opinião favorável de 48 por cento dos mais de mil inquiridos, enquanto a equipa republicana Reagan-Bush se quedou pelos 46 pontos.

Se tivermos em conta a margem de erro apontada para os quatro pontos, pode considerar-se que ambos os candidatos estão empatados, mas é de realçar a grande subida dos democratas que há menos de um mês viam Mondale 19 pontos abaixo de Reagan.

Cerca de 45 por cento dos inquiridos afirmaram que, o desenvolvimento da Convenção Democrática, a que assistiram pela televisão, aumentou as probabilidades de votarem nos candidatos deste partido.

Outro ponto desta sondagem da Gallup indica que 52 por cento consideram importante a escolha democrata de colocar Geraldine Ferraro como candidata à Vice-Presidência, criando-se um impacto positivo pela escolha de uma mulher para um lugar de destaque.

A única nota discordante para os democratas parece ser a escolha de Bert Lance, ex-director da gestão e orçamento de Jimmy Carter, para presidente da campanha de Mondale, que não caiu bem no eleitorado.

Com efeito, 56 por cento disseram que a escolha de Lance, que teve de se demitir do governo Carter por um escândalo financeiro, de que viria a ser absolvido, reduziria as possibilidades de um êxito democrata.

Robert Beckel, director da campanha de Mondale, afirmou domingo em entrevista à cadeia de televisão CBS ter esperança

de que, Lance se demita e os especialistas pensam que a demissão está para breve dado a reacção adversa dentro do partido.

Edward Rollins, director da campanha Reagan-Bush, afirmou na mesma entrevista atribuir o impacto democrata à escolha de Ferraro como candidata à Vice-Presidência, primeira mu-

lher na história dos Estados Unidos a candidatar-se a tal posto, por qualquer dos dois maiores partidos.

As sondagens revelam que 55 por cento das pessoas consideram Ferraro tão competente como qualquer outro candidato masculino das últimas eleições presidenciais.

Congresso dos EUA descrê do exército norte-americano

As forças militares norte-americanas não poderiam suportar uma guerra prolongada contra a União Soviética ou outras potências menos importantes — afirma o «New York Times».

O periódico, que cita um estudo efectuado pelo Congresso, adianta que o Pentágono admitiu que os dados em que se baseou o relatório «parecem ser exactos».

«O estudo — afirmou Caspar Weinberger — põe em evidência deficiências conhecidas e que existem desde há algum tempo».

Adiantou que esta situação «foi herdada pela Administração Reagan, que se tem esforçado vigorosamente para a corrigir».

O estudo, de 376 páginas, põe em dúvida o «impacto positivo» dos aumentos de verba para os gastos militares, pedidos e obtidos pelo presidente Reagan durante a preparação para o combate das Forças norte-americanas.

«O Exército — refere o relatório — não poderia ser mantido em combate durante um tempo prolongado, a Marinha não está em condições de efectuar operações de combate de superfície e aéreo por mais de uma semana e a Força Aérea não pode realizar operações consideradas de

guerra convencional contra a União Soviética».

Sublinha que um dos principais problemas que se evidenciaram nos três ramos foi a escassez de instalações e de pessoal e a falta de capacidade de armazenamento de combustível.

As conclusões deste relatório contradizem as afirmações da Administração de que as Forças Armadas norte-americanas melhoraram a sua preparação para o combate desde a chegada de Ronald Reagan à Casa Branca, em Janeiro de 1981.

O relatório refere alguns «exemplos surpreendentes» das suas conclusões, nomeadamente o facto de o Comando Atlântico em Norfolk ter informado, em Novembro de 1982, que Cuba estava a construir um aeroporto em Salinas (Granada) e que «a invasão norte-americana teve lugar em Outubro de 1983», e que, em caso de guerra na Europa, as forças do Exército no Panamá ou no Alaska não poderiam ser reforçadas.

Os autores do estudo afirmam ainda que as Forças Militares norte-americanas não têm planos para manter uma prolongada guerra convencional que, segundo Weinberger, é a estratégia básica da Administração Reagan.



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DE ÁGUA E SANEAMENTO DO CONCELHO DE CASCAIS

A VISO

ENGENHEIRO JOSÉ ALVES DA COSTA, presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento do Concelho de Cascais:

FAZ PÚBLICO, que por deliberações de 1 de Junho de 1984 do Conselho de Administração e de 3 de Julho de 1984, da Câmara Municipal de Cascais foram aprovados os novos preços de venda de água, os quais serão já praticados nos consumos do mês de Agosto de 1984, cujos recibos correspondentes serão apresentados à cobrança em Outubro de 1984.

Foi ainda deliberado alterar os escalões dos consumos comerciais e industriais, que passaram: o 1.º de 0 m³ a 150 m³/mês para 0 m³ a 200 m³/mês, e o 2.º escalão de mais de 150 m³/mês para mais de 200 m³/mês.

PREÇOS DE VENDA DE ÁGUA

1. Consumo privado

1.1. Consumos domésticos

1.º escalão — 0 m³ a 5 m³/mês	27\$00/m³
2.º escalão — 6 m³ a 15 m³/mês	42\$50/m³
3.º escalão — 16 m³ a 25 m³/mês	66\$00/m³
4.º escalão — mais de 25 m³/mês	97\$50/m³

1.2. Consumos domésticos transitória e não sujeitos a escalões

27\$00 m³

1.3. Consumos comerciais, industriais e agrícolas (incluindo empresas públicas e serviços autónomos do Estado):

1.º escalão de 0 m³ a 200 m³/mês	65\$00/m³
2.º escalão mais de 200 m³/mês	95\$00/m³

1.4. Consumos de instituições e agremiações privadas de beneficência, culturais, desportivas e de interesse público e juntas de freguesia

30\$00/m³

2. Consumos do Estado e de outras pessoas colectivas de direito público com excepção das incluídas em 1.3

65\$00/m³

Os preços de aluguer mensal de contadores não sofreram alteração mantendo-se em vigor os que foram aprovados em reuniões de 30/8/83 do CA dos SMAS e de 5/9/83 da CMC e publicados por edital de 30/9/83.

Para se constar se publica o presente aviso e outros de igual teor que vão ser afixados nos lugares de estilo.

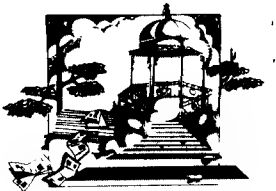
E eu José Rodrigues Duarte chefe dos Serviços Administrativos o mandei lavrar e o subscrevo.

Cascais, 16 de Julho de 1984

O Presidente do Conselho de Administração
eng.º José Alves da Costa



Teatro
Vasco Santana



«QUANDO A BANDA
TOCAR»

HOJE ÀS 21.30 h.

Texto, direcção e encenação de
Luzia Maria Martins todos os dias às
21.30 excepto às 2.ªs feiras. Matinée
aos domingos.

20.º ANIVERSÁRIO

Desconto de 50% para estudantes,
sindicatos, comissões de trabalhado-
res etc.

Sub/Mont.

Auto-Rádios
e Anti-Roubo
Philips
Cetra

CENTRO TÉCNICO
DE REPARAÇÃO
AUTOMÓVEL, S.A.R.L.
CONCESSIONÁRIO
PHILIPS
PARA INSTALAÇÃO
DE AUTO-RÁDIOS



R. Cidade de Bolama 1-B - R. Cidade
de Bissau - Olivais Sul - 1800 LISBOA
Telefs. 33 10 22 - 3172 73 - 3337 07

TRIBUNAL
DO TRABALHO
DE LISBOA

ANÚNCIO

FAZ-SE SABER que pela Segunda
Secção do Quinto Juízo do Tribunal do
Trabalho de Lisboa, correm termos nos
autos de contrato individual de traba-
lho, acção com processo comum (sumá-
rio), registados sob o n.º 45/83, em que
é autora Maria Fernanda Espiga Car-
neiro, divorciada, operária de máquinas,
residente na Rua Eça de Queiroz,
n.º 21 — Bucelas — Loures e Ré PEAL-
Produtos e Embalagens de Alumínio,
Lda, com a última sede conhecida em
Frielas — Estrada Nacional 250-km 29,
e neles correm editos de TRINTA DIAS,
citando a Ré acima identificada para,
no prazo de OITO DIAS, findo o dos edi-
tos, contando-se estes a partir da se-
gunda e última publicação deste anún-
cio, contestar a referida acção, sob
pena de, não o fazendo, ser imediata-
mente condenada no pedido. Devendo,
ainda, contestar o pedido do benefício
da assistência judiciária formulada
pela autora que, entretanto, lhe foi im-
ediatamente admitido.

O pedido da autora é do montante de
144 375\$000 e refere-se a salários não
pagos e referentes ao período de Ago-
sto a Novembro de 1982, diferenças sa-
lariais, férias vencidas e subsídio cor-
respondente.

O duplicado da petição inicial encon-
tra-se à disposição da citanda na Sec-
ção acima referida.

Lisboa e Quinto Juízo do Tribunal do
Trabalho, aos 18 de Julho de 1984.

O JUIZ DE DIREITO,

Álvaro de Azevedo Soares

O Escrivão Adjunto,

José M. C. Magalhães

D.L. 23/7/84 — 1.ª Pub.

CURSOS
PROGRAMAÇÃO
COBOL

aulas práticas em computador
início dos cursos: 1/8/84
informações e inscrições no
CENTRO CONTINENTAL
Aprov. pelo M. da Educação
Telefs. 364272 - 325852
Rua do Arsenal, 100-1.ª — Lisboa

CEE discute adesão ibérica

Ernâni Lopes protesta por atraso nas negociações

O ministro português das Fi-
nanças e do Plano tenciona pro-
testar hoje em Bruxelas pelo facto
de a CEE não apresentar uma de-
claração sobre o «dossier pes-
cas» — informou a Anop, em Bru-
xelas.

Ernâni Lopes encontra-se na
sede da Comunidade, acompa-
nhado do presidente da Comis-
são para a Integração Europeia,
António Marta, para participar em
mais uma reunião de nível minis-
terial das negociações de ade-
são.

No calendário de negociações,
estabelecido a título indicativo
pela França quando desempe-
nhou a presidência da Comunida-
de, até fim de Junho, estava pre-
visto que os Dez apresentassem
hoje uma declaração sobre pes-
cas, para permitir um importante
avanço nos trabalhos neste «dos-
sier».

O ministro português também
protestará pelo facto de a delca-
ração a apresentar pela CEE so-
bre agricultura não ser mais com-
pleta, considerando que estes
dois factos juntos implicam a ne-
cessidade de uma maior intensi-
dade nas negociações em Se-
tembro para ser cumprido o prazo
de 30 de Setembro para a conclu-
são das negociações no plano
técnico.

Fontes da Comunidade mari-
festaram certas reservas quanto
à utilidade de ser negociado um
texto de natureza política que
seja uma constatação dos acor-

dos obtidos ao nível técnico nos
diferentes «dossiers».

Uma negociação desta nature-
za implicava atrasar em cerca de
duas semanas os trabalhos a ní-
vel técnico — disseram aquelas
fontes. Este texto tem sido defen-
dido pelas autoridades portu-
guesas e ainda, recentemente, Gas-
ton Thorn, o presidente da Comis-
são Europeia, o defendeu em Lis-
boa.

Na reunião de hoje Portugal vai
apresentar declarações sobre a
introdução do imposto sobre o
Valor Acrescentado nas regiões
autónomas, sobre relações exter-
nas e assuntos sociais.

Por sua vez, a CEE entregará a
declaração sobre agricultura e
ainda duas sobre a integração do
escudo na Unidade de Conta Eu-
ropeia e sobre questões institu-
cionais.

**Portugal e Espanha
na reunião de ministros**

Hoje mesmo, a concretização
do alargamento da CEE à Penín-
sula Ibérica será o tema fulcral da
Cimeira dos ministros comunitá-
rios dos Negócios Estrangeiros,
que decorre até amanhã em Bru-
xelas.

Portugal e a Espanha exigem
aos dez Estados membros da
CEE que cumpram o planeado
calendário de adesão, marcada
para o dia 1 de Janeiro de 1986.

Observadores políticos em
Bona receiam que as dificuldades
de entendimento entre Madrid e

Bruxelas complicem a adesão
portuguesa, que se encontra
numa fase negocial bastante
mais avançada.

A próxima cimeira ministerial, a
última antes das férias de Verão
— e segundo anteriores decisões
dos Dez — deveria abrir caminho
ao encerramento da negociação
dos «dossiers», fixado para Se-
tembro, e à preparação institucio-
nal e burocrática do processo de
adesão.

As divergências hispano-comu-
nitárias, designadamente no
sector de agricultura e pescas,
impediram que fossem feitos pro-
gressos substanciais nas últimas
negociações Espanha-CEE.

Madrid considera exagerado o
período de transição de dez anos
imposto por Bruxelas, sob pre-
são dos países mediterrânicos
para os produtos agrícolas espa-
nhóis.

As negociações com Portugal
enfrentam, também, algumas di-
ficuldades, particularmente quan-
to à regulamentação da pesca de
sardinha.

A CEE, que já se auto-abaste-
ce em 61 por cento de sardinha,
receia que a adesão dos dois pa-
íses ibéricos provoque um exces-
so de oferta.

Os ministros dos Negócios Es-
trangeiros dos Dez debaterão,
ainda, soluções de compromisso
para ultrapassar o actual impasse
sobre o financiamento do orça-
mento comunitário para o corren-
te ano.

Parlamento Latino-Americano acusou o FMI de ser «o maior agente da subversão»

O Parlamento Latino-America-
no atribuiu, sábado, grande parte
da responsabilidade do aumento
da dívida externa dos países da
zona aos Estados Unidos, por es-
tes «avolumarem constantemente
os seus lucros na região».

Simultaneamente, em La Paz,
as autoridades bolivianas confir-
maram a decisão de suspender
por tempo indefinido o cum-
primento dos seus compromissos
de crédito com a banca interna-
cional privada por considerarem
que «é preferível solucionar o
problema da fome do povo que
satisfazer as exigências dos cre-
dores».

Um total de 50 representantes
de 16 países latino-americanos
reuniram-se sábado na capital da
Costa Rica, no último dia de ses-
sões do Parlamento Latino-Ame-
ricano com a presença de obser-
vadores dos Estados Unidos, Japão
e de organismos financeiros
internacionais.

Fundado em 1965, para pro-
mover a unificação do subconti-
nente, o Parlamento Latino-Ame-
ricano convocou uma reunião ex-
traordinária em S. José da Costa
Rica para análise da gravidade da
dívida externa e possíveis solu-
ções para o problema.

Com uma dívida externa sem
precedentes, que alcança os
360 000 milhões de dólares, os
países latino-americanos enfren-
tam a ameaça de um rápido em-
pobrecimento das suas popula-
ções, o que poderá originar ruptu-
ras sociais incontroláveis.

O Fundo Monetário Internaci-
onal (FMI), que exige dos países
da América Latina rígidas medi-
das de austeridade, converteu-se
no ogo da reunião e foi acusado,
inclusive, de ser «o maior agente
da subversão no continente».

O representante da República
Dominicana, Ambrioriz Diaz, re-
cordou os graves distúrbios ocor-
ridos no seu país em protesto
contra as medidas de redução de
salários impostas pelo FMI.

«E muito possível — acrescen-
tou — que as desordens popula-
res aumentem na razão directa
das pressões e exigências do
Fundo Monetário Internacional».

O FMI suspendeu, recente-
mente, a entrega de novos crédi-
tos a países como as Honduras e
a Guatemala, por estes «não te-
rem dado provas suficientes de
vontade para aplicar medida de
controlo dos gastos públicos e de
aumento dos impostos».

O presidente da Costa Rica,
Luís Alberto Monge, declarou na
reunião que «o grupo dos países
desenvolvidos deve tomar consci-
ência do seu grau de culpabili-
dade no aumento da dívida exter-
na da América Latina».

Monge acrescentou que, «com
uma população em franco cresci-
mento, os países da América La-
tina vêem frustradas as suas es-
peranças de melhorarem as con-
dições de vida dos seus povos,
com os consequentes riscos para
a democracia».

As estatísticas das Nações
Unidas revelam que a população
da América Latina cresce a um ri-
tmo anual de 2,8 por cento, en-
quanto o aumento do produto in-
terno bruto e das exportações
permanece estagnado.

Um dos delegados da Costa
Rica, Danilo Chaverri, afirmou no
Parlamento que «os bancos in-
ternacionais pretendem sanear os
seus balanços à custa da nossa
miséria, num acto de genocídio fi-
nanceiro que destrói as potencia-
lidades das nossas nações».

Os representantes latino-ame-
ricanos debruçaram-se sobre as
possíveis consequências para a
economia mundial de uma decla-
ração colectiva de quebra e sus-
pensão do pagamento dos juros
das respectivas dívidas externas.

**90 dias para a Bolívia
reiniciar pagamentos**

Entretanto, em La Paz, o minis-
tro dos Negócios Estrangeiros da
Bolívia, Gustavo Fernandez, sus-
tentava que o problema da dívida
externa dos países latino-ame-
ricanos com a bBanca privada in-
ternacional deverá ser resolvido
no plano político, mediante um
diálogo entre países industrializa-
dos e países devedores.

Gustavo Fernandez, que teve,

Têxteis

Negociações com a Noruega no mês de Setembro

O ministro norueguês do Comércio e Navegação deixou ontem Por-
tugal, depois de uma visita oficial de três dias, durante a qual manteve
contactos com o ministro português do Comércio e Turismo, Álvaro
Barreto.

Aesbjorn Haugstvedt concordou, durante as conversações com o
seu homólogo português, em iniciar negociações no plano técnico em
Setembro tendentes ao aumento das exportações de têxteis portu-
gueses para a Noruega.

Portugal e a Noruega têm vindo um acordo sobre o comércio de têx-
teis, válido até Julho de 1985, que prevê um aumento das exportações
de 3 por cento, ao contrário do que sucede no comércio com outros pa-
íses da Associação Europeia de Comércio Livre e da CEE, que têm vin-
do a reduzir as quantidades de têxteis importados de Portugal.

Tem 23 expositores a FAEC da Covilhã

A feira das actividades económicas da Covilhã (FAEC) teve início
neste fim-de-semana na área industrial da cidade.

O certame visa a promoção e divulgação das actividades económi-
cas regionais e tem o patrocínio das entidades locais. A Feira conta
com a participação de 23 expositores de Coimbra, Fundão, Covilhã e
Gouveia, representados em 31 «stands».

A FAEC é organizada pela Câmara Municipal da Covilhã, em
colaboração com a Comissão Regional de Turismo da Serra da
Estrela.

Os sectores automóvel e de mobiliário são os mais representados
no certame, que se prolonga até 29 de Julho.

Dívidas da indústria

As dívidas da indústria de lanifícios aos Serviços Municipalizados
da Covilhã rondam 350 milhões de escudos — afirmou, entretanto, a
ANOP, de fonte municipal.

Este débito refere-se, sobretudo, ao fornecimento de energia eléc-
trica a este sector industrial na Covilhã.

Entretanto, de acordo com o vereador Santos Dias (PSD), na última
sessão camarária, os débitos da edilidade e serviços municipalizados
de electricidade de Portugal (EDP) rondam mil milhões de escudos.

O facto, de acordo com fontes municipais, teria motivado a apre-
sentação pela EDP de um processo contra a Câmara Municipal da
Covilhã face ao débito da autarquia.

Comissão do imposto único toma posse

A Comissão de Reforma Fis-
cal, presidida por Paulo Pitta e
Cunha, deverá tomar posse até
ao fim do mês, informou hoje a
NP, de fonte oficial.

Esta comissão, criada por
Decreto-Lei de 12 de Julho, terá
como objectivo durante a reali-
zação de estudos relativos à re-
estruturação do sistema tributá-
rio, cujo principal instrumento
será o imposto único.

O imposto único sobre o ren-
dimento das pessoas físicas e o
imposto único sobre as pessoas
colectivas entrará em vigor em
1987, conforme consta do Pro-
grama de Recuperação Finan-
ceira e Económica (PRFE).

«Este imposto engloba todas
as cédulas de rendimentos per-
mitindo avaliar de forma mais
simples a situação patrimonial
dos contribuintes — disse o sub-
secretário de Estado do Orça-
mento.

A Comissão de Reforma Fiscal
terá, também, como funções
propor as alterações ao actual
sistema fiscal de forma a prepa-
rar uma transição adequada
para a entrada em funções do
imposto único.

Segundo disse à NP Amorim
Pereira «este imposto, apesar de
único, não exclui uma certa
discriminação ao nível de certos
rendimentos, nomeadamente do
trabalho, de forma a beneficiá-
los».

«Por outro lado — acrescentou
— para evitar que conduza a uma
discriminação das receitas serão
estudadas situações de alarga-
mento da base tributária, como,
por exemplo, a tributação das
mais-valias.

Banco Mundial financia formação profissional

A construção e manutenção
de 25 novos centros de formação
profissional em Portugal vão ser
financiadas pela CEE e pelo
Banco Mundial — revelou o secre-
tário de Estado do Emprego e da
Formação Profissional, Rui
Amaral, ao visitar o novo
Centro de Formação Profissional
da Indústria de Vestuário do Sul,
situado em Benfica, Lisboa, es-
pecificou que estão negociados

financiamentos no valor de 15
milhões de unidades de conta
europeias (cerca de 1,725 mi-
lhões de contos) entre Portugal e
a CEE para a construção de dez
centros de formação profissional
em Vila Real Bragança, Braga,
Aveiro, Castelo Branco, Portalegre,
Santarém, Tomar, Beja e
Faro, o que corresponde a 30 por
cento do custo das obras e sua
manutenção.

Adiantou que a construção dos
novos dez centros de vocação
regional deve começar em Ja-
neiro e disse também que estão
concluídas as negociações com
o Banco Mundial para um Finan-
ciamento adicional de 12 mi-
lhões de dólares (cerca de 1,776
milhões de contos) com vista à
construção de 15 centros de
formação.

O secretário de Estado notou,

por outro lado, que entre Se-
tembro e Outubro estará nego-
ciado com o Fundo de Restabe-
lecimento da Europa o financia-
mento de 50 milhões de dólares
(cerca de 7,4 milhões de contos)
para levar a cabo a formação
profissional.

A secretária de Estado já
aprovar o financiamento de cem
mil contos com destino ao Centro
Nacional de Formação Técnica.

DESPORTO

Benfica aponta "a mira" para Washington e Casagrande

Ainda que não se possam considerar encerradas as negociações com Washington parece que Fernando Martins terá virado a mira" para o antigo companheiro de Sócrates, o goleador brasileiro do Corinthians, **Casagrande**. Ao que se constata, trata-se dum elemento de grande valor ainda que por cá não haja completa identificação quanto ao gabarito que se lhe aponta do outro lado do Atlântico. Depois da saída de Filipovic, a turma benfiquista procura acautelar o reforço do seu sector atacante, tanto mais que Stromberg rumou para Itália e Chalana (excelente alimentador dos «arietes») está agora a «aviar» Lacombe e seus companheiros do Girondins de Bordéus.

Quanto à proibição de acesso dos associados aos trabalhos preparatórios da equipa, os dirigentes do clube da Luz chamaram a si a responsabilidade do acto, certamente para «poupar» Tomislav Ivic à antipatia que se começava a desenhar.

Continuando a acautelar os cofres à guarda do tesoureiro Fernando Caseiro, partiram hoje para Roma os dirigentes Fernando Martins e Trindade Martinez para tentar «sacar» uns milhares de liras ao sr. Viola, que dirige o Roma depois da renúncia de Eriksson em cumprir o contrato que teria assinado para continuar no clube benfiquista.

No Sporting Tomé rende Marinho

Confirmada a saída de Marinho para os quadros federativos, o Sporting está a tentar obter o concurso de Tomé (que ora treina o Gil Vicente) para orientar a sua equipa de juniores. Uma aquisição que se julga acertada considerando os méritos já revelados pelo jovem treinador.

Gomes, Futre e Jordão brilharam em Nova Iorque

Integrados na selecção «Resto do Mundo» os portugueses Jordão Gomes e Futre de-

frontaram ontem no Giants Stadium, de New Jersey, a equipa do Cosmos e a «sua» equipa triunfou sobre os milionários por três um. Para o triunfo muito terá contribuído a magnífica exibição do trio português, particularmente a dupla Futre Gomes que no dizer do nosso camarada Alfredo Barbosa («A Bola») «pintaram a manta». Refira-se o lote do onze das estrelas: Shilton; J. Duarte, Beckembauer, Rick Davis e Krol; Rocheteau, Magath, Domiani e Keegan; Jordão e Kempes. No segundo tempo entraram, juntamente com Gomes e Futre: Pfaff, Figueira, Ortiz, Sanchez, Nicholas, Mavros e Hatzipanagis. O encontro destinou-se a obter receitas para a Liga Contra o Cancro (dos EUA).

FC Porto procura «keeper»

Depois de goradas outras possibilidades, os dirigentes do FC Porto viram-se para Joe Corrigan que durante várias épocas defendeu as redes do Manchester City, o qual chegará nos próximos dias para ser submetido à apreciação do técnico Artur Jorge. Além deste o Porto tem mais dois «keepers» estrangeiros em perspectiva: um inglês e um austríaco. A propósito: não existirá em Portugal um guarda-redes que sirva para as redes das Antas?

Beira-Mar quer regressar

Passada a crise directiva que afectou a vida da popular colectividade aveirense, a sua direcção parece empenhada em fazer regressar o clube à divisão principal do nosso futebol. Assim, depois de assegurarem a contratação do técnico José Domingos, o Sport Clube Beira-Mar conseguiu os serviços de Marcos (União de Coimbra), Vitor Moço (Naval), Balseiro (Covilhã), José Carlos e Craveiro (Aguada) não tendo esgotado aí as suas aquisições.

Salgueiros ao trabalho

O Salgueiros tentará esta época amealhar o maior número de pontos possíveis na 1.ª volta para fazer um campeonato tranquilo: tónica dominante do técnico Henrique Calisto. **Para isso** (segundo o líder dos futebolistas profissionais de Vidal Pinheiro) **espero que o vulcão que lavrou no Salgueiros na época passada, esteja definitivamente extinto.**

Calisto, considera que o «planejamento» de que dispõe (22 profissionais), **o possível, em relação à situação financeira do clube, é extremamente equilibrado, onde impera a juventude e a agressividade.**

O treinador do Salgueiros, já mais tranquilo pelo aparecimento de um novo elenco directivo, mostra-se (contudo) um pouco céptico em relação ao futuro, porque o clube terá que jogar e treinar em campo alheio (Estádio do Mar, do Leixões), sempre que lhe competir jogar em casa.

Essa será uma forte contrariedade que teremos que enfrentar até o nosso campo estar relvado, frisou Calisto, que «abriu» hoje a «oficina» de Vidal Pinheiro, com a realização das inspecções médicas.

A equipa de futebol profissional do Salgueiros fará, na sua 1.ª semana de preparação (a partir de hoje) dois treinos diários, nas praias do Norte e no Monte de Santa Cruz do Bispo. Na segunda, igualmente com dois trei-

nos diários, haverá uma sessão sem bola, com a alternância de praia e campo e, à tarde, apenas com bola. Estes treinos poderão decorrer no Estádio Universitário do Porto ou nos campos do Sport Rio Tinto, Ermesinde ou Progresso. No Estádio do Mar a equipa treinar-se-á em conjunto apenas uma vez por semana.

Relativamente à sua passagem pelo Boavista, Calisto considerou-a como uma **verdadeira frequência universitária, em termos do futebol, em que todos se potencializaram.** Instado a pronunciar-se sobre o futuro do clube do Bessa, Calisto disse apenas desejar que **o Boavista caminhe em paz, com tranquilidade, e que não encontre pelo caminho cobras ou abelhas.**

Novo presidente

O novo presidente salgueirista, Adolfo Pereira, antigo praticante desportivo, embora sem qualquer experiência como dirigente, afirma que pretende deixar o clube na 1.ª divisão. Para o rico industrial Adolfo Pereira (35 anos) este será o seu principal objectivo, se o seu nome vier a ser aceite pela massa associativa do Salgueiros na assembleia geral de amanhã.

O passivo do Salgueiros não é tão assustador como muitos pensam, afirma o presidente mais jovem da 1.ª divisão, que se considera **ambicioso e sempre à procura do êxito.**

O clube da Luz solicitou

Graça Oliva: árbitro do Benfica-Bordéus

Muito está prometendo o fogo que tomou de assalto a arbitragem futebolística, com um longo processo em aceleração a partir do instante em que, por estranha revisão pontual das classificações aplicadas pelos diferentes delegados técnicos em relação à última temporada, o Conselho Nacional de Arbitragem da Federação Portuguesa de Futebol decidiu fazer saltar para lugares proeminentes os juizes José Guedes (Porto) e Carlos Valente (Setúbal) preparando-se para os fazer preencher as vagas do setubalense Marques Pires (licenciado a seu pedido) e do leiriense Graça Oliva (juiz da FIFA que, por cá «mereceu» despromoção).

Nem tudo terá sido claro e limpo neste processo que está arrastando o presidente Pinto de Sousa (homem integro e dirigente com prestígio, especialmente pelo que fez no seu clube: Boavista) para uma situação em que apenas lhe restará concordar com a imediata impugnação das tabelas pontuais, dando razão aos observadores mais atentos e à crítica na generalidade. Ainda no passado sábado, aos microfones da Rádio Renascença, jornalistas de todo o

mérito (Alves dos Santos, Aurélio Márcio, Cruz dos Santos e Alfredo Farinha) positivamente encostaram à parede Silvério Jones (ex-vice-presidente do Vitória de Setúbal, incluído no Conselho de Arbitragem) que, perante Graça Oliva (também participante numa «mesa-redonda» de traço acutilante para a entidade que superintende na classe dos árbitros de futebol) colocaram no fio da navalha uma das mais absurdas situações criadas no nosso futebol. Silvério Jones, foi incapaz de ripostar a uma carga cerrada de bem fundados argumentos que fizeram imediatamente ruir pela base qualquer ideia de defesa por parte do antigo dirigente setubalense.

E, enquanto podemos adiantar que o dr. Luís Marques Batoque (patrono de Graça Oliva) vai esta tarde ultimar o processo judicial (de impugnação) que o árbitro «internacional» de Leiria move ao Conselho de Arbitragem e, simultaneamente, vêm a lume declarações de dois outros árbitros que se atiram ao Conselho como gato a bofe (o santarenho António Rodrigues e o conimbricense Miranda Dias) e mais oito colegas prometem

começar amanhã outro desbobinar de estranhas situações que se vivem no areópago dos juizes, podemos hoje adiantar que o Sport Lisboa e Benfica, usando da prerrogativa que lhe é conferida em face da organização de um jogo particular, solicitou que para o encontro com o Bordéus, domingo próximo, na Luz (para exibição de Chalana) seja escalado o árbitro Graça Oliva, não apenas porque possui as insígnias da FIFA (que não lhe podem ser retiradas pelo Conselho local) mas, igualmente, porque entende prestar-lhe justiça perante atitudes que têm colidido frontalmente com a sua verticalidade.

Entretanto, aberto a todos os pontos de vista (nesse sentido e para além de uma entrevista com Graça Oliva e de cartas recebidas dos srs. Porfírio Alves e Manuel Ribeiro) daremos amanhã à estampa documentos verdadeiramente inéditos e declarações altamente comprometedoras para diversos intervenientes neste estranho imbróglio que traz os árbitros de futebol em autêntica polvorosa.

NEVES DE SOUSA

Para atletas olímpicos

Países socialistas organizam jogos "Amizade 84"

A partir da segunda quinzena de Agosto realizam-se em países socialistas, os torneios internacionais Amizade-84, que incluem todas as modalidades olímpicas, com excepção do futebol, e várias não olímpicas, num total de 36 torneios.

Até agora, tiveram lugar apenas os campeonatos de ténis de mesa, (em Piongiang), de luta greco-romana (Budapeste) e voleibol, senhoras (Varna).

«Organizados com o objectivo de testemunhar o respeito pelo trabalho desenvolvido nos últimos quatro anos pelos melhores desportistas e técnicos dos países socialistas, como afirmou Anatoli Kolessov, vice-presidente do comité para a educação física e desporto da URSS, estes jogos pretendem levar até milhões de adeptos do desporto os resultados alcançados por aqueles atletas que impedidos de participarem nos Jogos de Los Angeles se prepararam para essas provas olímpicas esperando alcançar as melhores marcas este Verão».

«Nenhuma das provas, prosseguiu Kolessov, coincide com os 23.º Jogos Olímpicos de forma a que os participantes de Los Angeles, que assim o quiserem, possam também tomar parte nessas provas.

Os torneios Amizade-84 são abertos a todos, tendo sido convidados os dirigentes do COI, federações desportivas internacionais e jornalistas estrangeiros. Até agora, a julgar pelas inscrições provisórias, atletas de 30 países, incluindo daqueles que irão estar em Los Angeles, participarão nestes torneios cujas provas principais serão transmitidas pelas cadeias de televisão para vários países do mundo.

«Ao contrário do que alguns

pretendem, disse Anatoli Kolessov, não se trata de uma alternativa aos Jogos Olímpicos. As organizações desportivas dos países socialistas, fiéis aos princípios do olimpismo e à carta do COI, não quiseram contrapor-lhes aos Jogos de Los Angeles. Apenas seria de uma grande injustiça castigar os atletas que, devido a política de Washington, se viram privados da honra de participarem nas olimpíadas».

Programa de jogos

URSS: (Moscou): basquetebol (18-26/08), remo (18-26), ciclismo pista (18-26), natação (18-24), tiro (18-26), atletismo (homens) (16-18) e hóquei em campo (18-26). (Talin): vela 18-28.

POLÓNIA: ténis (20-26/08), hipismo - «dressage» e concurso completo (17-19), judo (24-26) e pentatlo moderno (1-2/09).

BULGÁRIA: ginástica: artística (17-19/08) e halterofilismo (11-17/09).

RDA: ciclismo - estrada (18-26/08).

HUNGRIA: saltos para a água (14-19/08) e vela - finn e 470 (17-27).

CUBA: boxe (18-26/08), pólo aquático (18-26) e voleibol (homens) (18-26).

JOGOS OLÍMPICOS

Ambiente sombrio na chegada de Israel

As cerimónias são as mesmas mas as atmosferas diferentes no alojamento dos atletas nas aldeias olímpicas em Los Angeles. Em todas elas, as bandeiras são hasteadas ao som dos hinos nacionais. Isto passa-se na UCLA ou na USC, duas universidades

que albergam atletas. Na UCLA, cerca de 200 atletas e dirigentes chineses participaram com solenidade na cerimónia de boas-vindas, após o que aplaudiram com gosto, sorridentes. Mais 150 membros da equipa chinesa são aguardados em Los Angeles antes do dia 28. A República Popular da China, pela primeira nos Jogos, tem a segunda maior delegação estrangeira, só inferior em número à britânica, com 500 pessoas.

Em contrapartida, foi sombria a cerimónia de chegada dos atletas de Israel, até pelas fortes medidas de segurança de que se encontram rodeados. O cônsul israelita, no seu discurso de boas-vindas, não se furtou a recordar o massacre de 11 atletas do seu país nos Jogos de Munique em 1972.

TOTO BOLA a chave

1. Lyngby-St. Gallen	X
2. Moenchenglad.-Bohemians ..	2
3. Banik-Aahrus	2
4. Liegeois-Fort. Dusseldorf	2
5. Odense-Braunschweig	X
6. Magdeburgo-AIK	2
7. Gornik-Nuremberga	1
8. Malmö-Karl Marx	1
9. Goteburgo-Vitkovice	1
10. Videoton-Lask Linz	1
11. Zurique-Ferencváros	1
12. Spartak Trnava-Austria	1
13. Innsbruck-Katowice	X

Valor de cada prémio: 6 270 462 escudos. Matizes: 412 495. Apostas: 5 726 763.

O concurso terá entre três e seis apostas com 13 resultados certos. As mesmas previsões apontam para entre 120 e 150 «dozes».

Futebol profissional: clubes não se entendem

A criação definitiva da nova Associação de Clubes de Futebol Profissional ficará suspensa durante trinta dias, até que se realize uma assembleia geral da Liga dos clubes para definir o seu futuro.

Esta decisão foi tomada no decurso da segunda reunião da referida Associação, que decorrer na Casa do Desporto, no Porto, motivada, fundamentalmente, pela firme tomada de posição do presidente do Boavista, secundada pelos seus homólogos do Rio Ave e V. de Guimarães. Na primeira reunião, realizada em Braga, em que estiveram presentes representantes do Sporting de Braga, FC do Porto, Rio Ave, V. de Guimarães, Vizela e Varzim, com telefonemas de solidariedade do Penafiel e Académica de Coimbra, foi delineada a estratégia a seguir pela Associação.

A participação de todos os clubes da 1.ª divisão, **sem guerras Norte Sul**, conforme afirmou na altura Mesquita Machado (do Sporting de Braga) para «atacar» rapidamente os mais graves problemas que afectam o futebol profissional em Portugal, é o principal objectivo para ser debatido em futuras reuniões.

Se, entretanto, a Assembleia Geral da Liga não for convocada no prazo de 30 dias, **todos os clubes nela filiados se demitirão**, segundo Valentim Loureiro. **Sporting e Benfica**, **dizem que se dão bem e entendem, continuam a dar-se bem, o que, apesar do muito respeito que temos por esses clubes, não justifica, de modo algum, o seu divórcio pelos graves problemas do futebol português**, sublinhou o presidente do Boavista.

A Liga tem sofrido, ao longo da sua curta existência sucessivos boicotes por parte dos clubes grandes do futebol, o que a tornaram inoperacional em termos de qualquer resolução dos problemas do futebol profissional.

A ideia da criação da Liga dos clubes com futebol profissional surgiu quando da realização do último sorteio das competições europeias (na Suíça) motivada fundamentalmente pelo profundo desentendimento, de há dois anos a esta parte, entre FC Porto e Sporting. De um lado, João Rocha e Fernando Martins uniram-se para a criação de uma Associação de Clubes do Sul. Do outro, Pinto da Costa e Mesquita Machado, decidiram avançar com um organismo semelhante, apenas para os clubes a norte do Mondego. Desta forma, o escândalo das transferências dos futebolistas portugueses e a resolução de assuntos ligados com os dinheiros do Totobola, previdência e RTP, dificilmente seguirão o caminho certo.

TOTO BOLA jogue connosco

CONCURSO N.º 30/84

29 de Julho de 1984

1. Mgladbach-St. Gallen ..	1
2. Lingby-Bohemians	X
3. Banik-Lifstrom	1
4. Liègeois-Brondby	X
5. A.I.K.-Gornik	1
6. Magdeb.-Nurem.	1
7. Malmö-Sturm Graz	1
8. Karl Marx-Lucerna	1
9. Videoton-Gotemurgo ..	X
10. Weltingen-Admira	X
11. Zurique-Austria K.	1
12. Ferencváros-Spartak T. .	1
13. Oesters-Katowice	2



DESPORTO



Atletismo portista manifesta-se

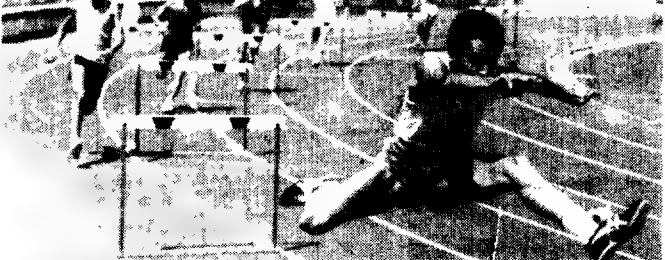
Os Campeonatos Nacionais de Atletismo para Juniores redundaram em belos êxitos dos atletas do FC Porto, triunfantes em homens e senhoras. Porque ultimamente é voz corrente que o atletismo tem os dias contados no clube das Antas, os seus campeões tiveram uma lógica atitude de desabafo e protesto que não pode cair em saco roto e merece toda a meditação do executivo azul-branco



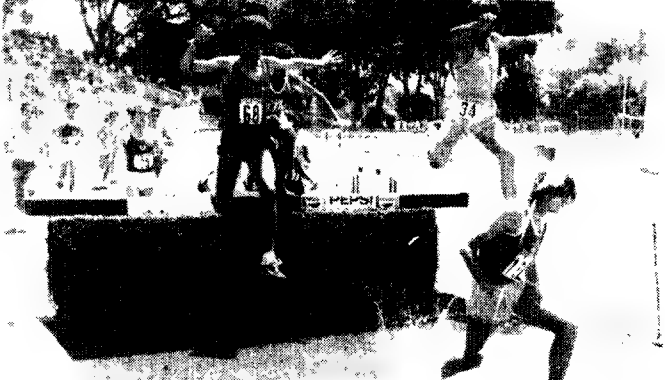
Estafeta 4 x 400: R. Silva, Rosa Oliveira, Elsa Amaral e M. Moreira lograram o tempo de 4 m 05.16 s e levaram o título para as Antas



A mais veloz (nos 100 metros) foi Cláudia Gomes (Independente de Coimbra) que, com 12,34 s, estabeleceu novo máximo conimbricense



O belenense Álvaro Silva (53,67 s) já vai à frente na prova de 400 metros barreiras



Em 2000 metros obstáculos o título veio a pertencer a António Natário (Espinho) que cobriu o percurso em 5 m 54 s

Volta à França

Fignon, naturalmente!

Um triunfo normal e aguardado a partir da altura em que a camisola passou a ser envergada pelo jovem vencedor do «Tour-83». Laurent Fignon venceu categoricamente impondo-se ao seu opositor mais directo e triunfador por quatro vezes, desta mais importante competição velocipédica que se disputa em todo o Mundo. Fignon triunfou em cinco etapas, sendo uma na montanha, outra a «rolar» e as três disputadas no sistema de contra-relógio. Vitória indiscutível do mais completo participante deste «Tour». Hinault quedou-se na honrosa segunda posição e viu adiada a possibilidade de igualar o recorde que continua a pertencer a Anquetil e Merckx com cinco triunfos no activo.

Quanto à equipa do Sporting/Raposeira, ora orientada pelo ex-ortista Emídio Pinto, cumpriu bem ainda que classificada na posição da cauda, já que dos dez elementos que partiram, oito chegaram aos Campos Elíseos. Pelo caminho ficaram Paulo Ferreira sensacional vencedor da tirada número cinco e Benedito Ferreira.

O francês Laurent Fignon não se contentou em vencer a Volta à França, em bicicleta, pela segunda vez consecutiva, tendo cometido ainda a proeza de ter sido o ciclista que ganhou maior número de etapas (cinco) num total de 23.

Fignon, 23 anos, da equipa Renault-Elf, conseguiu uma média superior a uma vitória por cada cinco etapas, superando a larga distância qualquer dos seus opositores mais directos. O ciclista francês, que colecionou três dos seus triunfos em contra-relógios, estreou-se a vencer na sétima etapa entre Alercon e Le Mans, na distância de 67 quilómetros. Nas restantes dezasseis tiradas, Fignon averbrou quatro vitórias, três delas em contra-relógio.

Os belgas Erik Vanderaerden e Franck Hoste, dois «sprinters» natos, tirando proveito dessa facilidade, venceram cada um das etapas, seguindo-se na lista dos ciclistas com maior número de êxitos em etapa. Vanderaerden, que ganhou a última etapa do «Tour» que tradicionalmente termina nos Campos Elíseos, havia sido bem sucedido na décima tirada entre Bordéus e Pau, na distância de 198 quilómetros. Hoste, que arrebatou na última etapa a camisola aos pontos ao irlandês Sean Kelly, venceu a sexta e a vigésima primeira etapas do Tour.

CLASSIFICAÇÕES Na última etapa:

1.º, Eric Vanderaerden, Bélgica, 5 h 23 m 37 s; 2.º, Pascal Jules, França; 3.º, Frank Hoste, Bélgica; 4.º, Bernard Hinault, França; 5.º, Sean Kelly, Irlanda; 6.º, Gilbert Glaus, Suíça; 7.º, Phil Anderson, Austrália; 8.º, Jaak Hanegraaf, Holanda; 9.º, Henri Manders, Holanda; 10.º, Leo Van Vliet, Holanda; 11.º, Marco Chagas, Portugal; 12.º, Laurent

Fignon, França; (Todos com o mesmo tempo do vencedor).

Final

Geral individual - 1.º, Laurent Fignon (Fr.), 112.03.40; 2.º, Bernard Hinault (Fr.), a 10.32; 3.º, Greg Lemond (EUA), 11.46; 4.º, Robert Millar (Esc.), a 14.42; 5.º, Sean Kelly (Irl.), a 16.35; 6.º, Angel Arroyo (Esp.), a 19.22; 7.º, Pascal Simon (Fr.), a 21.17; 8.º, Pedro Muñoz (Esp.), a 26.17; 9.º, Claude Croquellon (Fr.), a 29.12; 10.º, Phil Anderson (Austral.), a 29.19; 11.º, Marco Chagas (Sporting), a 2.08.15; 12.º, Alain Dithurbide (Sporting), a 2.13.02; 13.º, Manuel Zeferino (Sporting), a 2.29.26; 14.º, Patrice Thévenard (Sporting), a 3.09.06; 15.º, Michel Charreard (Sporting), a 3.25.18; 16.º, Eduardo Correia (Sporting), a 3.25.37; 17.º, José Xavier (Sporting), a 3.27.26; 18.º, Carlos Marta (Sporting), a 3.40.05.

Prémio «JN» revela valores

Carlos Carneiro (Gulphares/Altis), na categoria de juvenis, e Paulo Henriques (Travanca) em aspirantes, foram os vencedores do Prémio Juventude «JN», disputado este fim-de-semana no concelho de Santo Tirso e concelhos limítrofes.

Na categoria de juvenis, não se confirmaram as previsões, as quais apontavam para uma vitória dos favoritos Carlos Faria e José Silva, ambos da equipa do Gíão/Altis. No contra-relógio final, disputado na serra de S. Miguel-o-Anjo, nas proximidades de Santo Tirso, Carlos Carneiro impôs-se categoricamente aos seus mais directos opositores, justificando plenamente os «louros» com que foi brindado no final.

Em aspirantes, porém, assistiu-se, por assim dizer, à confirmação de Paulo Henriques, um dos mais regulares na sua categoria, ao longo da temporada que agora se aproxima do fim. O

ciclista de Vila da Feira, teve, no entanto, de suar as estopinhas para segurar o símbolo amarelo, já que tanto Daniel Torres (S. João de Brito), como Mário Carreira (Poutena) ficaram de olho atento sempre à espera de um deslize do ciclista gulpharense.

De referir que, na categoria de aspirantes, o lote de concorrentes não integrou ciclistas do F.C. Porto, impossibilitados, à última da hora por um seccionista (Abílio Lemos) de participarem na competição organizada pelo «Jornal de Notícias». Isto apesar de os pais dos atletas se terem prontificado a arcar com todas as despesas para que tal se verificasse. Ao que apurámos, a «proibição» ficou a dever-se ao facto de as condições oferecidas pela organização terem sido consideradas insuficientes pelo mencionado dirigente...

Classificações:

JUVENIS: 1.º Carlos Carneiro (Gulphares), 1h58m55s; 2.º José Silva (Gíão), 1-59-07; 3.º Carlos Faria (S. Gíão), 1-59-08; 4.º Eduardo Familiar (Travanca), 1-59-17; 5.º Luís Machado (Barcelos), 1-59-27.

ASPIRANTES: 1.º Paulo Henriques (Travanca), 2-21-25; 2.º Daniel Torres (S. João de Brito), 2-21-26; 3.º Mário Carreira (Poutena), m.t.; 4.º Eduardo Soares (Santa Marta), 2-21-28; 5.º Rui Lopes (S. João de Brito), 2-21-55.

Adelino Teixeira vence volta a Santiago de Cacém

Ao vencer o contra-relógio individual (última etapa da Volta a Santiago de Cacém) Adelino Teixeira do Lousa/Trinarianj, foi o grande triunfador daquela competição organizada pela segunda vez pelos Bombeiros Voluntários daquela povoação alentejana. Na etapa da manhã o triunfo coube a Carlos Santos, também da equipa de Lousa, seguido de Vítor Rodrigues (Bombarralense), António Fernandes (Olhanense), e Fernando Ventura (Tavira). Na derradeira tirada Adelino Teixeira teve como principais competidores Firmino Bernardino, Luís Vargues, Fernando Fernandes e Carlos Santos.

A classificação final ficou estabelecida assim: 1.º Adelino Teixeira, do Lousa (5.00.38), 2.º Firmino Bernardino (Lousa) a 7 segundos, 3.º Luís Vargues (Olhanense) a 1.22, 4.º Fernando Fernandes (Lousa) a 1.52 e em 5.º lugar Carlos Santos, também do Lousa a 2.05.

Andebol: Congresso nos EUA

O presidente da Federação Portuguesa de Andebol, o professor Eduardo Saraiva, parte hoje para os Estados Unidos para representar Portugal no Congresso da Federação Internacional, que se realiza em San Diego (Califórnia) entre 24 e 27 do corrente, no âmbito dos Jogos Olímpicos. Eduardo Saraiva vai apresentar a candidatura portuguesa à organização do «Mundial» (Grupo C) de 1986. O presidente da FPA declara **existirem boas hipóteses de a candidatura ser aceite e explicou que em duas reuniões preparatórias europeias, em Roma e Copenhaga, mais nenhum país se candidatou.** Saraiva propôs ainda que Portugal organize (em 1985) um curso internacional de árbitros.

A margem do Congresso da Federação Internacional, (revela Eduardo Saraiva) vai haver uma reunião de países latinos para se analisar a continuidade da Taça Latina, prejudicada nos últimos anos por problemas diversos. O congresso vai discutir alterações de regulamentos e regras.

Máximos

Natação: Mancha

Um estudante egípcio estabeleceu uma nova melhor marca masculina da travessia do Canal da Mancha, ao gastar 21 horas 37 minutos nos dois sentidos. Osama Montaz (24 anos) ligou as costas francesa e inglesa, em 10 horas 14 minutos, tendo gasto hoje 11 horas 23 minutos no percurso inverso. A marca obtida por Montaz, o 8.º nadador a fazer o percurso nos dois sentidos sem parar, bateu a anterior melhor marca masculina (22 horas 16 minutos) obtida pelo norte-americano John Eriksson em 1979, mas é inferior à melhor marca de sempre, estabelecida em 1983 pela estudante Irene van der Aan (24 anos), com 18 horas 15 minutos.

Halterofilia: recordes mundiais

Dois halterofilistas da República Democrática Alemã bateram quatro recordes do Mundo durante os campeonatos do seu país, em Schwedt. Andreas Behm começou por melhorar o seu próprio recorde no arranço, para 197,5 quilos. Joachim Kunz respondeu com 198 quilos. No total dos dois movimentos, Behm conseguiu um máximo de 347,5 quilos e passou-o depois para 352,5.

Atletismo

Berlim: caem dois recordes mundiais

Marita Koch provou ontem que seria uma potencial vencedora nos Jogos Olímpicos ao igualar o seu recorde mundial dos 200 metros durante as provas do Dia Olímpico realizadas em Potsdam, RDA.

A «sprinter» de Rostock, campeã mundial na distância, suplantou as suas rivais Barbel Wöckel e Marlies Göhr obtendo o tempo de 21,71 segundos e recolhendo a maior ovação do dia dos 16 mil espectadores. O seu máximo mundial foi obtido em 1979.

Maís tarde, Koch e Wöckel, em conjunto com Silke Gladisch e Ingrid Auerswald, obtiveram a melhor marca do ano na estafeta feminina de 4x100 metros, com 41,69 segundos, não muito longe do recorde mundial, também da RDA, de 41,53.

Outra marca de grande valor foi alcançada no dardo feminino por Petra Felke, ainda da RDA, cujo lançamento de 74,24 me-

tros ficou a 52 centímetros do recorde do Mundo da finlandesa Tina Liljak.

O maratonista Joerg Peter, da RDA, conseguiu o melhor tempo mundial na maratona este ano, com duas horas 09,14 minutos.

Nos 400 metros homens, Matthias Schresing ganhou com 44,86, batendo por um centésimo Frank Schaeffer. Jens Carlowitz, no 3.º lugar, com 44,95, estabeleceu novo recorde da Europa de juniores. Os três atletas são da RDA.

As competições do Dia Olímpico começaram sexta-feira em Berlim Leste com uma jornada que rendeu dois recordes do Mundo.

Uwe Hohn, RDA, lançou o dardo a 104,80 metros, a Ludmilla Andonova, Bulgária, fez 2,07 metros no salto em altura.

Os organizadores tinham referido a probabilidade de serem batidos recordes mundiais nesta última competição entre atletas

cujos países boicotam os jogos de Los Angeles.

Steve Cram faz teste

O inglês Steve Cram, campeão mundial dos 1500 metros, não participará nos Jogos Olímpicos de Los Angeles se não retomar os treinos até quinta-feira, anunciou a imprensa londrina.

Os jornais afirmam que Steve Cram impôs a si próprio este ultimato para comprovar se está ou não em condições de participar nas Olimpíadas. Os médicos sujeitaram Cram a repouso absoluto e a tratamento do músculo lesionado com gelo, em consequência de uma lesão sofrida terça-feira numa prova de mil metros.

Steve Cram, 23 anos, afirmou ao jornal «Sunday People» esperar voltar a treinar-se hoje ou amanhã e fazer um teste às suas condições físicas numa prova de 800 metros no fim-da-semana.

Se isso não for possível não

participarei nas Olimpíadas, concluiu.

Júnior soviético bate recorde europeu

O soviético Oleg Budko, de 18 anos, estabeleceu novo recorde da Europa de juniores nos 400 metros barreiras ao correr a distância em 49,27 segundos. O recorde foi obtido no decorrer de uma reunião de atletismo realizada no Estádio Lenine, em Moscovo. A anterior marca pertencia ao alemão federal Harald Schmidt com o tempo de 49,61 segundos estabelecida em 1976. A prova de ontem foi ganha pelo soviético Aleksandre Jarlov com o tempo de 49,19 segundos.

No salto em comprimento o soviético Robert Zmilyan, também de 18 anos, alcançou 8,12 metros, marca que seria novo recorde europeu mas que não pôde ser homologada devido ao forte vento favorável

DESPORTO

Lá vamos a caminho de Los Angeles

Em lotes sucessivos, os membros da delegação escolhida pelo Comité Olímpico Português para a viagem a Los Angeles começaram a rumar aos Estados Unidos, com uma guarda avançada constituída (logicamente) pelos mandatários na comitiva. Aqui temos (foto) os excursionistas que zarparam no sábado: o velejador António Mardel Correia, o médico dr. Marcos Barroco, o professor Robalo Gouveia (adjunto do chefe da missão), o comandante Vicente de Moura (chefe da missão) e o dr. David Sequeira (secretário-geral do COP). Hoje, seguem Matos Soares (convivido do COP, a expensas próprias), Graça Gordo (enfermeiro), José Monteiro (prancha à vela), Francisco Lacerda Barradas (dirigente da Federação de tiro com arma de caça), João Rebelo e José Casquilho Faria (tiro com arma de caça), Helena Neto, (dirigente da FP Tiro), José Pena, Francisco Neto e Maria Isabel Chitas (tiro), João Abrantes (técnico de pentatlo moderno); Roberto Durão, Manuel Barroso e Luis Monteiro (pentatlo moderno), Shintaro Yokochi (técnico de natação), Alexandre Yokochi e João Santos (natação), Luis Paquete (técnico de halterofilia), Raúl Dinis, Jorge Soares e Francisco Coelho (halterofilia).

Pentatlo moderno: porquê?

Modalidade sem o mínimo de divulgação popular, reduzida a escassa meia dúzia de praticantes, o pentatlo moderno teve as honras que não foram concedidas a José Sena ou a Luis Horta: direito a passeio além Atlântico. Os representantes portugueses desta modalidade desportiva que, por cá, é quase confidencial, explicam-se o melhor que podem:

«Portugal estará resente na modalidade, nos Jogos Olímpicos, pela quarta vez, à custa de muito sacrifício pessoal», segundo Manuel Barroso, Luis Monteiro e Roberto Durão, os representantes portugueses.

«É muito difícil treinar em Lisboa pois não existe nenhum local onde se pratiquem as cinco modalidades» — afirma João Martins Abrantes (22 anos) actualmente a estudar no Instituto Superior de Educação Física, e responsável pela preparação técnica do trio. «O pentatlo moderno é uma modalidade com particularidades muito próprias, que obriga a uma grande dedicação por parte dos atletas, particularmente no nosso caso, pois em tempo de aulas treinamos parte física (natação e corrida) num local e a técnica (esgrima e tiro) noutro. Ora se levarmos em consideração que temos que andar nos transportes públicos dum local para o outro imagine o sacrifício que se faz» — diz João Abrantes.

Luis Monteiro, Roberto Durão e Manuel Barroso, todos estudantes do ensino superior, desde que estão em preparação para os Jogos Olímpicos de Los Angeles treinaram regularmente no Centro de Estágio da Cruz Quebrada.

Mas o técnico João Abrantes afirma que «esse local não era o ideal pois geralmente era lá que realizamos os nossos treinos durante o ano e agora necessitamos de «arejar» noutro local, de forma a descontrair os nossos atletas».

O Comité Olímpico Português concedeu dois estágios à equipa de pentatlo moderno (na Cruz Quebrada) e a Federação Portuguesa da modalidade não pode contribuir para a preparação dos atletas para Los Angeles «uma vez que investiu tudo o que tinha para que Portugal conseguisse estar representado nos Jogos

Olímpicos» — confessa João Abrantes.

Luis Monteiro (22 anos), estudante de Direito na Universidade Livre de Lisboa, começou a praticar desporto aos 14 anos, «um pouco tarde» (segundo afirma). «Foi a natação. Depois, através de Roberto Durão, cheguei ao pentatlo, onde consegui a meta que qualquer atleta deseja: ir aos Jogos, à custa de muito sacrifício».

Luis Monteiro adiantou que no início o ambiente familiar não foi muito «apoiante» na sua dedicação à modalidade pois «prejudiquei os estudos».

«Depois, quando souberam que ia a Los Angeles, começaram a apoiar-me mais, o que para mim foi importante».

Manuel Barroso (20 anos) estudante do ISEF, refere igualmente o seu contentamento por conseguir estar presente nos Jogos manifestando a esperança de que a equipa nacional consiga alcançar «um lugar digno».

Manuel Barroso entrou aos nove anos para a natação e somente em 1981 estabeleceu contacto com o pentatlo moderno, onde tenciona desenvolver as suas capacidades.

Roberto Durão (25 anos) chegou à modalidade através do próprio meio familiar, pois o seu pai foi já presidente da Federação Portuguesa de Pentatlo Moderno.

Durão, estudante da Academia Militar, encontrou nesta escola as condições ideais para conseguir praticar as cinco modalidades do pentatlo.

Ginástica rítmica: controvérsia

A exclusão de Cristina Lebre (nos dois últimos anos campeã nacional da modalidade) da formação de ginástica rítmica, fez correr muita tinta e a Federação,

já depois do embarque da dupla que seleccionou, pretende ainda vir a ter o direito de explicar o seu critério, o que se torna agora verdadeiramente escusado por não haver hipótese de qualquer alteração e o elenco escolhido já estar a poisar nos EUA. Falemos, portanto, de quem viajou.

Maria João Falcão e Margarida Carmo vão fazer a sua estreia olímpica na recém introduzida disciplina de ginástica rítmica. Maria João (19 anos) aluna do 1.º ano do ISEF (mas em Setembro passa para o segundo) e Margarida (15) 10.º ano, competem nos dias 9 e 10 de Agosto nos quatro aparelhos (arco, bola, macas e fita) no pavilhão Pauley (UCLA) na aldeia olímpica. Se ficarem nos 20 primeiros lugares, voltam ao mesmo pavilhão no dia seguinte para o concurso final.

«Quando fomos ao campeonato do Mundo (Estrasburgo) nem queríamos pensar nos Jogos Olímpicos, para não termos um desgosto. Depois, ficámos satisfeitos, concretizámos o sonho e, agora só nos resta fazer o melhor possível. Medalhas? Isso é para as outras», confessa Maria João Falcão. «Fazer melhor do que em Estrasburgo, já seria bom. Concurso final? Talvez...» refere Margarida Carmo.

Maria João Falcão começou a praticar ginástica aos três anos porque, afirmou, tinha os joelhos tortos, mas depois, de Los Angeles, pensa abandonar, aos poucos, a competição. «Nem quero pensar em Seul, tenho um curso para tirar e gostava de gozar a vida», afirmou, acrescentando: «Nos últimos tempos tenho sido uma «escrava» da ginástica, passo fome e só saio com os amigos de vez em quando. Mas, quem corre por gosto, não se cansa: só que a vida tem outras coisas».

Maria João e Margarida treinam sete horas por dia durante a



A testa de ponte da luzida embaixada

semana e três ao sábado de manhã. Uma vida de sacrifício como afirmam, mas o pior (friso) é o peso. Maria João mede 1,57 m e pesa 38 quilos, enquanto Margarida é mais alta (1,66) e mais pesada (51). A primeira diz que tem de ter cuidado com os doces («sou muito gulosa»), enquanto a segunda admite que deve emagrecer. Ambas pensam que os Jogos são uma coisa maravilhosa, mas estão receosas, porque a técnica Jenny Candeias vai actuar como juiz e não lhes poderá dar o apoio necessário. «Temos de ser nós a ajudarmos-nos uma à outra, porque se se rompe uma ponta, parte-se um arco ou cai um carrapito, entramos em transe», afirmou Margarida Carmo. Numa coisa estão de acordo:

«devemos melhorar as nossas médias. E se é mau que a Jenny seja juiz, é bom, por outro lado, porque assim vamos ter uma pontuação melhor».

A professora Jenny Candeias confia nas suas meninas, mas não esconde um certo descontentamento pela não inclusão de outra ginasta: Cristina Lebre. «São as três do mesmo nível e a escolha da João e da Margarida pertenceu à Federação. Não tive nada a ver com o caso», sustenta, frisando que o apuramento de Portugal para os Jogos Olímpicos foi nominal. «A João e

a Margarida garantiram, em Estrasburgo, a presença de Portugal nos Jogos e não a presença delas. Se soubesse que a Federação viria a escolher as duas melhores nos mundiais, tinham-se oposto a que a Cristina Lebre fizesse exercícios fátivos», afirmou.

Referindo-se a um possível mal-estar entre as atletas seleccionadas para Los Angeles, disse não haver problemas: «a situação entre nós sempre foi clara, a João e a Margarida não estão afectadas psicologicamente».

Para Jenny Candeias é possível o apuramento de uma delas para o concurso final. «Sem búlgaras e soviéticas, das «feras» só restam as romenas e as nossas possibilidades aumentam,

mas nada de pensar em medalhas». A treinadora nacional acredita que tanto Maria João Falcão como Margarida Carmo,

com pontuação acima dos nove, consigam ultrapassar os seus máximos, porque (justificou) a média global sobe e elas são beneficiadas.

«Espero também que a ginástica rítmica seja beneficiada com esta presença nos Jogos, que poderá servir

como motivação para os técnicos e maior incentivo para as jovens».

Terminada a odisseia

Chama olímpica já chegou

Após uma odisseia de 75 dias pelos Estados Unidos, a chama olímpica chegou ontem a Los Angeles, atraindo multidões e provocando engarrafamentos de proporções «olímpicas».

Dezenas de milhares de pessoas aglomeraram-se nas principais avenidas de Los Angeles assistindo à passagem da chama, que já foi transportada por mais de 4000 estafetas e passou por 33 estados norte-americanos. Mas a chama não ficou definitivamente na cidade. Seguiu caminho para o sul da Califórnia, até San Diego e fará depois meia volta para entrar no Coliseu de Los Angeles dia 28 para a inauguração.

● **Nadia Comaneci**, a ginasta romena que em 1976 obteve as primeiras notas «10», sinónimo de perfeição, nos Jogos Olímpicos, chega segunda-feira a Los Angeles como convidada especial do comité organizador. Comaneci, 22 anos, permanecerá na aldeia olímpica da Universidade do Sul da Califórnia (USC) com a delegação romena. Durante a sua estada em Los Angeles, auxiliará no treino das ginastas romenas participantes nos Jogos.

● **Moscovo** vai quebrar a tradição entrega solene da bandeira olímpica à nova sede dos jogos pelos representantes da cidade anfitriã anterior na cerimónia de abertura em Los Angeles — anunciou a agência DPA.

A DPA diz ter sabido de fonte fidedigna que a União Soviética,

que boicota os Jogos, já enviou a bandeira ao Comité Olímpico Internacional, violando assim as regras olímpicas. O artigo 63 da Carta Olímpica estabelece que na cerimónia de abertura, um representante oficial da cidade-sede dos Jogos anteriores fará entrega solene da bandeira olímpica ao presidente do COI que, por sua vez, a transmitirá ao presidente da Câmara da cidade anfitriã. Esta cerimónia vem-se realizando sem interrupção desde os Jogos de 1924, em Paris. Os soviéticos, apesar da ausência dos seus atletas, estarão presentes em Los Angeles com uma delegação oficial de 53 membros, entre funcionários desportivos, árbitros e juizes.

Se a URSS persistir em malograr a cerimónia da entrega da bandeira a festa inaugural dos Jogos de Los Angeles, no sábado, começará da mesma forma com que terminaram há quatro anos os Jogos de Moscovo: com um escândalo de origem política. No encerramento dos Jogos de 1980, o regulamento do COI foi violado ao não ser tocado o hino norte-americano nem içada a bandeira dos Estados Unidos, que tinham boicotado os Jogos. Em seu lugar, foi tocado o hino olímpico e içada a bandeira da cidade de Los Angeles.

● **Segurança**. Responsáveis pela segurança nos Jogos pediram ao governador da Califórnia um número não especificado de guardas nacionais para vigilância de «locais determinados» du-



O facho olímpico atravessa a famosa Ponte de S. Francisco empunhado pela campeã norte-americana Nancy Ditz

rante as competições, revela o «Los Angeles Times» que adianta que o pedido está em discussão na Assembleia Estadual e tem um forte contingente de adversários, que argumentam contra a presença de soldados em áreas residenciais.

Os «locais determinados» mencionados pelos homens da segurança incluem edifícios públicos e instalações nas olimpíadas que podem ser alvo de ataques terroristas.

● **Manágua**. A Nicarágua vai enviar aos Jogos 25 atletas que

participarão nas modalidades de basebol, boxe e halterofilia, anunciou o Instituto Nicaraguense de Desportos. A delegação parte amanhã e as suas maiores esperanças residem no basebol (modalidade de exibição). A Nicarágua adiou durante muito tempo a confirmação da sua presença nos Jogos, mas acabou por não seguir o boicote iniciado pela União Soviética.

● **BILHETES**: Milhares de pessoas com bilhetes comprados para os jogos estão a «entrar em pânico», pois a poucos dias do começo da competição ainda não receberam pelo correio os bilhetes encomendados. Responsáveis pela distribuição atribuem os atrasos a dificuldades «na rede eletrónica de distribuição», mas tais desculpas não esconhem a ira de milhares de pessoas «de malas aviadas» para Los Angeles e ainda à espera dos bilhetes. Os ingressos, alguns pagos há um ano, deviam ter sido distribuídos até fim de Junho.

● **MILÃO**: Os dois jornais italianos de maior tiragem vão ser impressos e vendidos simultaneamente em Itália e nos Estados Unidos durante os Jogos Olímpicos.

Os jornais são o «Corriere Della Sera» e «La Gazzetta Dello Sport», ambos de Milão. O primeiro, um diário de informação geral, tem uma tiragem diária de 3,35 milhões e o segundo (desportivo) vende mais de 3,5 mi-

lhões. Entre 26 de Julho e 13 de Agosto a editora vai imprimir diariamente 20 mil exemplares na Califórnia através de teletransmissão via-satélite das páginas do jornal, numa operação destinada à comunidade italiana e à delegação olímpica do país.

● **ARMÉNIOS AMEAÇAM**. O Exército Secreto Arménio para a Libertação da Arménia (ASALA) ameaçou atentar contra a equipa olímpica da Jugoslávia se não forem postos em liberdade dois dos seus membros condenados naquele país. A ameaça foi feita através de uma carta enviada da cidade francesa de Vanves, dia 16 deste mês, para a agência italiana de notícias, ANSA. Na carta, a Jugoslávia é acusada de «apoiar o genocídio turco contra os arménios através de medidas draconianas contra os militantes do ASALA em Belgrado».

O ASALA refere-se a uma sentença proferida em 9 de Março por um tribunal jugoslavo contra os arménios Raffi Elbekian e Harutun Levonhan, autores do homicídio do embaixador turco na Jugoslávia, Galip Balkar, em 1983. O ASALA afirma que «ou a sentença é anulada ou o exército arménio iniciará operações mortais que afectarão não só a equipa olímpica jugoslava como também as representações diplomáticas jugoslavas em todo o mundo, assim como as turcas».

As acções armadas do exército arménio iniciaram-se em 1975 em Los Angeles com o assassinato de dois diplomatas

DESPORTO

ponta esquerda

O fio das palavras

Não se espante, leitor: o secretário-geral do Comité Olímpico Português afirmou (mesmo) o seguinte:

— COP é constituído por Pessoas de cultura desportiva superior às das que andam no atletismo...

Falou e disse. A história registará. Esperamos que, por exemplo, o campeão de atletismo dr. Renato Graça não tenha a veleidade de contestar esta dogmática declaração do secretário-geral da Braamcamp, dr. David Sequerra.

Júlio Isidro em «A festa continua», ontem:

—E agora temos aqui Fernando Lima, coreógrafo que coreografa as coreografias que apresentamos.

Tudo bem esclarecido:



O caso documentado ocorreu no Pavilhão das Antas em tempo não muito recuado. Em vários pavilhões e diferentes recintos da prática desportiva têm sucedido cenas idênticas com exposição de violência verbal e física. A tais atitudes dizemos: assim, não!

Grande Prémio de Brands Hatch

Lauda bate recorde de pontuação

Niki Lauda venceu ontem o Grande Prémio da Grã-Bretanha em Fórmula 1 depois de uma corrida em Brands Hatch praticamente sem falhas, numa demonstração de como controlar uma corrida.

A corrida foi interrompida ao fim de 12 voltas na sequência de um despiste de Jonathan Palmer (RAM) e desenrolou-se assim em duas partes, com adição de tempos.

O companheiro de equipa de Lauda na McLaren, o francês Alain Prost, assumiu o comando na segunda partida, para a qual Nelson Piquet estava de novo na «pole position», mas abandonou na vigésima sétima volta com a caixa de velocidades partida.

O abandono deixou Lauda isolado na frente do Grande Prémio e o austríaco não cometeu erros, mantendo à distância o brasileiro Piquet. Os nove pontos da vitória deixaram Lauda a um ponto e meio de Prost na tabela do Campeonato do Mundo.

Derek Warwick, da Grã-Bretanha, em Renault, acabou por con-

seguir o segundo lugar, depois de Piquet ter abrandado com falta de gasolina e problemas de pneus.

O brasileiro Ayrton Senna, em Toleman, foi terceiro, a sua melhor classificação de sempre na Fórmula 1, seguindo-se os italianos Elio de Angelis (Lotus), Michele Alboreto (Ferrari) e o francês René Arnoux (Ferrari).

Niki Lauda deu hoje uma justificação pontual aos que vêm nele o melhor piloto do mundo de Fórmula Um, ao tornar-se o mais pontuado em 34 anos de história do Campeonato Mundial de Condutores.

Com os nove pontos recolhidos com a vitória no Grande Prémio de Brands Hatch, Lauda passou a totalizar na presente temporada 33.

Isso significa que desde o início da sua carreira somou em provas de Fórmula Um 367,5 pontos, o que ultrapassa o anterior recorde de 360 pontos na posse, até hoje, do escocês Jackie Stewart.

Seguem-se nesta lista dos mais pontuados, da qual estão longe todos os pilotos em activi-

Circuito de Vila Real

Acidente marcou negativamente a prova transmontana

O despiste do BMW do piloto Jorge Petiz, que provocou a morte a um espectador e ferimentos ligeiros em sete outros, marcou ontem de forma negativa as provas do Circuito Automóvel de Vila Real.

Petiz, que correu integrado no Grupo A, embateu na volta de aquecimento com o Alfa Romeo de Christian Melville, despistando-se na recta de Mateus junto de um local onde se encontrava muito público.

Do acidente, que interrompeu as provas durante 60 minutos, resultou a morte de um industrial da construção civil, José Zefireiro e ferimentos sem gravidade em vários espectadores.

Em virtude daquele acidente e do atraso provocado, os organizadores decidiram encurtar a prova no seu número de voltas, tendo a mesma terminado tardiamente e com os pilotos a experimentarem pouca visibilidade.

No Grupo A, o vencedor da corrida foi Sidónio Cabanelas (BMW) com o tempo de 23.12,73 minutos a uma média horária de 146.200 quilómetros.

Pedro Meireles (Rover 3000) foi segundo classificado, com 23.47,14, seguido de Gonçalo Figueiredo (BMW), com 23.53,83.

Jorge Correia e José Gonçalves, ambos em Ford Capri terminaram a prova nos lugares imediatos...

Na prova «Rainha» — Grupo B — a vitória pertenceu a Mário Silva, ao volante de um BMW, com o tempo de 40.37,38 minutos, realizando uma média horária de 153.423 quilómetros.

António Rodrigues, tripulando um Lancia Rally, foi o seu opositor mais firme, tendo terminado no segundo posto, com 42.31,53 seguido de Carlos Silva (Ford Escort), com 42.56,85.

No Troféu Visa, Rui Lajes

sagrou-se vencedor, ao gastar o tempo de 31.28,62 minutos, a uma média-horária de 13.500 quilómetros.

Larane e Rufino Fontes situaram-se no segundo e terceiro lugares, respectivamente com 31.33,12 e 31.45,28 minutos.

«Pêquêpê», com 31.45,65 foi quarto classificado, seguido de João Salavessa, com 32.09,32.

No Troféu Toyota, outra das provas efectuadas no circuito de Vila Real, o triunfo foi para António Rodrigues, com o tempo de 33.33,72 minutos, a uma média horária de 123.800 quilómetros.

Manuel Fernandes e Sande e Costa, com actuações de bom nível, ficaram nos dois lugares imediatos.

CLASIFICAÇÕES FINAIS

Troféu Toyota

1.º António Rodrigues, 33 m, 33.72, 10 voltas, à média de 123.800 km/h; 2.º Manuel Fernandes, 10 v. 33-34,55; 3.º Sande e Castro, 10 v. 33-35,20; 4.º Jorge Petiz, 10 v. 33-36,14; 5.º Adriano Barbosa, 10 v. 33.36,14; 6.º Pêquêpê, 10 v. 33.37,56; 7.º Rui Lajes, 10 v. 33.59,52; 8.º Alcides Petiz, 10 v. 34.34,02; 9.º Fernando Santos, 10 v. 34.03,03; 10.º António Salvador, 10 v. 34.04,96.

Troféu Visa

1.º Rui Lajes, com o tempo de 31.28,62; média de 132,001 km/h; 2.º Larama, 31.33,14; 3.º Rufino Fontes, 31.45,28; 4.º Pê-

quêpê, 31.45,56; 5.º João Salavessa, 32.09,32; 6.º Ernesto Portugal, 32.09,32; 7.º António Onofre, 32.10,35; 8.º Fernando Santos, 32.31,07; 9.º Tino Pereira, 32.33,20; 10.º César Santos, 32.33,31.

Grupo BEN

1.º Mário Silva (BMW M1), 40.37,38, 15 voltas à média de 153.422 km/h; 2.º António Rodrigues (Lancia Rallye), a uma volta; 3.º Ferreira da Silva (BMW 3231), a duas voltas; 4.º Araújo Pereira (BMW Petzi), a duas voltas; 5.º Alcides Petiz (Golf GTI), a duas voltas; 6.º Bernardo Sá Nogueira (Alfa Romeo GTV6), a duas voltas; 7.º José Meireles (Fiat Abarth), a duas voltas; 8.º Carlos Silva (Ford Escort), a duas voltas; 9.º António Vasconcelos (Chevette 2.3), a três voltas.

Grupo A

1.º Sidónio Cabanelas (BMW635CSI), 23.12,73, à média de 143.200 km/h; 2.º Pedro Meireles (Rover 3500), 23.47,14; 3.º Gonçalo Figueiredo (BMW 528i), 23.53,83; 4.º Jorge Correia (Ford Capri), 24.43,39; 5.º José Gonçalves (Ford Capri), 25.41,66; 6.º José Meireles (Toyota Corolla), 25.51,01; 7.º Vítor Silva (Opel Ascona), 25.59,58; 8.º Artur Moreira (Opel Ascona), 26.04,43; 9.º Carlos Rodrigues (Escort RS), 23.29,60, menos uma volta; 10.º Alberto Freitas (1275 GT), 23.33,80, menos uma volta.

dade, Carlos Reutemann (310), Graham Hill (289), Emerson Fittipaldi (281), Juan Manuel Fangio (277,5) e Jim Clark (274), todos eles grandes nomes do automobilismo mundial.

Lauda igualou ainda o recorde de 152 Grandes Prémios disputados por pilotos em actividade, pertença do irlandês John Watson, esta época sem escuderia.

O austríaco pode ultrapassar o máximo de todos os tempos, 176 Grandes Prémios, de Graham Hill.

Renault 95T, a uma volta; 5.º Michele Alboreto, Itália, Ferrari 126C4, a uma volta; 6.º René Arnoux, França, Ferrari 126C4, a uma volta; 7.º Nelson Piquet, Brasil, Brabham-BMW BT53, a uma volta; 8.º Patrick Tambay, França, Renault RE50, a duas voltas; 9.º Piercarlo Ghinzani, Itália, Osella Alfa Romeo, a três voltas; 10.º Andrea de Cesaris, Itália, Ligier-Renault JS23, a três voltas.

Pontuação do Mundial

Classificação final

1.º Niki Lauda, Áustria, McLaren Tag-Porsche MP4/2, 1 hora 29 minutos 28,532 segundos — média 200,206; 2.º Derek Warwick, Grã-Bretanha, Renault RE50, 1.30.18,655; 3.º Ayrton Senna da Silva, Brasil, Toleman-Hart TG183B, 1.30.31,860; 4.º Elio de Angelis, Itália, JPS-Lotus

1.º Alain Prost, França, 34,5 pontos; 2.º Niki Lauda, Áustria, 33; 3.º Elio de Angelis, Itália, 26,5; 4.º René Arnoux, França, 23,5; 5.º Keke Rosberg, Finlândia, 20; 6.º Derek Warwick, Grã-Bretanha, 19; 7.º Nelson Piquet, Brasil, 18; 8.º Michele Alboreto, Itália, 11; 9.º Ayrton Senna da Silva, Brasil, 8; 10.º Patrick Tambay, França, 7; 11.º Nigel Mansell, Grã-Bretanha, 6; 12.º Jacques Laffite, França, 4.



São as provas dos troféus aquelas que vão animando os campeonatos de velocidade. Esta imagem da prova do Troféu Visa é um bom exemplo disso: dez carros em plena curva.

CP Caminhos de Ferro Portugueses Informação

INFORMAÇÃO AO PÚBLICO LINHA DE SINTRA

Trabalhos de conservação da catenária

No âmbito das acções regulares de conservação das infra-estruturas da Linha de Sintra, está a CP a proceder a trabalhos na catenária, que decorrerão até 10 de Setembro próximo.

Embora se tenha planificado um esquema destas intervenções técnicas de molde a perturbar o menos possível o tráfego ferroviário naquela zona, a verdade é que somos forçados — por motivos operacionais — a suprimir algumas circulações, nos períodos das 10.00 às 12.00 horas nos dias úteis e das 10 às 12.00 e das 15.00 às 17.00 horas aos sábados e domingos.

Ao mesmo tempo que solicitamos a compreensão dos senhores passageiros — pois os trabalhos em curso destinam-se a garantir a qualidade técnica da circulação — chamamos a atenção do público para a alteração de algumas rotinas na circulação ferroviária naquela área.

Para mais completo esclarecimento solicitamos o contacto com as estações da Linha de Sintra.

INFORMAÇÃO

À CLASSE MÉDICA

AOS DOENTES CONSUMIDORES DE REUMON-GEL e BIALZEPAM

(todas as apresentações)

Informamos que o abastecimento destes nossos produtos no mercado está a ser feito normalmente através dos Srs. Armazenistas e Farmácias, que o solicitam.

19-Julho-1984

Laboratórios **Bial**

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

13.º JUÍZO

ANÚNCIO

Por este Tribunal correm editos de trinta dias, que começarão a contar-se da segunda e última publicação do anúncio citando o réu CONSTRUÇÕES CAMÉLIA, Lda, com última sede conhecida na Praça Professor Santos Andrae, 17-r/c-B — Lisboa, para no prazo de 10 dias, findo o dos editos, contestar querendo a acção, na qual a Autora pede a condenação da ré a pagar-lhe a quantia de 237 666\$40, juros vencidos e acrescidos legais, sob pena de ser condenada no pedido.

Acção Sumária n.º 9498 2.ª Secção. Autora IBEROPA-Centro Europeu de Materiais de Construção, Lda. Réu CONSTRUÇÕES CAMÉLIA, Lda. Lisboa, 9 de Julho de 1984.

O Juiz de Direito,

Jaime Manuel Belém Santana Guapo

O Escrivão-adjunto,

António José de Paiva Costa

D.L. 23/7/84 — 1.ª Pub.



Weather Report amanhã na FIL

O grupo Weather Report realiza amanhã, pelas 22 horas, o último concerto da digressão europeia deste ano. O palco será o do Pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, especialmente beneficiado com obras de vulto para este espectáculo a que poderão assistir seis mil pessoas.

A formação com 13 anos de existência situa-se num caminho musical entre o jazz e o rock, ou música de «fusão». Nasce do desmoronar de barreiras e conceitos efectuados pelo trompetista Miles Davis. Partiu da descoberta de novas vias combinatórias do jazz com o rock numa forma profundamente inovadora.

O Weather Report é um dos grupos que torna as fronteiras entre os géneros musicais cada vez mais esbatidas e, por tal, difíceis de rotular. A sua música é feita de espectáculo para espectáculo, de disco para disco.

A banda é um caso ímpar, no actual panorama do jazz ou, mais precisamente, na experiência de fusão. Com um projecto autónomo é um dos grupos que subsiste com mais vitalidade a partir da proposta do álbum «Bitches Brew», que Miles Davis gravou em 1969 e que coordenava o rock aliado ao progresso instrumental e o jazz nos aspectos de improvisação e de fraseado.

Na órbita do trompetista mais ilustre do jazz actual giravam já os fundadores do Weather Report, Joe Zawinul, nos teclados, Wayne Shorter, no saxofone, e o contrabaixista Miroslav Vitous, hoje arredado da banda.

Quando se fundou, as suas directrizes musicais não eram muito claras — em tradução literal Weather Report significa boletim meteorológico — e num depoi-

mento assinado por Shorter, datado de 1971, pode-se ler os objectivos do grupo recém-formado: «Weather Report, tal como o tempo, sugere mudança. O campo é ilimitado, tal como o nome indica. Mudança em tudo: em atitudes, na ideologia, no campo estético, mas não mudança pela mudança. Uma mudança tem sempre um objectivo, uma causa, um efeito».

A influência de Davis

Fazendo uma curta viagem pelos 13 álbuns oficiais do grupo pode-se observar a mudança, os objectivos. O primeiro álbum intitula-se simplesmente «Weather Report» e encerra as direcções a ser desenvolvidas posteriormente. A omnipresença de Davis é evidente. A autonomia iria ser manifestada no segundo disco, «I Sing The Body Electric», o mais experimental de toda a sua discografia, apresentando composições de estúdio e demonstrativo da fúria controlada que lhes é típica nos concertos.

O terceiro álbum, «Sweetnighter» irá modificar radicalmente a trajectória do grupo. A concepção orquestral de Zawinul, que passará a dominar a temática da banda até aos tempos actuais, começa a impor-se a nível de texturas e ritmos. Os temas revelam complexidade no seu desenvolvimento e Vítuos, o contrabaixista melódico por excelência, é afastado.

Com a substituição de Vítuos por Alphonso Johnson, um baixista eléctrico essencialmente rítmico, a transformação acentua-se no quarto disco «Mysterious Traveller». Zawinul começa a trabalhar em profusão

com sintetizadores. No álbum seguinte, «Tale Spinnin» assiste-se a um regresso parcial ao conceito mais convencional de solista mais secção rítmica, o que contrariava um pouco a tendência dominante de grupo homogéneo sem solistas destacados, onde todos, afinal eram solistas em simultâneo.

O período 75/76 é um período de espectacularidade, embora não revele particular invenção e criatividade. Será uma fase de reflexão e transição para novas aventuras. O facto mais importante é a entrada do extraordinário baixista Jaco Pastorius, que irá marcar definitivamente a música do grupo, iniciada com o disco «Black Market».

O ano de 1977 é emblemático na sua carreira. Corresponde a uma dilatação definitiva do seu público e assinala o primeiro grande «hit»: o tema «Birdland» que abre o sétimo disco «Heavy Weather». Agora é a dupla Pastorius/Zawinul que segura o leme e o «funk» sofisticado de que o grupo faz alarde atinge audiências estranhas ao jazz.

Autonomia progressiva

Em 1978, o Weather Report é surpreendido com ataques ferozes de certos sectores da crítica, os mais conservadores, que ficam incomodados com a vasta aceitação que o grupo registava. Isto a propósito do álbum «Mr. Gone» em que sobressaia o instinto rítmico de Zawinul. O duplo álbum de 79, «8:30» é o documento que se impõe como recapitulação do trabalho, reunindo selecções de actuações ao vivo.

O décimo disco do grupo, «Night Passage» de 80 anuncia o

limiar de uma nova fase marcada por uma maturidade musical impressionante. Permite evidenciar as orquestrações, agora mais simples, de Zawinul, enquanto que Wayne Shorter renasce no seu saxtenor, aparentemente esquecido.

Depois de um ano de interregno na produção discográfica regular, 82 marca a saída do 11.º disco, intitulado apenas «Weather Report». Assiste-se ao recrudescimento do domínio de composição de Zawinul, enquanto Pastorius se aplica na produção.

Um novo ciclo, decorrente de mais uma nova formação, inaugura-se em 83 com o álbum «Porcussion». O baixista número um do mundo sai do grupo, o mesmo acontecendo ao baterista Peter Erskine. Entram o baixo, Victor Bayler, o baterista Omar Hakim e o percussionista Jose Rossy, pelo que existe uma certa transformação na secção rítmica.

«Domino Theory» é o mais recente álbum do Weather Report. Insinua a energia e excitação dos primeiros discos e uma aparente ingenuidade composicional. Dá-se mais campo livre à improvisação do saxofonista Wayne Shorter, ao mesmo tempo que o produto final sugere uma maior diversidade bem típica dos tempos actuais.

A música do Weather Report afasta-se definitivamente do jazz, embora com ele mantenha relações evidentes. Reconhece-se uma nova dinâmica interna que o público que, amanhã à noite, assistir ao espectáculo poderá constatar, um concerto único em Lisboa.

Edite M. C.

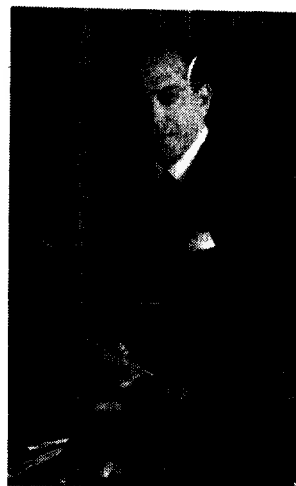
Hoje

RTP1



Esta noite na RTP-1 poderemos ouvir Yves Montand, numa viagem que realizou através do Mundo

- 18.02 Notícias
- 18.10 3, 2, 1 Contacto
- 18.40 Teleregiões
- 19.05 «A Balada de Hill Street»
- 20.00 Telejornal
- 20.35 «O Bem-Amado» — episódio n.º 89.
- 21.15 Montand International — um programa que acompanha os pontos mais altos da digressão de dois meses que Yves Montand efectuou por meia dúzia de países.
- 22.55 Últimas Notícias



A RTP-2 apresenta uma retrospectiva do pintor Henrique Medina (na foto)

RTP2

- 19.32 Notícias
- 19.40 Desenhos Animados — «Corridas Loucas».
- 19.50 Folclore — O Grupo de S. Torcato, de Guimarães.
- 20.20 Henrique Medina — documentário dedicado ao pintor Henrique Medina, nascido no Porto há 83 anos.
- 21.05 Animação
- 21.35 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 65.
- 22.15 Jornal da Noite
- 22.45 ... Da Música — dois concertos de Haydn (os n.ºs 1 e 2) para orquestra e violoncelo.

Amanhã

RTP1 RTP2

- 18.02: Notícias; 18.10: «Candy, Candy»; 18.35: Teleregiões; 19.00: A Guerra Civil de Espanha; 19.50: Boletim Meteorológico para a Agricultura; 20.00: Telejornal; 20.30: «O Bem-Amado»; 21.10: «Q. E. D.»; 22.10: Grande Informação; 23.10: Últimas Notícias.
- 19.32: Notícias; 19.40: Desenhos Animados; 20.05: Portugal Romano; 20.35: Adágio; 21.10: Aves Migratórias; 21.35: «Guerra dos Sexos»; 22.15: Jornal da Noite; 22.45: «A Balada de Hill Street».

GRUNDIG
a segurança de um grande nome
seleccionou para si...

RTP1

Yves Montand
(21.15)

RTP2

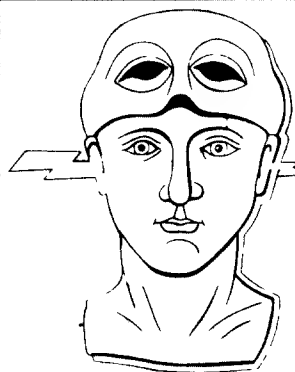
«Guerra dos Sexos»
(21.35)

«BEM-AMADO!!»

A polícia volta a insistir com Neco e Jerusa para que estes digam os nomes dos outros membros da quadrilha. Zeca Diabo fica muito assustado ao perceber que a directora da escola é Dó. Esta está decidida a ensiná-lo a ler e combinam que as aulas serão em casa dela.
Pepito procura Penha em casa de Mestre Ambrósio e mostra-se muito admirado por ela estar ali a viver. Teima pede a Juarez que vá ver a tia enquanto o pai está na prefeitura. Juarez não gosta muito da ideia de ter que ir a casa de Odório às escondidas, mas devido à insistência de Teima acaba por a acompanhar.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



Filhos de um Deus menor

Mark
Medoff

Teatro Trindade
Inatel

Terça a Sábado às 21.30 horas
Domingo às 16 horas
Estreia a 12 de Julho 1984



Telefone: 320000

Encenação MARIO FELICIANO
Cenografia JOSE CUNHA
Figurinos VERA CASTRO
Música CONSTANCA CAPDEVILLE
Luminotecnia ORLANDO WORM

Subsídios: Ministério da Cultura
Fundação Calouste Gulbenkian

Patrocinios: Associação Portuguesa de Seguros
Tabacaria
Petrogal

Apoio: Rádio Comercial / T.S.F. Som & Imagem

8878 JLL o jornal

Com: ÁNGELA PINTO
BAPTISTA FERNANDES
FERNANDO JOSÉ OLIVEIRA
JOÃO PERRY
MARGARIDA ROSA RODRIGUES
MARIANA REY MONTEIRO
TERESA MADRUGA

Ensino de Linguagem Gestual
ANA CRISTINA
ARTUR JORGE
Colaboração Especial
Linguística
ISABEL PRATA
Terapia da Fala
CONCEIÇÃO TORRADO

SÓ ATÉ 29 DE JULHO

roteiro cultural

Exposições

- Uma exposição de pintura de **Manuel Cargaleiro** é hoje inaugurada na Gulbenkian. A exposição integra-se no VI Internacional Symposium on Morphological Sciences e é constituída por 25 pinturas a óleo sobre tela.
- No Centro de Arte Moderna está patente, até 14 de Outubro, a grande exposição de **Almada Negreiros** que reúne cerca de 500 obras daquele artista. Entre elas figuram «O Retrato», «A Réplica de Fernando Pessoa», «O Arlequim Sentado», «Homenagem a Lucca Signorelli» e «Maternidade».
- Uma exposição de fotografia do canadiano **Evergon** encontra-se patente na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. A exposição é subordinada ao tema «Os Jacentes do Efêmero».
- No B'Arte, ao Bairro Alto, continua visível uma exposição de pintura de **Lurdes Sousa**.
- «O Nada. Seu Silêncio» é o título da exposição de **Eduardo Lemos** patente no restaurante Escorial.
- «Arquitectura e Renovação Urbana em Portugal» é o tema da exposição do arquitecto Alvaro Siza presente na Galeria Almada Negreiros.
- No espaço do TNT, à Praça José Fontana, continua patente a exposição «Espaços Vivos-Espaços em Transformação», organizada pelo **Grupo Bandadarte** e aberta à participação dos artistas interessados.
- Uma exposição de pintura de **Jaime Murteira** encontra-se na Galeria de Arte do Casino Estoril.
- Na Junta de Turismo da

Costa Estoril encerra hoje a exposição de David de Almeida.

- **Guaches de Boavida Amaro** podem ser vistos na «Galeria», em Cascais. A exposição encerra no dia 25.
- Também em Cascais, no espaço do TEC, pode ser vista, até ao fim do mês, a exposição de **tapetes de Arraiolos**. Na mostra encontram-se bordadeiras em permanente demonstração da técnica desta arte, nas suas diferentes fases.
- «Terra do Não Ser» é o título da exposição da pintora **Adérta Amor** que pode ser vista no Hotel Palácio do Estoril.
- A 1.ª **Exposição Nacional de Pequeno Formato**, organizada pela Cooperativa Arvore, encontra-se patente, até dia 29, no Pavilhão Portex, situado nos Jardins do Palácio de Cristal do Porto.

Teatro

- Esta noite, pelas 22 horas, é representada, no Anfiteatro ao ar livre da Gulbenkian, a peça de Almada Negreiros «Antes de Começar». A encenação é de Manuel Zimbro e a interpretação de **Lourdes de Castro** e **Manuel Amaro**.

Cinema

- «O Dueto da Corda» de **John Landis**, é o filme que continua esta noite o ciclo «A Noite e o Riso» no Auditório Carlos Alberto do Porto.
- No Jardim de Silves é hoje exibido, às 21 e 30, o filme de **Sérgio Leone** «Aconteceu no Oeste» com Claudia Cardinale e Henry Fonda nos principais papéis.



Pinturas de Manuel Cargaleiro a partir de hoje na Gulbenkian

AOS CONDUTORES

“Reduza sempre a velocidade ao avistar um grupo de crianças, porque estas vão normalmente distraídas e não dão atenção ao trânsito.”

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

COTAÇÕES DE NOTAS		(Por unidade)	
		COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)		84615	90815
ALEMANHA FED (marco)		51820	52830
AÚSTRIA (xelim)		7927	7940
BÉLGICA (franco)		23364	23564
BRASIL (cruzado)		8046	8078
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)		110855	112855
(notas de 5 e 1000)		110855	112830
DINAMARCA (coroa)		14800	14840
ESPAÑA (peseta)		8885	8885
EUA (dólar — notas de 1 e 2)		148850	148850
(notas de 5 e 1000)		147800	148800
FINLÂNDIA (marca)		24830	24880
FRANÇA (franco)		16885	17835
HOLANDA (florim)		48835	48835
IRLÂNDIA (libra)		157820	161820
ITALIA (lira)		8076	8088
JAPÃO (yene)		8572	8607
NORUEGA (coroa)		17870	18820
REINO UNIDO (libra)		194830	198830
SUECIA (coroa)		17880	18820
SUIÇA (franco)		60850	61880
VENEZUELA (bolivar)		8850	8850

Observações:
1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim; 20.25: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Marrocos, tão perto e tão longe; 21.30: Noites de luar. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

16.00: Suite «Os Planetas»; 17.00: Música barroca suíça; 17.35: Concerto em lá menor, para violino e orquestra; 19.30: Música instrumental, de Paganini; 20.10: Sinfonia n.º 1, em dó menor, de Bruchner; 21.00: O canto e os seus intérpretes; 22.00: Sonata n.º 2, em mi maior, para violoncelo e piano, de Brahms; 22.30: Poema sinfónico, «O Música na Cidade», de Yves Baudier; 23.00: Intercâmbio musical; 00.50: Adágio, em sol menor, de Albinoni; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (263, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Programa do Sport Lisboa e Benfica; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca (2 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Desporto; 23.00: 24.ª hora. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Um programa de José Ramos; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditação.

Rede Sul de FM
21.00: Paju; 21.30: Pentagrama.

Desdobramento em FM Estéreo
22.57: A Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM. Notícias e todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 092

HORIZONTAIS:

- Recusa. Crescem.
- Tapai. Arsénio (s.q.).
- Minas (abrev.). Nome de peixe.
- Alegria. Recusa.
- Também não. Aparência (pl.).
- O sustento. Agora.
- Debruaras.
- Pronome possessivo. Transmontano (abrev.).
- Hectograma. Mau. Satélite de Júpiter.
- Divide em ruas. Calote.
- Adicionar. Bacanal.

VERTICAIS:

- Em a. Ave muito usada em culinária (pl.).
- Classe de tropa. Papão.
- Provenientes. Antiga unidade monetária da Alemanha.
- No lugar em que. Reis. O mesmo que uma (ant. e pop.).
- Militro. Suplicar.
- Hélio (s.q. e inv.). Autores
- Concedes. Casa pequena e habitada por muitas pessoas.
- Espécie de forragem (bras.). Equipar.
- Artigo definido. Pessoa astuta (fig.). Rei de Basã, morto por ordem de Moisés.
- Contristar (fig.). Nota musical.
- Fundo de agulha. Apelido. Vila e concelho do distrito de Évora

Resolvi completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9942

HORIZONTAIS:

- Sentidas. Condolências. Retribuis. Clima.
- Rio da Suíça. Conjunção. Estime.
- Rate. Prendam com eles.
- Restaura.
- Prende. Pronome pessoal. Es-carnices.
- Sã. Pés de animais.
- Clima. Nome de fruto.
- Cova.
- Saliente. Causas amuo a.
- Africano. Equipio.
- Fechas as asas para descer mais depressa. Lavrais.

VERTICAIS:

- Freguesia do concelho de Ponte de Lima. Nivela. Saudáveis.
- Carapa. Cidade de Marrocos.
- Avermelhada. Cólora.
- Átomo. Indignados.
- Antes do meio-dia. Antiga capital da Birmânia. Sódio (s.q.).
- Distinção. Platina (s.q.).
- Arsénio (s.q.). Aguarda.
- Artigo definido (ant.). Perfumar.
- De vigia. Larva das feridas dos animais.
- A branda. Recai.
- Objecto ou mercadoria remetida. Solitários.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 091

HORIZONTAIS:

- ANTES. Massa.
- Nair. Virias.
- Otão. Ina. Ba.
- Sassavam. Ir.
- Lo. Doma. Ao.
- All. Rb.
- Bem. Aqui.
- Uva. Sugados.
- Rãs. Se. Sara.
- Soe. Ito.
- Ocas. Avisos.

VERTICAIS:

- ANOS. BURRO.
- Natal. Eva.
- Tias. Amassa.
- Eros. Os.
- Adiasse.
- VIVO. QUE.
- Mimam. Gu. MV.
- Aramarias.
- Si. Dais.
- SABIO. MORTO.
- Asaram. Sãos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9941

HORIZONTAIS:

- Patifaria.
- Abadá. Emaça.
- Tríos. Gu. As.
- Ela. Trinar.
- Tg. Planista.
- las. Adail.
- Cria. Aló.
- Oé. Gard. Am.
- MMIV. Erg.
- Colaria. Ien.
- Asi. Earn. Mu.

VERTICAIS:

- Patético. Cá.
- Abrígaremos.
- Tals. SI. MLI.
- Ido. Má.
- Fastio. Gire.
- Rã. Cávila.
- Regina. Ar.
- Imunidade.
- Aa. Asai. Ri.
- Cartilagem.
- Cãs. Alom. Nu.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
OS MARRETAS CONTRA-ATACAM

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
**Festival Cantinfias
CANTINFILAS O POLÍCIA 777**
2.ª Semana

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
GELADO DE LIMÃO

BERNA 776096

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
A EPOPEIA DO IMPÉRIO

CALEIDOSCÓPIO 795083

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Para Todos
O ESPÍO SAÍ AS NOVE

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 6 a.
MY FAIR LADY
c/ Audrey Hepburn e Rex Harrison
Começa no início das sessões
3.ª Semana

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
- Mai. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA
Às 24
MEGA FORCE

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
O MAIS DURO DO TEXAS

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14, 16.30, 19 e 21.30 horas
Não acons. men. 13 anos

OS HOMENS QUE EU AMEI
Às 24
OS MAIS SELVAGENS DO OESTE

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
- Maiores 12 anos
OS MARGINAIS

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30
OS MARGINAIS

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O PREÇO DO ESCÂNDALO
2.ª Semana

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
PORKY'S II

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
- M. 18 anos
OS LADRÕES DA MONTANHA SAGRADA

ESTÚDIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30 h
- N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
105.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30, 21.30 e 24
- Mai. 16 anos
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER
5.ª Semana

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
INFELMENTE TUA

SALA 2

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
- M. 16 a.
O PREÇO DO ESCÂNDALO

IMPÉRIO 555134/5

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 14.45, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
LAWRENCE DA ARÁBIA

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30
- N. 13 a.
INFELMENTE TUA

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
O CLUBE DOS MALANDRÕES

Às 24
O HOMEM DA MÁSCARA DE FERRO

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
- M. 12 anos
QUE PARÓDIA DE FÉRIAS

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
VALE TUDO... ATÉ ISSO

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14.00, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 anos
FURACÃO NO ASFALTO



Uma cena do filme «Identificação de uma mulher» realizado por Michelangelo Antonioni em exibição no Estúdio 444 e Quarteto

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
TIPO DE ESCAPE

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21 e 23.15 h
BENVINDO A TERRA PROMETIDA

Às 23.30
VÍCIOS PRIVADOS, PÚBLICAS VIRTUDES

SALA 2

Às 14, 16.15, 18.45, 21, 23.15 h
JOGO DE MÃO

SALA 3

Às 15, 18 e 21 h
STALKER

SALA 4

Às 14, 16.30, 19 e 21.30 h
- Maiores de 16 anos
IDENTIFICAÇÃO DE UMA MULHER

SALA 5

Às 24
A VIDA É UM ROMANCE

QUINTETO 573407

R. Actr. Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
- N. acons. men. 18 anos
O DUELO

Às 00.45
NOITES DE HALLOWE'EN

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
OS LADRÕES DA MONTANHA SAGRADA

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- Int. men. 18 a.
AS FREIRAS DE SANT'ARCANGELO
c/ Ornella Muti e Anne Heywood

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1

Sessões às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. de 12 anos
VIDAS EM JOGO
com Jeff Bridges

Do mesmo realizador de «Oficial e Cavaleiro»
4.ª Semana

SALA 2

Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.45
- M. 12 A.
LENNY
c/ Dustin Hoffman

SALA 3

Às 14, 16.15, 18.30 e 21.15
- N. ac. men. 18 a.
A iniciar o Ciclo Pasolini
DECAMERON

3.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à E. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 horas
- Maiores 18 anos
MONTYPYTHON'S - O SENTIDO DA VIDA

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
- N. acons. men. 12 anos
VOLTA JIMMY DEAN
2.ª Semana

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 15, 17.30 e 21.45
A ROSA

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, lote 879

Às 15, 18.15 e 21.30
KRAMER CONTRA KRAMER
N. acons. men. 18 anos

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
CHINATOWN

outros cinemas

Lisboa

OLIMPIA - «Amanda. Perigo Sexual», sessões permanentes (18 anos)

CAPITÓLIO - «Lowe You», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

MUNDIAL - «Ben Hur», às 21.00 (13 anos)

CITY-CINE - «Poltergeist», às 21.30 (18 anos)

TERMINAL - «Que Paródia de Férias», às 21.30 (16 anos)

LONDRES - «Carmen», às 21.30 (12 anos)

CINE-ESTÚDIO ACS - «O Pelotão Chanfrado», às 21.30 (13 anos)

ZODIACO - «O Império dos Sentidos», às 21.30 (18 anos)

ALFA-1 - «A Epopeia do Império», às 21.30 (12 anos)

ALFA-2 - «O Guerreiro Sagrado», às 21.45 (12 anos)

ALFA-3 - «Porky's II», às 21.45 (16 anos)

TIVOLI - «A Epopeia do Império», às 21.30 (12 anos)

ALFA-CLUBE - «Adolescentes», às 21.30 (12 anos)

APOLLO 70 - «Face a Face», às 21.30 (18 anos)

RESTELO - «Porky's II», às 21.30 (16 anos)

PROMOTORA - «O Dragão Gordo Entra na Dança», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «Papillon», às 21.30 (13 anos)

SÃO JOÃO DO ESTORIL - Cinelândia - «Rocky III», às 21.15 (13 anos)

ESTORIL - Casino - «O Campeão», às 21.15 (13 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «O Gendarme e as Gendarmetas», às 21.30 (6 anos)

Outra Banda

ALMADA - Cine-Estúdio - «Os Comandados de Sua Majestade», às 21.30 (13 anos)

COSTA DE CAPARICA - Silcine - «Guerreiros de Aço», às 21.30 (12 anos)

ALMADA - Incrível - «Um Amor que não Morreu», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Academia - «A Morte de um Canalha», às 21.15 (13 anos)

Porto

OLIMPIA - «Profissão: Mulher», às 14.15, 16.15, 18.15 e 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «O Vingador da Estrada», às 21.30 (18 anos)

COLISEU - «A Epopeia do Império», às 21.30 (12 anos)

ESTÚDIO - «Rosa Vermelha», às 21.30 (13 anos)

CHAPLIN - «Os Malucos Atacam de Novo», às 15.30 e 21.30 (13 anos)

TERÇO - «Desordem na Terra dos Gringos», às 15.30 e 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «La Boum 2», às 21.30 (12 anos)

ÁGUA - «O Grande Combate», às 21.30 (13 anos)

BATALHA - «Na Senda do Vício», às 21.30 (16 anos)

FOCO - «Juventude sem Freio», às 21.30 (18 anos)

PASSOS MANUEL - «Juventude sem Freio», às 21.45 (18 anos)

PEDRO CEM - «Música no Coração», às 21.15 (6 anos)

SÃO JOÃO - «Psico II», às 21.30 (18 anos)

BEBÉ - «Fanny e Alexandre», às 21.30 (13 anos)

JÚLIO DINIS - «Fúria de Vencer», às 21.30 (13 anos)

TRINDADE - «Star 80», às 21.45 (16 anos)

LUMIÈRE-L - «A Maldição da Pantera», às 21.45 (12 anos)

LUMIÈRE-A - «A Educação de Rita», às 21.45 (12 anos)

Lisboa**PERMANENTE**

ALTO DE SANTO AMARO: Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE**: Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA**: PORTAS DE BENFICA: Progresso, E. a-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO D'OURIQUE**: Findor, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); **CAMPO PEQUENO**: Av. do Luso, 10, loja 18-19 (T. 771661); **CHILE**: ALTO DE SÃO JOÃO: Vitalia, R. Morais Soares, 69-C (T. 841779); **OLIVAIS SUL**: Antunes Rosas, P. C. da Luso, lote 199 (T. 313610); **PEDROUCOS**: Soc. Higlux, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **RATO**: D. João V, R. D. João V, 16-C (T. 682772); **SÃO VICENTE**: Rosa e Vigas, R. de São Vicente, 31-37 (T. 864351); **TELHEIRAS**: QUINTA DE SÃO VICENTE: Quelhas, R. Prof. Francisco Gentil, Edifício T-1, loja 21; **BRANDOA**: AMADORA: Tavares Matos, R. 8, lote 308 (T. 993220); **ODIVELAS**: Leitão, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T. 9910051).

REFORÇO

ALVALADE: POTE D'ÁGUA: Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B (T. 890131); **AMOREIRAS**: CAMPOLIDE: Pinto, R. de Campolide, 11 (T. 682610); **ANJOS**: Góia, R. dos Anjos, 12-12-D (T. 840101); **AREIRO**: APEADEIRO: Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (T. 892803); **BAIXA**: Telheira Lopes, R. do Ouro, 154-155 (T. 324816); **CAMINHOS-DE-FERRO**: Alves Carvalheiro, R. Vale de Santo António, 7-9 (T. 840125); **CAMPO GRANDE**: Nova Lousa, R. de Estados Unidos da América, 140-B (T. 706658); **D. CARLOS**: L. Lys, R. da Esperança, 17-19 (T. 660913); **ENCOSTA DO RESTELO**: MORRINHOS: Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **PICHELEIRA**: Mariz, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **SALDANHA**: Saldanha, Av. Praia da Vitória, 53-55 (T. 543938); **SETE RIOS**: Canto, E. das Laranjeiras, 202-B (T. 724841); **BU-RACA**: AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO**: Nova, R. Acores, 11-A (T. 9810305); **PONTINHA**: Leitão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 2519939).

teatros

Lisboa

SÃO CARLOS - Concerto, às 21.30

PORTO

POVO PORTUENSE - «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)

REALEJO - «Memória no Espelho», às 21.45 (13 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Não Há Nada para Ninguém», às 21.30 (13 anos)

TEP - «Eles não Usam Smoking», às 21.45 (13 anos)

Outra banda

ALMADA: Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2780565); **PERMANENTE**: COVA DA PIEDADE: Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356); **ALTO DE SANTO AMARO**: Tapada, C. da Tapada, 83-A (T. 634721); **ALVALADE**: Belo, Av. de Roma, 53-A (T. 776314); **BENFICA**: PORTAS DE BENFICA: Progresso, E. a-Damaia, 64-C (T. 702226); **CAMPO D'OURIQUE**: Findor, R. D. Maria Pia, 514-516 (T. 687949); <



RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos
RUA LUZ BOMANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 364740
Serviço de notificação das RTT:
Porto: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1425/82
Entrega: Telegráfica DIROA
Telex 1200 LISBOA PORTUGAL

DELEGACIÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20854/5

Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320704



MARES DE HOJE			
PREIA-MAR BAIXA-MAR			
10.42	3,1 m	4.02	1,7 m
23.15	3,2 m	16.39	1,7 m
Dia 24			
11.41	3,3 m	5.05	1,6 m
		17.42	1,6 m
TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:			
VIANA DO CASTELO	14°		
BRAGANÇA	16°		
VILA REAL	15°		
PORTO	14°		
COIMBRA	16°		
CABO CARVOEIRO	18°		
PORTALEGRE	25°		
LISBOA	18°		
ÉVORA	21°		
BEJA	19°		
FARO	22°		
SAGRES	18°		
PONTA DELGADA	15°		
FUNCHAL	20°		

ANOP cita "El País" que cita TV sueca

Eanes quer seguir carreira política mas não como independente

O Presidente da República, Ramalho Eanes afirmou, numa entrevista à televisão sueca, que não se retirará da vida política activa, considerando-se obrigado a seguir a carreira política «com todos os riscos e custos inerentes».

O Presidente respondia a uma pergunta relacionada com as eleições presidenciais de 1985 incluída numa entrevista da televisão sueca para um programa de meia hora sobre Portugal e que o jornal espanhol «El País» reproduz hoje, segundo a Anop.

Eanes, que não pode disputar um terceiro mandato disse, segundo a mesma fonte, que preferia alhear-se do poder, que exerce há oito anos, e que o faria «se a Revolução de 1974 tivesse cumprido, senão na totalidade, pelo menos no essencial, as promessas que então foram feitas ao povo português».

O jornal madrileno acrescenta que, «na opinião de Eanes, não é, infelizmente, o que acontece e a situação presente, em Portugal, caracteriza-se por uma grande instabilidade política»,

que se deve, «em parte ao funcionamento do sistema democrático e das suas instituições e à crise económica, social e cultural, que sacode a sociedade portuguesa e isto em vésperas do acontecimento histórico que será a entrada de Portugal na CEE».

Por isso, Eanes considera-se «obrigado» a seguir a carreira política, «com todos os riscos e custos inerentes» e que não o fará como «independente».

Ramalho Eanes admitiu que os promotores do movimento da CNARPE lhe deram a conhecer o texto do manifesto e reconheceu estar ligado a eles por «uma amizade pessoal e identidade de pontos de vista ideológicos e programáticos», diz o «El País».

De acordo com o texto do jornal espanhol, Eanes rejeita frontalmente os argumentos dos que vêem no aparecimento de novos partidos políticos um perigo para a estabilidade política portuguesa.

«Se o eleitorado estiver satisfeito com os partidos existentes, as novas formações estão con-

denadas ao fracasso, mas, se pelo contrário — e como parece ser o caso de Portugal — reina um descontentamento em relação aos partidos existentes e amplos sectores da população não se identificam com nenhum deles é legítimo, útil e desejável, para a consolidação do regime democrático que surjam novos projectos políticos», diz o jornal «El País» citando o Presidente Ramalho Eanes numa entrevista à televisão sueca.

O Presidente da República reconhece que há uma evolução positiva dos «indicadores macroeconómicos», mas consequida em detrimento das condições de vida dos portugueses.

De acordo com o extracto publicado hoje pelo jornal espanhol «El País» de declarações feitas a semana passada à televisão sueca, o Presidente da República afirma que a «evolução positiva» dos «indicadores macroeconómicos» foi conseguida mediante uma drástica redução dos consumos internos, privado e público, e sobretudo da paralisação dos investimentos.

Ramalho Eanes lembra que «desde o primeiro momento apoiou a integração europeia de Portugal», mas pensa que a adesão criará «transtornos graves» e que inicialmente os efeitos da adesão «serão mais negativos do que positivos».

Em sua opinião, os efeitos dinamizadores do «choque europeu» dependem da capacidade dos governos de mobilizar a sociedade portuguesa no seu conjunto e dos «agentes económicos», em particular, para responder a esse «desafio» da história contemporânea, vencendo uma inércia de oito séculos que conduz compreensivelmente à adopção de atitudes de resistência e medo à mudança.

Nas declarações publicadas com destaque pelo matutino madrileno, Ramalho Eanes refere que não se retirará da vida política activa, mas está decidido a iniciar uma nova carreira política.

Por diversas razões, entre elas a «grande instabilidade política» que se deve, em parte, ao funcionamento do

sistema democrático e das suas instituições e a crise económica, social e cultural que sacode a sociedade portuguesa nas suas estruturas mais profundas, Ramalho Eanes sente-se «obrigado» a continuar a carreira política, com todos os riscos e custos inerentes, segundo refere o jornal.

A estes motivos alia o da experiência adquirida, as promessas feitas aos seus compatriotas na campanha das eleições presidenciais.

Afirma que não o fará na condição «independente» porque a sua experiência pessoal convenceu-o dos perigos do actual sistema semi-presidencialista português que situa na chefia do estado um homem eleito por sufrágio directo e, em consequência, ligado por um contrato pessoal ao seu eleitorado, mas que lhe nega o poder de intervir nos assuntos políticos sem provocar uma «crise nacional grave».

Rádio Renascença inaugura novo emissor no Algarve

A Rádio Renascença inaugurou ontem em Vilamoura o seu novo emissor de 20 kilowatts em cerimónia a que presidiu o bispo do Algarve.

Com os seus 20 «kilowatts» de potência, o emissor cobrirá parte do Baixo Alentejo, toda a região do Algarve e ainda uma ampla faixa marítima até ao Norte de África.

Falando após a bênção das instalações, D. Ernesto Costa sublinhou que a designação de «católica» usada pela Rádio Renascença «imprime-lhe um sentido de missão e de universalidade, uma linha bem definida e sem equívocos que se prolonga no tempo, em continuidade e na vivência fiel do Evangelho e da doutrina do magistério da Igreja».

«A emissora católica não faz política, mas deve ensinar a verdadeira política», disse D. Ernesto Costa num outro passo do seu discurso, esclarecendo que «sendo a voz da Igreja, incumbe-lhe formar os fiéis, os católicos, para assumirem funções políticas na sociedade, de conformidade com a sua fé, em coerência com as suas convicções religiosas».

Magalhães Crespo, do conselho de gerência da empresa, disse, por seu turno, que a inauguração efectuada é um «acto que ultimamente se vem repetindo com certa frequência», realçando que se trata do nono emissor de onda média instalado pela Rádio Renascença para que os seus programas «possam ser escutados nas melhores condições em todo o País».

Magalhães Crespo, depois de agradecer a todas as entidades que colaboraram para que a instalação do novo emissor fosse possível, acentuou que apesar do alto investimento efectuado (cerca de 20 mil contos), a Rádio Renascença «não quer ficar por aqui».

Neste sentido, aquele representante da emissora católica portuguesa lançou um desafio à diocese de Faro no sentido de se criar no Algarve um estúdio regional, «onde possam ser tratadas notícias e problemas da região e a sua difusão por todo o País, quando se revestirem de interesse nacional».

Portugal participa em projecto de assistência a Moçambique

Acabam de arrancar, na Escola de Formação de Inhambane, os trabalhos de organização e instalação, em Moçambique, de um sistema global de formação para o pessoal dos caminhos-de-ferro.

No projecto, que faz parte de um importante contrato de cooperação técnica assinado no ano passado, no Maputo, entre a Direcção Nacional dos Portos e Caminhos-de-Ferro (DNPCF) de Moçambique e a empresa francesa Sofrerail, participa também a Norma.

O acordo, a implementar em duas fases, tem um período glo-

bal de execução superior a cinco anos, atingindo a colaboração a prestar pela Norma, na primeira fase, cerca de metade do valor do projecto, no montante de 2,4 milhões de dólares.

Dos cerca de 20 peritos das empresas envolvidas, 9 são colaboradores da Norma, incluindo o grupo português professores do ensino secundário e um técnico qualificado da CP, dispensados pelo Ministério da Educação e pela administração da CP, no quadro dos acordos de cooperação entre Portugal e a RPM.

GNR acusada de agressão a jovem mongolóide

O Tribunal de Polícia adiou esta manhã, para «julgar apuramento de provas», o julgamento de um incidente ocorrido no passado sábado numa feira em Olival de Basto, no concelho de Loures, quando um jovem mongolóide Artur Carlos Graça Tavares, de 22 anos, foi agredido por elementos da GNR.

Segundo a GNR, Artur Tavares, que se encontrava a vender flores com a mãe, vendedeira ambulante, terá recusado identificar-se utilizando «termos desprestigiadores» para aquela força paramilitar e agredido mesmo um dos

elementos da patrulha.

Testemunhas oculares sustentam no entanto, uma versão contrária, afirmando que o agredido foi o jovem deficiente que teve de receber tratamento hospitalar a diversos hematomas que apresentava nas costas, provocados por bastonadas desferidas pelos guardas.

Artur Tavares apresentou-se no Tribunal de Polícia, acompanhado da sua mãe, após notificação feita pela própria GNR, a partir do auto de notícia elaborado no posto de Loures.

Segundo o director de Saúde de Faro

Poluição da ria Formosa vai ser pior em Agosto

«A situação não vai estar normalizada tão cedo, e em Agosto a poluição das águas ainda será pior», declarou esta manhã ao nosso jornal o director de Saúde de Faro, César Guimarães, pronunciando-se sobre a detecção de focos de contaminação em zonas da praia de Faro, junto ao parque de campismo da área.

Segundo nos declarou «o que agora se verificou acontece todos os anos por esta altura», mas «não tem problema nenhum, desde que as pessoas tomem os devidos cuidados com os moluscos que levam para casa».

O problema, recorda-se, tomou proporções alarmantes, a partir do momento em que o chefe do departamento marítimo do Sul determinou, na passada sexta-feira, a proibição de apanha de marisco, nomeadamente bivalves, numa parte da praia ao lado da Ria, em frente ao Parque de Campismo de Faro. A medida foi tomada após uma reunião entre o chefe do departamento marítimo, Metelo de Nápoles, técnicos de pesca e a delegada de Saúde, Luísa Serrano.

Para o doutor César Guimarães, a interdição de apanha de moluscos em determinados viveiros, «é uma falsa segurança», pois suscita sempre o problema dos restantes viveiros não abrangidos pela decisão oficial. Para o nosso interlocutor, o problema só poderá ter uma solução mais global, quando for construída uma estação de tratamento de lixo sem Faro, empreendimento que não custará menos de 500 mil contos.

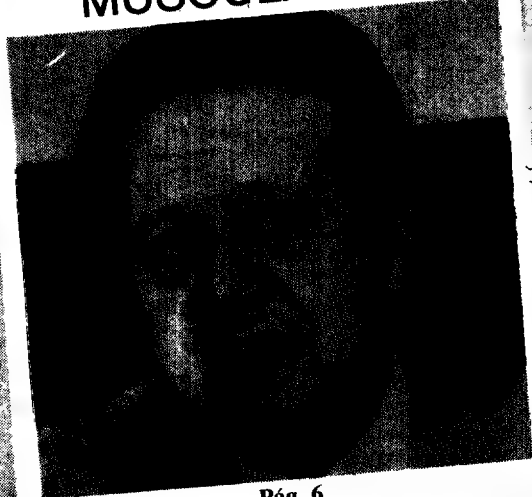
Até lá, a solução proposta por César Guimarães, aponta para a adopção por parte das pessoas de «cuidados básicos»: lavar muito bem os mariscos, desinfectá-los e comê-los cozidos.

Entretanto, as autoridades marítimas reforçaram ontem a fiscalização na praia de Faro, na zona da Ria, na tentativa de evitar a apanha de moluscos bivalves numa área considerada inquinada por níveis altíssimos de poluição provocada, segundo as autoridades marítimas, pelos esgotos urbanos e industriais lançados, sem qualquer tratamento, para a Ria.

Exames complementares realizados noutras áreas da Ria Formosa e do rio Gilão (Tavira) serão conhecidas ainda hoje, admitindo-se a possibilidade de zonas como a que se situa junto ao cais de Faro serem interditadas a qualquer espécie de contacto humano com a água do mar.

Ontem, o presidente da Associação dos Hotelheiros do Algarve, Cabrita Neto, congratulou-se pelo facto das autoridades sanitárias terem detectado «a tempo» este foco de contaminação. Para aquele responsável, a situação registada não deverá provocar repercussões negativas no fluxo turístico próprio da época, pois «na zona não há unidades hoteleiras, diminuindo assim o risco de especulação, por parte da concorrência, sobretudo nos mercados estrangeiros».

No entanto, Cabrita Neto consideraria que o facto dos esgotos urbanos e industriais serem lançados na ria, era «preocupante». Este assunto, afirmou, «deve ser rapidamente revisto para que um dia não se atinja uma calamidade ecológica».

A CAMINHO
DA DEMOCRACIA
MUSCULADA

Pág. 6

sete
ponto
sete

PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

Destaque:
Weather
Report

Pág. 3



O racionalismo no «ringue» filosófico

Como disse Wittgenstein: um filósofo que não toma parte em nenhuma discussão é como um boxeur que nunca sobe ao ringue

Podemos hoje ser racionalistas? Eu responderia que **sim**, mas num sentido elementar. Sim, se entendermos por «racionalismo» não uma doutrina filosófica particularmente oposta a outras filosofias, mas antes uma atitude, a de um exercício deliberado do raciocínio na discussão. Por outras palavras, o importante, aqui, não é tanto as declarações que se fazem sobre a «razão» como o lugar dado, na controvérsia, ao argumento.

A este respeito, falar de «racionalidade tradicional» e de «racionalidade contemporânea» é um erro. É supor que há épocas da racionalidade, como há épocas do fato ou do móvel. Há, com certeza, uma história das ideias: certo que pareceria verdadeiro (ou justo) é hoje, por vezes, considerado falso (ou injusto). Isto quer dizer que também há, assim, uma história da **racionalidade**? O que ontem passava por racional podia muito bem ser condenado amanhã como irracional? Para muitos, incluindo infelizmente os filósofos, as duas coisas não se distinguem. No entanto, os adjetivos **verdadeiro** e **racional** não se empregam nas mesmas condições. Aquilo que pode ser verdadeiro ou falso será uma opinião, uma asserção. Ora **racional** e **irracional** nunca qualificam uma opinião tomada à parte, mas um conjunto de opiniões reunidas na mesma cabeça ou ainda o conjunto das opiniões de alguém e as suas acções. Nenhuma tese é, em si própria, racional ou irracional. Em contrapartida será irracional apoiar uma certa tese e recusar-lhe as consequências. Por exemplo, é falso afirmar que se podem curar todas as doenças com san-grias e purgas, como o pretendem os médicos de Molière. Mas não era **irracional** acre-

ditá-lo na época em que prevalecia a doutrina médica dos humores.

Em suma, o irracional, ontem

critérios com a ajuda dos quais se devem fazer as partilhas do verdadeiro e do falso, do bem e do mal.

VINCENT DESCOMBES *

como hoje, tanto entre os gregos como os chineses, é simplesmente contradizer-se. Isto, sabemos-lo com antecedência, sem precisar de ir vê-lo através de um argumento filosófico (ou a priori). Eis este argumento: se as pessoas falassem uma linguagem na qual não seria ilógico contradizer-se, não só não os compreenderíamos, não é nem mesmo podíamos tentar compreendê-los, mas, sobretudo, não podíamos conceber que eles falessem. Uma «linguagem» na qual **afirmar** não se oporia a **negar**, não seria outra coisa que não fosse aquilo que entendemos, de facto, por «uma linguagem». O que equivale a dizer que a noção de uma história da racionalidade não oferece nenhum sentido.

A confusão do **racional** e do **verdadeiro** provém, sem dúvida, por um lado, de uma tendência muito sensível na filosofia francesa clássica, para separar a noção de razão das práticas da argumentação. É assim, por exemplo, o estimável **Vocabulaire de la philosophie** (PUF), de Lalande, defende que a palavra **razão** apresenta em filosofia um sentido antigo, se não envelhecido na qual vale por «**faculdade de raciocinar**», e outro sentido mais aceitável que seria «**faculdade de bem julgar**, isto é, de discernir o verdadeiro e o falso. O bem do mal.» Enquanto a **razão** é assim concebida, à moda cartesiana, como o bom-senso, há lugar para um racionalismo, que se oferece para expor os

À falta de poder ser **dogmático**, isto é, de formular estes critérios uma vez por todas, o racionalismo teve de se contentar em ser **crítico**. Isto quer dizer que os critérios, também chamados **princípios da razão** não são mais do que **condições de possibilidade**, pressupostos que devemos admitir para nos

lançarmos nos nossos empreendimentos. Por exemplo, supondo que a ciência não é possível se o princípio de casualidade não é verdadeiro, então — diz-se — o princípio de um determinismo universal deve cose considerado como verdadeiro (embora não seja evidente e menos ainda verificável), à falta do que já não poderíamos mais dizer que conhecemos qualquer coisa. Mas, supondo que a nossa ciência muda de uma maneira importante, podia dar-se o caso dessa condição de possibilidade de dever ser, também ela, revista e reformulada.

Nesta linha de pensamento clássico que aceita a crítica permanente dos princípios racionais, nem sempre se conseguem distinguir os **princípios lógicos** e as **premissas** de um raciocínio. No entanto, a diferença é capital. Os princípios lógicos são as condições a respeitar num argumento para que o raciocínio seja concludente. As premissas também são condições, mas, neste sentido, são o ponto de partida da inferência. Se não se mantiver essa diferença podemos acabar por acreditar que os princípios lógicos são variáveis de uma tradi-

ção para outra, visto que as premissas geralmente admitidas o são. Ao lado da «**nossa lógica**» a única que podemos compreender «de momento», haveria outras, uma lógica do oriente, uma lógica do inconsciente, uma lógica da nova ciência, etc.

Se há um facto muito importante da filosofia do século XX, talvez ele seja a refutação da concepção cartesiana da razão, tanto na **História filosófica** de Heidegger como na **Gramática filosófica** de Wittgenstein. A própria noção de «bom-senso» parece-nos hoje mítica, de modo que nos é mais fácil reconhecer a natureza argumentativa daquilo que os filósofos chamam «a razão», e cujo uso, bem entendido, não se limita às ciências exactas, nem, de resto, às simples ciências, mas encontra-se tanto nas diversas transações humanas como na deliberação prática.

Wittgenstein disse um dia em que lhe falavam de certo estudante que tinha a reputação de ser **muito forte** em filosofia mas que nunca aparecia em nenhum dos círculos de discussão de Cambridge: «Um filósofo que não toma parte em nenhuma discussão é como um boxeur que nunca sobe ao ringue.» O mesmo que dizer que não é um filósofo para rir. Uma boa maneira de apreciar a filosofia de uma obra talvez seja perguntar-lhe até que ponto ela aceita subir ao ringue filosófico — não digo ao palco da televisão nem à tribuna do «meeting» — para se entregar aos exercícios de uma discussão em regra. ■

● Filósofo. Ensina na universidade John Hopkins nos Estados Unidos. Publicou *l'Inconscient malgré lui*, *le Mème et l'Autre*, *Grammaire d'objets en tout genre* (Minuit).



Hipnoses

A matéria nos limites da comunicação

Longo de nós a intenção de querer provocar, aqui, arrepios ocupando-nos de parapsicologia, de fenómenos sobrenaturais, etc... E'n vez disso, o nosso propósito é analisarmos o que, em certos discursos da filosofia, da física e da psicanálise, permite entrever as «franjas» desses discursos, uma matéria que foge; algo que, como dizia Merleau-Ponty, participa do que é «viscoso», se nos escapa entre os dedos e entre as palavras, algo cuja existência os discursos totalizantes-totalitários preferem frequentemente ignorar, e a que aqui chamaremos: os efeitos hipnóticos do discurso.

CHAKÉ MATOSSIAN

NÃO se trata, evidentemente, de defender de algum modo o estado hipnótico das consciências, mas sim de mostrar que estes efeitos hipnóticos constituem o recalamento original da boa-consciência moral: por isso convidam ao questionamento. A hipnose, como perigoso suplemento do o'har, dá a «ver», num enigmático processo de visibilidade, as franjas da consciência, o próprio lugar do limite, o inenarrável que circula entre os indivíduos, ou entre *Eu e Mim*. A hipnose perturba a crença no *Uno*, interroga o estatuto do sujeito, fractura-o e fragmenta-o, significa, para ele, o que o «barra». Do mesmo modo, a telepatia revela as margens da comunicação, revela a linguagem como um *sempre-já* efeito ou reflexo de um *pathos* originário.

A hipnose indica a passividade actuante no discurso analítico e filosófico, uma passividade que subsiste nas relações de consciência que são, sempre, relações de força. Uma passividade que incomoda e que a ética convide a abandonar — quer dizer: convida a ocultar — a des- para o «activo» em que se funda o ideal das relações igualitárias. Freud, ao abandonar a hipnose e ao preferir-lhe o *transfert*, desinteressa-se do limite da consciência em proveito de um *limite-metáfora*, o lugar do *transfert* onde a relação ambígua do mestre e do escravo será substituída por um jogo de actores, a palavra de ordem pela atenção flutuante, e a resposta pelo discurso que também flutua.

A passividade, para os discursos filosófico e psicanalítico, é a essência do feminino. Ora, como mostra J-L Nancy (1), é exactamente o feminino que vai permitir a Hegel analisar a hipnose enquanto fundamento do Sujeito, de um sujeito dividido que pela vigília, pelo *corte*, acede à identidade finita e a consciência infinita. O estado de passividade, diz Nancy na sequência de Hegel, «é o estado da criança no corpo da mãe» (1, pág. 32), que é, igualmente, o estado hipnótico da alma. Assim, e do mesmo modo que o nascimento provocará a separação entre a criança e o corpo de sua mãe, a emergência do sujeito, de um sujeito *clivado*, não ocorrerá senão por via do despertar da alma: «o despertar da alma é a primeira verdadeira divisão originária, a distinção originária imediata, aquém do

qual não existia sujeito, mas apenas a essência letárgica da subjectividade» (1, pág. 21). E este sujeito nascido para a morte é aquele que constitui o *objecto-sujeito* da filosofia: «A decisão, para a filosofia, não diz respeito a um objecto separado senão na medida em que, nessa separação, é do próprio sujeito que se trata» (1, pág. 34). O lugar do Outro aparece portanto como sendo o do *ideal do eu*, o lugar do corte sobre o qual se poderá operar o *transfert* em que se alisando tomará o Outro ao mesmo tempo como objecto e como metáfora de um *eu* que vai chegar. «O analista ocupa assim, provisoriamente, o lugar do *transfert* onde o objecto ob- o metafórico da identificação idealizante» (2, pág. 63).

O sujeito advém pelo despertar da alma, e acede então simultaneamente ao *tornar-se objecto* («nesse objecto, e enquanto objecto, na filosofia como tal, o sujeito estará sempre nascido, morto e desperto» (1, pág. 35)). A hipnose, quanto a ela, mostra o que passa da alma (não pode dizer-se, o que se dá a perceber na clivagem, aquele «qualquer coisa» que revela do génio e que escapa às categorias de ciência, como Kant dizia: «o génio consiste exactamente numa relação feliz, que nenhuma ciência pode ensinar e que nenhum labor permite adquirir; é a relação onde, por um lado, se encontram as ideias respeitantes a um conceito dado, e por outro a expressão que lhes convém, e pela qual a disposição subjectiva da alma assim suscitada, como acompanhando um conceito, pode ser comunicada a outrem. Este último talento é propriamente aquele a que chamamos alma» (3, págs. 146-147)).

E, de facto, o génio consiste numa passagem, num intervalo operando na passividade; «a mãe, escreve Hegel, é o génio da criança», o que acaba por querer dizer que «a passividade não é individual», que ela é, «do indivíduo, o que treme e se afasta dele... É o coração, de facto, como o ritmo de uma partilha» (1, pág. 43). Partilha que fará do sujeito um sujeito desejante, um sujeito sempre *em vez de*, e tendo em vista, o Outro: «o sujeito existe por pertencer ao Outro, e é a partir dessa edificação simbólica (que o faz sujeito para o amor e para a morte), que ele será capaz de construir para si objectos imaginários de desejo» (2, pág. 65).

A relação do *Outro* com o

Mesmo no seio do sujeito inco- moda um certo discurso psicanalítico morlante e euforizante que imagina ter ultrapassado, com a hipnose, a relação mestre-escravo, e ter adquirido, com o *transfert*, um campo onde reina uma relação realmente igualitária: «o que é próprio da psicanálise é o facto de ela construir, a dois, este campo: um trabalho onde o corpo, o desejo, a vigilância, a imaginação de um não cedem, em nada, aos do outro, está expressamente decidido. Pelo contrário, na hipnose, como numa multidão, cada qual remete-se ao acto de um só» (4, pág. 125).

A passagem da hipnose para o *transfert*, o questionamento da hipnose do ponto de vista ético, vêm aliás mais provavelmente do medo do hipnotizador do que da sujeição do hipnotizado. Se se põe termo à hipnose por uma razão moral, não é porque o hipnotizado se tornaria num *meio*, num utensílio para o hipnotizador, mas porque algo de uma outra ordem se daria a ver ou se deixaria pressentir, algo que se passaria nessa relação a dois, algo que diria de mais

sobre o desejo do hipnotizador — algo que o próprio hipnotizador não desejaria saber e a que ele porá termo em nome do direito do outro, por amor ao outro, exercendo o seu poder sobre ele mas mantendo intacta a sua própria boa-consciência.

E isto mesmo que Bergson suspeitava, e que tanto o indispunha: há, diz ele, *ilícito* na hipnose, porque o hipnotizado se conduz como um simulador, que faz, como tal, vacilar o poder daquele que lhe dá ordens. O dizer do hipnotizado participa das margens do comunicável; trata-se de um dizer que embaraça o hipnotizador porque lhe escapa, embora tenha sido ele a convocá-lo: «devo chamar a atenção para o facto de um sujeito hipnotizado, quando recebe ordem para executar algo de difícil como por exemplo uma leitura de pensamento, se conduzir de boa-fé do modo como se conduziria o menos escrupuloso e o mais esperto dos charlatães, fazendo funcionar meios de que nós quase nem suspeitamos a existência, uma hiperestesia da vista por exemplo, ou de qualquer outro sentimento, e que, também inconscientemente, nós próprios lhe teremos sugerido o apelo a esses meios ilícitos ao darmos-lhe uma ordem que ele seria incapaz de executar de outro modo» (5, pág. 57).

Ambiguidade que voltamos a encontrar no conceito hegeliano de *liberdade* interrogado por Nancy. «A liberdade seria, como o sono magnético, dada por um outro? O espírito especulativo não quer nem pode pensá-lo. Ele designa, na hete-

ronomia, a patologia. Mas na patologia, é uma inultrapassável — e talvez constitutiva — afecção da sua própria liberdade que o confunde, e que o fascina» (1, pág. 30).

O medo e o fascínio estão talvez na origem do abandono da hipnose por Freud, como escreve M. Borch-Jacobsen: «o fascínio angustiado (tão constante nele) pelo *Duplo*: e se o histérico não fizesse mais do que repeti-lo, a ele S.F., como se de um aborto que lhe fosse idêntico se tratasse? E se tudo isso — os sintomas, o seu miraculoso desaparecimento, o próprio estado hipnótico — não fosse senão a realização automática, fora de si, do seu «próprio» desejo?... Nada é mais apto a suscitar a angústia do *estranhamente familiar*, viria ele a escrever mais tarde, do que a apreensão de si fora de si, num *Duplo* automático, morto-vivo ou sonâmbulo» (6, pág. 68).

O sujeito duplo e desdobrado está submetido ao discurso ocidental em busca do *Uno*, discurso da identidade, discurso dos poderes que estendem ao sujeito fragmentado o espelho onde se reflecte a imagem ortopédica do *Eu* a que ele está obrigado a chegar.

Espelho, ainda, que reúne os fragmentos do Mundo, pretendendo dizer pelo cálculo, pela adição, pela enumeração, pela soma, de que é feito o Jogo do Mundo: «Que tudo possa ser explicado ou interpretado linguisticamente e logicamente, ontologicamente e teologicamente, fisicamente e antropologicamente, historicamente e sociologicamente, literariamente e esteticamente, não levanta dúvidas e faz-se abundantemente. Mas nenhum dos mundos destas disciplinas orientadas para as grandes instâncias está apto a resolver a *totalidade* do problema, a saber, a questão das questões... Não existe um modo dominante de tempo do Mundo, nem uma Súplica ideal ou efectiva na qual pudessemos trabalhar de maneira uni-multi-lateral.

A combinatoria universal continuará sempre à espera» (7, págs. 123-124).

Há portanto uma matéria que participa nesta combinatoria, uma matéria recalcada que é, certamente, muito arcaica. Poderíamos dizer que, em última instância, se trata da própria matéria que escapa ao Sujeito e ao discurso, uma matéria pressentida pela física do século XX e mimada pelo dizer do Inconsciente: «o que a física do séc. XX entrevê parece-me indicar claramente que certos fenómenos baptizados de *paranormais* estão fortemente e *racionalmente* implicados pela fenomenologia e pela matemática dessa física. Vista à luz conjunta da relatividade, da teoria dos quanta, da informática, a tradicional «matéria» parece-se cada vez mais com a rede interconectada de um gigantesco «telégrafo espaciotemporal», por onde se trocam as informações dos psi-

quismos que dele se usam» (8, pág. 59).

A primeira censura diz respeito a essa matéria que percorre a divisão do sujeito nascido e morto pelo despertar da alma que, desde logo, transmuta igualmente o saber arcaico em devir biológico: «É verosimilmente uma censura psicológica, necessária a uma boa adaptação biológica, e que normalmente recalca, do nível consciente, as presciências que o nosso subconsciente possui». (8, pág. 62). A primeira repressão atinge esta visão arcaica da matéria, essa participação na rede telegráfica que a psicanálise entreviu e de seguida desviou em proveito de uma tragédia que operará a catarse desse arcaico oculto: «Quando eu digo *não será a psicanálise uma espécie de cura da hipnose?*, não estou a falar de terapêutica. O que quero dizer é que a hipnose é algo de universal e de natural, que a vida em sociedade e a educação reprimem. Há sinais que nos revelam que, sob a normalidade, existem potencialidades que são recalçadas muito mais profundamente do que se sabe do recalamento nevrótico». (6, págs. 57-58).

Que diz o inconsciente senão, exactamente, essa matéria que escapa não apenas ao cálculo, à súplica, à síntese, mas também à narração? «O inconsciente não pode ser rememorado (narrado), mas apenas repetido (mimado)» (6, pág. 94). E é na própria estrutura da sua actividade *mimética*, na sua repetição, que o inconsciente deixa entrever esta matéria ao mesmo tempo bruta e subtil que Verdiglione chamou «não-semiotizável»: «A estrutura do *lapis*, do acidente, do equívoco, do sonho, do gracejo, do acto falhado, indicam a estrutura da língua, que não se pode orientar, nem dirigir, para a forma ou para o sentido: é uma estrutura *material*, algo que escapa ao processo significante» (9, pág. 216).

Notas

- (1) J.-L. Nancy: «Identité et Tremblement», in *Hypnoses*, Galilée, 1984.
- (2) J. Kristeva: «De l'Identification», in *Travail de la Métaphore*, Denoël, 1984.
- (3) E. Kant: *Critique de la Faculté de Juger*, Vrin, 1968.
- (4) M. Montrelay: «Lieux en Génies», in *Confrontation*, n.º 10, Aubier-Montaigne, 1983.
- (5) H. Bergson: «De la Simulation Inconsciente dans l'État d'Hypnotisme», *Confrontation*, n.º 10, 1983.
- (6) M. Borch-Jacobsen: «In Statu Nascendi», *Hypnoses*, Galilée, 1984.
- (7) K. Axelos: *Systématique Ouverte*, Minuit, 1984.
- (8) O. Costa de Beauregard, «Rationalité du 'Paranormal'», *Confrontation*, n.º 10, 1983.
- (9) A. Verdiglione: «La Matière Non-Sémiotisable», in *Psychanalyse et Politique*, Seuil, 1974.



«Obsessões-Fantasmas-Paixões» de Joan Martí

DESTAQUES

Gismonti
e Nana
no S. Luiz

RUI EDUARDO PAES

No próximo dia 26, quinta-feira, pelas 21.30, o X Festival de Música da Costa do Estoril incluirá um concerto do duo brasileiro Egberto Gismonti (piano, guitarras e voz) e Nana Vasconcelos (percussão e voz) na privilegiada sala do Teatro S. Luís. Os dois, juntamente com os pianos de Chick Corea e Friedrich Gulda, que horas antes tocarão no mesmo palco, farão com que a música contemporânea improvisada consiga finalmente impor entre nós o seu estatuto de expressão musical superior. A música erudita dessacraliza-se, o S. Luís abre-se ao pluralismo. A música erudita dessacraliza-se, o S. Luís abre-se ao pluralismo.

Egberto Gismonti não será certamente uma surpresa para Portugal, onde já esteve por várias vezes, uma vez mais contribuindo decerto para a assimilação da multitude de implicações que o seu discurso musical harmoniza. Quanto ao sensacional Nana Vasconcelos, suscitará com certeza entusiasmo descoberta e adesão para quem ainda não notou o seu nome.

Erudito
e popular

Gismonti teve uma formação clássica que foi determinante para a expressividade que o caracteriza, marcando-lhe essencialmente o toque de piano. Enquanto frequentava o Conservatório, experimentou também a música popular, tendo aprendido a tocar guitarra como autodidacta. Por fim decide, como ele mesmo diz, «tocar a sua própria música», conjugando um todo homogéneo de elementos musicais de diversa proveniência: a música brasileira, urbana e do interior; as formas étnicas sul-americanas, nomeadamente músicas índias; o jazz elaborado, na linha de um Keith Jarrett; o romantismo europeu do séc. XIX e o pontilhismo do séc. XX.

Se ao tocar guitarra procurou aplicar os ensinamentos ouvidos dos discos de Wes Montgomery e Django Reinhardt e seguir o exemplo do também brasileiro Baden Powell, já na sua concepção musical tentou toda uma procura que não se satisfazia com as práticas e fórmulas dominantes: é assim que durante 5 anos vive, trabalha e toca com os índios Xingu, em plena selva amazónica.

Depois de começar a tornar-se conhecido no seu país, Egberto Gismonti percorre a Europa, onde estuda com compositores eruditos contemporâneos, e os Estados Unidos, tocando e gravando com Aírto Moreira, Flora Purim, Ron Carter, Herbie Hancock, Cal Tjader e outros, no domínio do jazz.

Com o alastramento da sua música, passa de uma série de discos gravados no Brasil (como «Água e Vinho», «Corações Futuristas», «Carmo») para a celebridade europeia e americana que lhe dão os álbuns que registra para a ECM, marca de sonoridade técnica característica diri-

gida pelo alemão Manfred Eischer, entre os quais se destacam «Solo», «Mágico», «Folk Songs», «Dança das Cabeças», «Sol do Meio-Dia» ou «Sanfona», participando Nana Vasconcelos nalguns deles.

Gismonti não é de modo algum um tecnicista, confessa estar mais interessado em encadear fraseados que exprimam sentimentos e criem ambientes, ora contemplativos ora frenéticos. A sua complexidade imaginativa é simultaneamente tão fluente que ele é tanto um grande compositor e instrumentista erudito como um hábil músico popular (o Partido do Trabalho sabia-o ao levá-lo aos seus comícios quando da recente campanha pelas eleições directas para a presidência da República, no Brasil).

Intimista
e enérgico

Nana Vasconcelos, por sua vez, começou, muito novo, por tocar boleros, mambos, sambas e bossas novas em cabarés, bandas militares, salas de baile, grupos de rua e teatros. Os bongos, as maracas e depois a bateria foram os seus instrumentos iniciais. Só quando entra para a secção rítmica de Milton Nascimento é que reúne a panóplia de percussões brasileiras, a que mais tarde junta instrumentação de outras geografias, como por exemplo as tablas indianas, que o vão tornar notado. A sua especialidade, porém, firmou-se no berimbau, de origem angolana.

Opta pelo jazz ao acompanhar o saxofonista argentino Gato Barbieri aos Estados Unidos, aprendendo com ele igualmente a música dos índios argentinos.

Ao fazer uma digressão europeia com Barbieri decide residir em Paris, onde divulga a percussão brasileira e se dedica às crianças deficientes, utilizando o processo musical-terapêuticos. Durante este período toca episodicamente com o multi-instrumentista Don Cherry, americano radicado na Suécia.

Ao conquistar maior projecção pelos discos gravados na ECM como líder, a solo, com uma (pasmem-se) orquestra sinfónica atrás, ou em parceria com outros músicos, entre os quais o próprio Gismonti, como no LP «Saudade», Nana enceta um vaivém incessante entre a Europa e os EUA. Neste país integra o grupo eléctrico do guitarrista Pat Metheny.

O projecto mais interessante em que estará empenhado é sem dúvida o da cooperativa Codona, um trio de música estranha, que sintetiza o étnico, o jazzístico e o erudito, juntamente com Colin Walcott e, novamente, Don Cherry.

Eclético e universalista, embora conservando a sua identidade especificamente brasileira, Nana Vasconcelos é um mestre do intimismo depurado como da enérgica magia negra

Weather Report: viagem
à terra dos pássaros

WEATHER REPORT. Os Deuses do Jazz Fusão, os inovadores dos anos 70. O «Electric Jazz» não apenas no domínio dos sintetizadores *moog* e do espaço dos sons electrónicos, mas também em termos de fagulhas musicais voando para «performances» electrificantes. E eles vêm a Lisboa!

Um dos poucos grupos de Jazz que empreenderam, com êxito, a travessia do grande turbilhão do mercado de massas sem perder a sua integridade artística, Weather Report provocou um maior impacto no jazz, no rock e na música pop, ao fixar, através da improvisação colectiva, novas tendências nas direcções musicais.

A história do Weather Report é tão cheia de acção como qualquer «script» de um filme de Hollywood.

Josef Zawinul, de 52 anos, Caranguejo. Cresceu em Viena, Áustria, durante a II Guerra Mundial. Demonstrando, muito cedo, um invulgar talento musical, começou a tocar acordeão aos seis anos. A sua juventude foi passada entre os abrigos antiaéreos e o Conservatório, onde estudava piano. O seu primeiro contacto com o jazz foi feito através da estação de rádio das Forças Armadas dos EUA, por volta de 1947. Em 1959, tendo ganho uma bolsa de estudo para a «Berklee School of Music», embarcou, literalmente, rumo ao seu sonho americano — que o levou até Nova Iorque, Birdland, e Wayne Shorter.

Enquanto isso, no outro lado do Atlântico, Shorter, que tem agora 50 anos e é Virgem, crescia em Newark, New Jersey, entre uma vizinhança que era uma miscelânea étnica, com festas de rua e música popular de todas as nacionalidades e cores. Possuindo também, desde muito novo, uma invulgar capacidade musical, Shorter entrou para a Escola Superior de «Performing Arts», dominante no meio. Começou a tocar clarinete aos 16 anos. No dia do seu 17.º aniversário, a sua avó deu-lhe um saxofone e o resto é da história. Entrou para a Universidade, dando um novo passo na educação musical que o levou a Nova Iorque, Birdland, e Zawinul.

Birdland era o famoso clube de Jazz da Rua 52 onde tudo isto aconteceu:

«Bird would cook, Max would look.
Miles came through, Trane did too
Total swing, «bop was King!».
Where?
Down at Birdland».

(Lírica do Manhattan Transfer, extraída do arranjo vocal feito pelo Weather Report no seu hit).

Charlie Parker «Bird» (Pássaro), Coltrane, Max Roach e Miles Davis — os gigantes da nova vaga do Jazz. E dois jovens músicos, um vindo da Áustria e outro de New Jersey, absorvendo tudo ao mesmo tempo e que esperavam a sua hora.

Finalmente, Wayne Shorter tocou com Art Blakey e os seus Jazz Messengers, e ficou cerca de quatro anos com eles, até se juntar, em 1964, a Miles Davis. Durante o mesmo tempo, entre 1961 e 1970, Zawinul foi membro do grupo de Cannonball Adderley. A partir de 1969 gravou quatro álbuns com Miles Davis e compôs o título para Bitches Brew.

Em 1971, Zawinul e Shorter fundaram o Weather Report. Os membros originais foram Miroslav Vitous, Alphonso Mouzon e Aírto Moreira. Diferentes forças criativas de diferentes mundos mergulharam na mesma direcção, caminhando juntos na exploração de novos conceitos, de novos modos de expressão.

Durante os 14 anos que se seguiram, foram muitas as transições, tanto no campo musical como na composição do grupo, com músicos a entrarem e a saírem. Mas todas as mudanças levaram o grupo a novos estádios.

Críticos, escritores, o público, os disc-jockeys e o «Downbeat» apressaram-se em colocar rótulos aos Weather Report: Jazz Eléctrico, Fusão, Funky Jazz, Jazz-Rock! O Weather Report é uma combinação única disto tudo, mas é ainda muito mais.

É a manifestação musical da combinação de experiências de vida e dos passados musicais dos seus líderes. O complexo brilhante das conceptualizações de Zawinul, que vai de um simples refato até à mais intrincada abstracção. Veemente, com uma tenacidade firme e enérgica que o trouxe de um país submetido a quatro exércitos de ocupação diferentes para as ruas de Nova Iorque; e Wayne Shorter, o sensível artista pesquisador de «soul», afinando nas subtilezas das colorações, o seu lirismo. Discreto, ocupando os lugares traseiros — a fundo. Com a entrada de Jaco Pastorius, um criador dinâmico e enérgico, teve lugar a inspiração que levou o Weather Report ao seu mais elevado nível.

O culminar destas experiências e capacidades, entrelaçadas ao longo dos anos, é mais evidente em «Heavy Weather» (o álbum mais popular e o maior êxito comercial do Weather Report) e, em particular, numa canção-Birdland. Se o leitor só pode ter um disco é este o que deve comprar, pois é neste trabalho que tudo está presente.

Com o êxito de Pastorius, o Weather Report está uma vez mais em transição. Shorter e Zawinul reformaram o grupo e após terem gravado o seu último álbum «Domino Theory» embarcaram para uma grande digressão europeia, que termina aqui, em Lisboa. Não percam o espectáculo! Ele representa a oportunidade de ouvir «ao vivo» onde chegou o Weather Report com a nova geração — Victor Bailey no baixo eléctrico, Omar Hakim na bateria, e Mino Cinelu na percussão. O concerto tem lugar às 22 horas do dia 24 (amanhã), na Feira Internacional de Lisboa.

DEBRA E. ROBINSON

Especial para o Sete Ponto Sete

V

I

A

G

Uma estética da exist

Fazer da sua vida uma obra de arte. A nova mor

Na entrevista que aqui publicamos, uma das últimas concedidas por Michel Foucault antes da sua morte em 25 de Junho último, o filósofo exprime o desejo de que os seus livros «sejam lidos pelo que valem», e reivindica por consequência para si o «direito ao anonimato».

Este direito, Foucault tinha-o pedido e obtido quando o «Le Monde» publicou, em 6 de Abril de 1980, uma entrevista com um «filósofo mascarado». Esse autor anónimo era Michel Foucault.

Há quem se espante com o facto de o filósofo desaparecido ser saudado pela maioria dos comentadores como um igual de Sartre, quando a sua notoriedade nada tinha de comum com a do «pai» do existencialismo, e porque a sua obra é, aparentemente, de outra natureza.

A sua importância porém, não terá sido menor. Mas a intervenção de Foucault tomou formas novas, tanto no campo de filosofia como no da política.

O que Foucault trouxe de *maior* a estas duas actividades – que a tradição intelectual francesa associa – foi sem dúvida a deslocação dos seus limites e até uma mudança de definição.

É aí que se ganha sentido a vontade de anonimato. Historiador do pensamento, Michel Foucault não tomou por objecto as grandes filosofias reconhecidas como tal, mas sim textos ignorados sobre questões tidas por marginais: a loucura, a delinquência, o sexo... Actor da política, ele não quis fazer-se porta-voz do verdadeiro e do justo, preferindo dar a palavra a minorias geralmente reduzidas ao silêncio.

Assim, alterando as fronteiras admitidas, alargando o domínio da filosofia como o da política, ele modificou, numa e noutra, as regras do jogo.

E' permitiu que vozes anónimas se exprimissem. Estas ainda não pararam de se fazer ouvir.

Thomas Ferenczi

Michel Foucault concedeu esta entrevista a 25 de Abril deste ano. O entrevistador é Alessandro Fontana, que ensina literatura italiana na Escola Normal Superior de Saint-Cloud. O texto foi publicado no semanário italiano **Panorama**. Alessandro Fontana, que trabalhou com Michel Foucault, traduziu para italiano, e prefaciou, o **Nascimento da Clínica**, de 1969. Colaborou em **Eu, Pierre Rivière**, e editou uma série de escritos de Foucault sob o título de **Microfísica del potere** (Einaudi, 1977). Eis o texto da conversa entre os dois:

– Sete anos se passaram depois de *A Vontade de Saber*. Sei que os seus últimos livros lhe levantaram problemas e que você enfrentou dificuldades ao escrevê-los. Gostaria que me falasse dessas dificuldades e da sua «viagem» no mundo greco-romano, que lhe era, senão desconhecido, pelo menos estranho.

– As dificuldades vinham do projecto, que exactamente queria evitá-las. Ao programar o meu trabalho em vários volumes e segundo um plano antecipadamente preparado, eu dizia para mim mesmo que tinha chegado o momento em que eu os poderia escrever sem dificul-

dades, desenvolvendo simplesmente o que tinha na cabeça e confirmando-o através do trabalho de investigação empírica.

Ora esses livros, quase morri de aborrecimento ao escrevê-los. Pareciam-se de mais com os precedentes. Para alguns, escrever um livro é sempre arriscar alguma coisa. Por exemplo, é arriscar não conseguir escrevê-lo. Quando se sabe antecipadamente onde se quer chegar, há uma dimensão de experiência que falta, aquela que consiste precisamente em escrever um livro arriscando-nos a não chegar ao seu termo. Assim, mudei o projecto geral: em vez de estudar a sexualidade nos confins do saber e do poder, tentei procurar, mais alto, como se tinha constituído, para o próprio sujeito, a experiência da sua sexualidade enquanto desejo. E para mover essa problemática fui obrigado a olhar de perto textos muito antigos, latinos e gregos, que exigiram de mim muita preparação, muito esforço e que me deixaram, até ao fim, no meio de bom número de incertezas e de hesitações.

– Há sempre uma certa «intencionalidade» nas suas obras, que muitas vezes escapa aos leitores. A *Histó-*

ria da Loucura era, no fundo, a história da constituição desse saber a que chamamos psicologia; *As Palavras e as Coisas* era a arqueologia das ciências humanas; *Vigiar e Punir* era a instalação das disciplinas do corpo e da alma. Parece que o que está no centro dos seus dois últimos livros é o que você chama os «jogos de verdade».

– Não creio que haja grande diferença entre estes livros e os precedentes. Desejamos muito, quando escrevemos livros como estes, modificar de uma ponta à outra o que pensamos, e encontrarmo-nos, ao fim, *outros* e não o que éramos à partida. Depois apercebemo-nos de que, no fundo, mudámos relativamente pouco. Talvez tenhamos mudado de perspectiva, andámos em torno do problema, que é ainda o mesmo, das relações entre o sujeito, a verdade e a constituição da experiência. Procurei analisar como domínios tais que a loucura, a sexualidade, a delinquência podem entrar num certo jogo da verdade e como, por outro lado, através dessa inserção da prática humana, do comportamento, no jogo da verdade, o próprio sujeito se acha afectado. Era esse o problema da história da loucura, da se-

xualidade.

– Não se trata, no fundo, de uma nova genealogia da moral?

– Se não fosse a solenidade do título e a marca grandiosa que Nietzsche lhe impôs, eu responderia que sim.

– Num escrito publicado no *Debat* de Novembro de 1983, você fala, a propósito da Antiguidade, de *morais viradas para a ética* e de *morais viradas para o código*. É aí que reside a partilha entre as *morais greco-romanas* e as *nascidas com o cristianismo*?

– Com o cristianismo, vimos instaurar-se lentamente, progressivamente, uma mudança em relação às *morais antigas*, que eram essencialmente uma prática, um estilo de liberdade. Naturalmente, havia também certas normas de comportamento que regulavam a conduta de cada um. Mas a vontade de ser um sujeito moral, a procura de uma ética da existência eram principalmente, na Antiguidade, um esforço para afirmar a liberdade de cada um e para dar à vida própria uma certa forma em que o sujeito se pudesse reconhecer e ser reconhecido pelos outros, e onde a posteridade pudesse encontrar um exemplo.

Essa elaboração da sua própria vida como obra de arte pessoal, mesmo se obedecia a cânones colectivos, estava – parece-nos – no centro da experiência moral, da vontade da moral na Antiguidade; enquanto no cristianismo, com a religião do texto, a ideia de uma vontade de Deus, o princípio de uma obediência, a moral tomava muito mais a forma de um código de regras (apenas certas práticas ascéticas estavam mais ligadas ao exercício de uma liberdade pessoal).

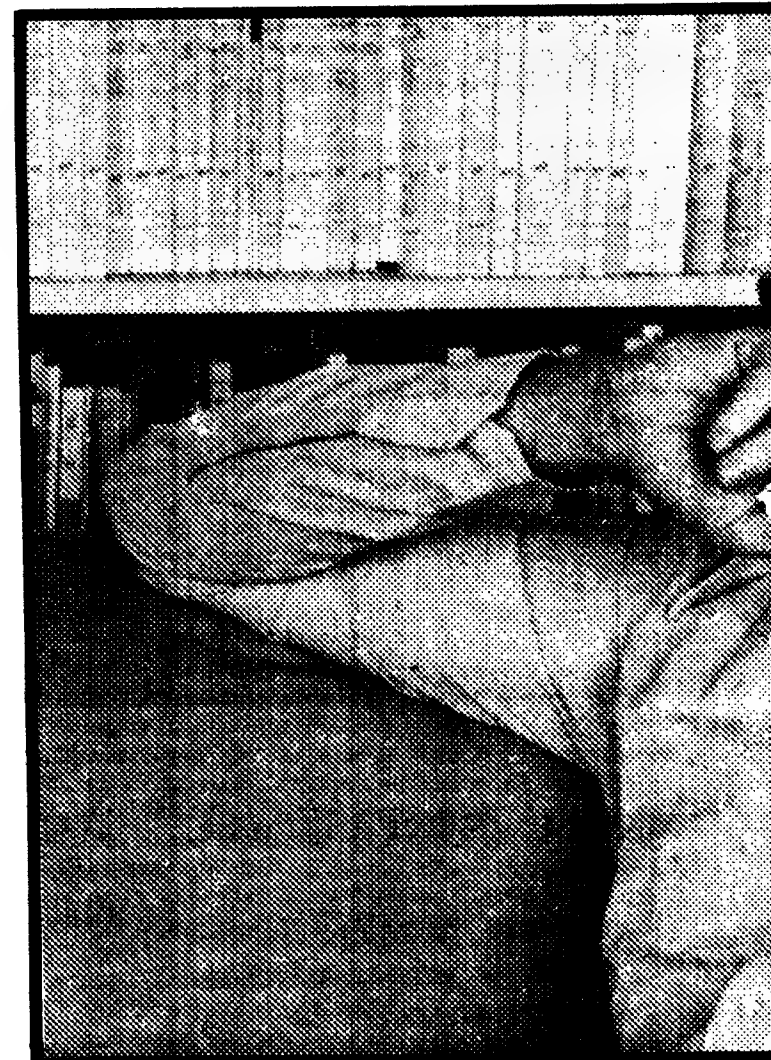
Da Antiguidade ao cristianismo, passa-se de uma moral que era essencialmente procura de uma ética pessoal, para uma outra que é mais uma obediência e um sistema de regras. E se eu me interessei pela Antiguidade, foi porque, por uma série de razões, a ideia de uma moral como obediência a um código de regras está agora a desaparecer, já desapareceu. E porque a essa ausência de moral responde, deve responder, a procura de uma estética da existência.

– Todo o saber acumulado nestes últimos anos sobre o corpo, sobre a sexualidade, sobre as disciplinas, terá melhorado a nossa relação com os outros, o nosso estar no mundo?

– Não posso deixar de pensar que toda uma série de coisas repostas em discussão, mesmo independentemente das opções políticas, em torno de certas formas de existência, regras de comportamento, etc., foram profundamente benéficas: relação com o corpo, entre o homem e a mulher, com a sexualidade.

– pessoas a possibilidade de se determinarem, de fazerem, sabendo tudo isso, a sua opção de existência.

– Há cinco anos, começou-se a ler, no seu seminário do Collège de France, Hayek e Von Mises. Dizia-se na altura: através de uma reflexão sobre o liberalismo. Foucault vai dar-nos um livro sobre a política. O liberalismo parecia, então, um desvio para reencontrar o indivíduo, para além dos mecanismos do poder. É conhecido o seu contencioso com o sujeito fenomenológico, com o sujeito psicológico. Nessa época, começava-



– Portanto, esses saberes ajudaram-nos a viver melhor.

– Não houve apenas uma mudança nas preocupações, mas também no discurso filosófico, teórico e crítico: com efeito, na maioria das análises feitas, não se sugeria às pessoas o que elas deviam ser, o que elas deveriam fazer, em que deviam crer e pensar. Tratava-se, em vez disso, de fazer aparecer o modo como, até agora, os mecanismos sociais tinham podido jogar, como é que as formas de repressão e de constrangimento tinham agido, e depois, a partir daí, parecia-me que se deixava às

se a falar de um sujeito de práticas, e a releitura do liberalismo fazia-se um pouco em torno disso. Não é mistério para ninguém que várias vezes se disse: não existe sujeito na obra de Foucault. Os sujeitos são sempre objectos de sujeição, são o ponto de aplicação de técnicas, de disciplinas normativas, mas nunca são sujeitos soberanos.

– É preciso distinguir as coisas: em primeiro lugar, penso efectivamente que não existe sujeito soberano, fundador, uma forma universal de sujeito que poderíamos encontrar em toda a parte. Sou muito céptico e muito hostil para

stência

poral segundo Michel Foucault

com esta concepção do sujeito. Penso, pelo contrário, que o sujeito se constitui através de práticas de sujeição, ou, de maneira mais autónoma, através de práticas de libertação, de liberdade como na Antiguidade, embora a partir de certo número de regras, estilos, convenções que encontramos no meio cultural.

— Isso leva-nos à actualidade política. Os tempos são difíceis: no plano internacional, é a chantagem de Yalta e o afrontamento dos Blocos. No plano interno (francês), é o espectro da

mos aceitar, nem os resíduos da guerra, nem o prolongamento de uma certa situação estratégica na Europa, nem o facto de metade da Europa estar sujeita.

A seguir põe-se outra questão: «que pode fazer-se contra um poder como o da União Soviética, em relação ao nosso próprio governo e com os povos que, dos dois lados da 'cortina de ferro', desejam pôr em causa a divisão, tal como foi estabelecida?» Em relação à União Soviética, não há grande coisa a fazer, a não ser ajudar, com a eficácia possível, os que lutam

vernos uma certa verdade quanto aos projectos finais, às opções gerais da sua tática, a um certo número de pontos particulares do seu programa: é a *paresia* (a palavra livre) do governado que pode, que deve, interpelar o governante em nome do saber, da experiência que tem, do facto de ser um cidadão, sobre o que o outro faz, sobre o sentido da sua acção, sobre as decisões que tomou.

É preciso, no entanto, evitar uma armadilha onde os governantes querem fazer cair os intelectuais, e onde estes caem com fre-

reestruturar a indústria do aço na Lorena, quando abre o «dossier» do ensino livre?»

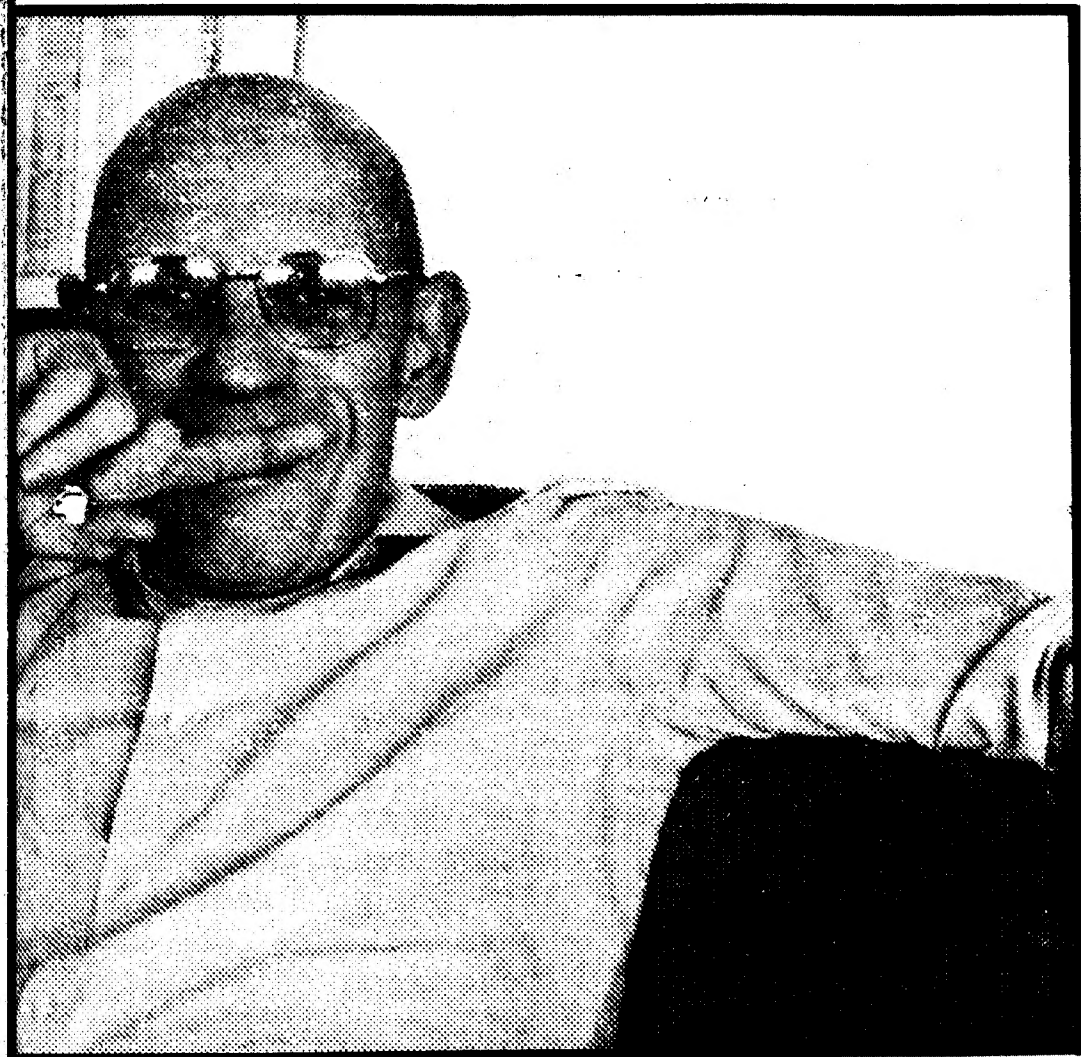
— Nessa descida aos infernos que é uma longa meditação, uma longa procura, que tipo de leitor desejaria você encontrar para lhe contar essa verdade? É um facto que, se talvez ainda haja bons autores, há cada vez menos bons leitores.

— Eu diria cada vez menos leitores, apenas. É verdade que já não se é lido. O primeiro livro que escrevemos é lido porque não somos conhecidos, porque as pessoas não sabem quem somos, e então ele é lido na desordem e na confusão, o que acho perfeitamente bem. Não há razão para que, além do livro, se faça também a Lei do livro. A única lei, são todas as leituras possíveis. Não vejo inconveniente em que um livro, se é lido, o seja de diferentes maneiras. O que é grave é que, à medida que se escrevem livros, acaba-se por já não se ser lido e, de deformação em deformação, uns lendo sobre as costas dos outros, chega-se a dar do livro uma imagem absolutamente grotesca.

Aqui coloca-se, efectivamente, um problema: é preciso entrar na polémica e responder a cada uma dessas deformações, e, em consequência disso, ditar a lei aos leitores, o que me repugna, ou será preferível deixar, o que me repugna igualmente, que o livro seja deformado até tornar-se na caricatura de si próprio?

Haveria uma solução: a única lei sobre a Imprensa, a única lei sobre o livro que eu desejaria ver instaurada, seria a proibição de utilizar duas vezes o nome do mesmo autor, acrescida do direito ao anonimato e ao pseudónimo, para que cada livro pudesse ser lido por si próprio. Há livros para os quais o conhecimento do autor é uma chave de inteligibilidade, Mas se deixarmos de fora o caso de alguns grandes autores, na maioria dos casos esse conhecimento não serve rigorosamente para nada. Serve, sim, e apenas, de «écran». Para alguém como eu, que não sou um grande autor, mas apenas alguém que fabrica livros, querer-se-ia que eles fossem lidos pelo que valem, com as suas imperfeições e as suas eventuais qualidades.

Alessandro Fontana



crise. Em relação a tudo isso, parece que entre a esquerda e a direita já não há senão uma diferença de estilo. Como determinarmos, então, perante essa realidade e os seus *diktats*, a parece sem alternativa possível?

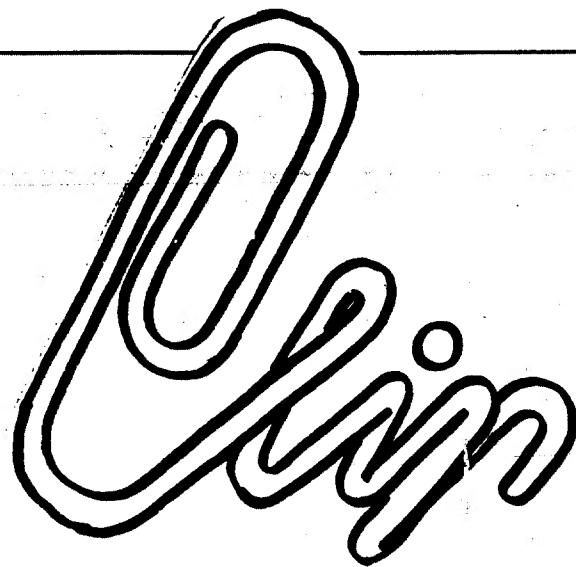
— A sua pergunta parece-me ao mesmo tempo justa e um pouco «apertada». Seria preciso decompor a em duas ordens de questões: em primeiro lugar, devemos aceitar ou não aceitar? Em segundo lugar, se não aceitamos, que podemos fazer? à primeira questão, devemos responder sem qualquer ambiguidade: não deve-

lá mesmo. Quanto às outras questões há muita coisa a fazer, «a mesa está posta».

— Não se deve então, por assim dizer, assumir uma atitude hegeliana que consistisse em aceitar a realidade tal qual ela é, tal qual nela apresentam. Resta uma última interrogação: existe uma verdade na política?

— Eu creio demasiado na verdade para não supor que haja diferentes verdades e diferentes modos de a dizer. Decerto, não faz sentido pedir a um governo que diga a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade. Em contrapartida, é possível pedir aos go-

quência: «Ponham-se no nosso lugar e digam-nos o que fariam». Esta é uma pergunta a que não se tem de responder. Tomar uma decisão seja em que matéria for implica um conhecimento dos «dossiers» que nos é recusado, uma análise da situação que não se teve a possibilidade de fazer. É uma armadilha, Mas não é menos verdade que, enquanto governados, temos perfeitamente o direito de pôr questões sobre a verdade «O que está você a fazer quando, por exemplo, é hostil aos euro-mísseis ou pelo contrário os defende, quando decide



● Weather Report, Chick Corea, Egberto Gismonti: três nomes que iluminam a semana que hoje se inicia. Amanhã, a partir das 22 horas, na Feira Internacional de Lisboa, um dos melhores e mais famosos grupos de jazz apresenta-se, pela primeira vez, em Portugal. É o Weather Report, liderado por Joe Zawinul e Wayne Shorter. Treze anos após a sua formação, Lisboa recebe os «deuses do jazz fusão», como os classifica Debra Robinson neste 7.7, num concerto que promete ser inesquecível. Na quinta-feira, os pianistas Chick Corea e Friedrich Gulda tocam no S. Luis, às 18 e 30: o diálogo (ou a



fusão?) entre o jazz e a música clássica. À noite, no mesmo espaço, é a vez de Egberto Gismonti e Nana Vasconcelos, que na sexta-feira podem também ser ouvidos no Teatro Rivoli do Porto.

No Palácio de Queluz começa, na quarta-feira, às 21 e 15, o XIX Festival de Sintra. O concerto de abertura está a cargo da Orquestra Gulbenkian, dirigida por Steen Gunzenhauser. Abertura «Coriolano», a Sinfonia n.º 7 de Beethoven e o Concerto de Schumann, com o pianista Sequeira Costa como solista, são as obras interpretadas. Na sexta-feira, no Palácio da Vila, o Festival de Sintra prossegue com o concerto do pianista François René Duchable que interpreta Fantasia em Fá Menor de Chopin, Estudos de Saint-Saens e Sonata em si menor de Liszt.

● «Satyricon» de Fellini, «1900» de Bertolucci e «O Intruso» de Visconti são os três filmes da semana. Na quinta-feira e sexta-feira, no City-Cine e no Quinteto, às 23 e 45. Às horas «normais» continuam em exibição «Identificação de Uma Mulher» de Antonioni e «Stalker» de Tarkovski: no Estúdio 444 e Quarteto. Na quarta-feira, se estiver em casa às 21 horas, ligue a televisão e veja «Shane» de George Stevens, em Cinema Lumiar.

● No Centro de Arte Moderna foi na sexta-feira inaugurada a exposição de Almada Negreiros que integra cerca de 400 obras daquele artista, que pela primeira vez foram reunidos. A exposição pode ser vista de terça a domingo, das 10 às 17 horas. Se estiver no Porto, não perca a mostra organizada pelo Cooperativa Árvore e que pretende ser a 1.ª Exposição Nacional de Pequeno Formato.

● «Deseja-se Mulher» e «Antes de Começar» são as duas peças de Almada Negreiros apresentadas na Gulbenkian, no âmbito da exposição atrás referida. A primeira é representada na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna, de quarta a sábado às 21 e 30, e às 16 horas de sábado e domingo. A encenação é de Fernanda Lapa. «Antes de Começar» está em cena apenas dois dias: hoje e amanhã, às 22 horas. A encenação é de Fernando Amado, de 1956.

A caminho da democracia autoritária

Dez anos depois da «revolução dos cravos», nunca foi tão profundo o divórcio entre o governo de direcção socialista e as massas populares. Alberto Santos explica porquê, em artigo publicado na revista francesa «Enjeu» e que reproduzimos com a devida vénia.

ALBERTO SANTOS

PORTUGAL, que foi desde a operação militar e política de 25 de Abril de 1974, teatro de formas de choques e de democratização muito enriquecedoras, que fizeram penetrar no tecido social os ideais de justiça social, de liberdade, de democracia política, de participação democrática, atravessa hoje uma fase particular que interroga o futuro da democracia e a sua soberania nacional. Com efeito, nunca depois de Abril de 1974 foi tão pronunciado o divórcio entre governantes e governados. As cerimónias oficiais do 10.º aniversário da Revolução dos cravos foram um reflexo disso. O Governo PS/PSD dirigido por Mário Soares, quis festejar o 25 de Abril de um modo que confundiu certos observadores: peso do cerimonial muito protocolar que mobilizou todos os meios de comunicação, afastamento de todos os que estiveram directamente implicados no desmantelamento da ditadura, depois na evolução do processo democrático, lugar de destaque para personalidades civis e militares conhecidas pelas suas posições conservadoras, entre elas o marechal Spínola erigido como símbolo «da pureza original da revolução» por Mário Soares, (1), que, no entanto está bem colocado para saber que Spínola foi um recurso da última hora e que foi sempre fortemente contestado pelos membros do MFA.

Como era de esperar o povo estava ausente de todo o cerimonial. Mas ao lado das manifestações oficiais, houve grandes manifestações populares, Norte a Sul do País, apoiadas pela Associação 25 de Abril (2) e com a participação de numerosas personalidades políticas, entre as quais membros do próprio Partido Socialista.

Uma resposta que se propõe: vassalagem

Como explicar em 1984 este divórcio entre um Governo de direcção socialista e social-democrata e as massas populares? Não é simples responder em poucas linhas a esta pergunta que traz em si própria a ideia de que existe actualmente um deslizar para formas autoritárias de governo que põem em perigo o futuro da jovem democracia portuguesa. Uma análise detalhada das diferentes fases do processo democrático mostraria nele aspectos liberais, espontaneístas, autogestionários, pré-revolucionários, estatais, conservadores, neocorporatistas, até mesmo corporativistas tradicionais.

É em todo o caso interessante precisar que um dos elementos

de resposta mais frequentemente avançado ou subentendido, é o de *vassalagem* perante os Estados Unidos. Avançada pelo próprio ministro dos Negócios Estrangeiros, Jaime Gama, essa hipótese, que, na nossa opinião, não pode ser imputada à acção exclusiva do actual Governo, embora este lhe dê, é certo, uma dimensão muito especial. Ela é antes o resultado de relações acumuladas entre as diferentes Administrações americanas (Nixon, Ford, Carter e Reagan) e a série de governos provisórios e constitucionais que se sucederam depois de 25 de Abril de 1974.

A escolha ostentativa da facilidade

1 — *Para uma situação quase neocolonial*

Segundo Mário Soares foi porque o PS concluiu dois acordos com o FMI que «Portugal tem uma política económica e financeira realista, coerente, adequada aos recursos portugueses, a única que permitirá a tempo (sublinhado nosso) a recuperação e a esperança». (3) A atribuição, em 1977, do primeiro empréstimo do FMI, assim como o recurso ao empréstimo complementar de catotze países (supervisionado pelos Estados Unidos e pela Alemanha) são encarados como factores de estabilização da economia nacional. Hoje, a atribuição de um novo empréstimo FMI de 703 milhões de DTS (Direitos especiais de saque), isto é 749 milhões de dólares é apresentada como a *única alternativa para tirar o País da crise*.

O optimismo do secretário-geral do PS perante os «benefícios» do empréstimo do FMI e de outros auxílios internacionais, levou-o a afirmar ao jornal «Libération» de 25-4-84 «Estamos no bom caminho, contemos as despesas do Estado e as importações, vamos sair de dificuldades se prosseguirmos esta política de «firmeza» durante dois ou três anos» (4).

O Governo afasta com força qualquer outra alternativa, exclui mesmo a viabilidade de qualquer outro plano a curto prazo pensado «intramuros», e chegando a dizer que não há solução nacional para a crise.

É possível que o empréstimo do FMI se tenha tornado necessário, mas é bastante surpreendente ver o Governo defender tão encarniçadamente um plano de correcção da economia elaborado sob o controlo directo do FMI, sem fazer contrapropostas a esse plano que impõe condições muito mais duras do que as do 1.º acordo negociado pelo XI governo constitucional dirigido pelo secretário-geral do PS. A docilidade com que é aceite o código de boa conduta imposto pelo FMI faz desta ins-

tuição a verdadeira depositária da soberania nacional.

A atribuição deste empréstimo que comporta múltiplas exigências mergulha Portugal numa situação quase neocolonial. Inspiradas em princípios monetaristas e deflacionistas agora bem conhecidos, elas comportam o desmantelamento dos sectores nacionalizados, o não pagamento de salários a milhares de operários de diferentes sectores da indústria, a privatização progressiva do sistema bancário e financeiro, o aumento do desemprego. Já resulta daqui um agravamento das desigualdades de classe, a redução maciça do poder de compra, um reforço de novas classes dominantes próximas da direita neocorporatista e desejosa de desforra, e um enfraquecimento das organizações de base, em especial dos sindicatos.

2 — Resignação e facilidade

O custo económico, social mas também político, ideológico e cultural da destruição do tecido social a que assistimos, e que é em grande parte a resultante das exigências do FMI será pesado de consequências para o futuro democrático do país. O povo português é levado a pensar que o FMI, o protector americano, e, em menor medida, a CEE, são os únicos meios para remediar a crise económica e financeira, e assegurar a segurança do país.

Esta escolha ostentativa (outros chamar-lhe-ão excessiva) da via da resignação, indigna as forças democráticas e progressistas. No próprio seio do Partido Socialista, personalidades responsáveis como Arnaut, Zenha e muitos outros, erguem-se contra um deslize para formas autoritárias de governo que lembram cada vez mais as situações quase neocoloniais das sociedades periféricas dependentes.

Estas personalidades, conscientes de que a transição para o socialismo, promulgada na Constituição de 1976, não está na ordem do dia, e preocupadas com o futuro de um sistema político que se tornou uma mera articulação da política ameri-

cana, manifestam abertamente a sua hostilidade perante aquilo a que chamam «a hipocrisia e a traição da liberdade, a submissão e a impotência, a ausência de convicção política da actual equipa no poder».

No Portugal de 1984, as características endógenas do autoritarismo estão cada vez mais ligadas a uma vassalagem «exterior, que inquieta mesmo forças políticas conservadoras como o CDS, que ultimamente manifestou a sua preocupação com a «salvaguarda da independência nacional». (5)

3 — Reforma conservadora da organização militar

Para legitimar o exercício de um poder confrontado com fenómenos de decomposição do tecido social, o Governo tende a apoiar-se em forças militares e paramilitares, e, particularmente, na alta hierarquia militar.

Uma das características da política de defesa do Governo é, com efeito, a reestruturação do alto comando militar. O objectivo principal é a despolitização de uma instituição que julga ter estado nos últimos dez anos muito dentro da política. Desde a sua entrada em funções, em Junho de 1983, o Governo decidiu reorganizar o comando, começando por afastar o chefe do Estado-Maior do Exército de Terra, general Garcia dos Santos. Ao eliminar o único militar que participara de modo activo no 25 de Abril de 74 e no 25 de Novembro de 75, e que ainda ocupava um lugar de responsabilidade, o Governo pretendia advertir todo o corpo militar e a classe política de que estava decidido a desembaraçar-se definitivamente dos oficiais ditos políticos.

A reforma do comando apoia-se largamente em textos de lei votados em Outubro de 1982, e que retiram aos militares os direitos mais elementares de participação no funcionamento da sua própria instituição tal como na vida sindical e política. Uma escolha que procura institucionalizar a ideia de que

os militares, embora actores sociais, não participam no jogo político.

Os Estados Unidos que, desde as eleições de Abril de 1975, sempre apoiaram as posições de Mário Soares, mostraram a sua aprovação e apoiaram o reforço da política dita de regresso aos quartéis, mais fundada no apolitismo do que na especialização dos militares. É uma condição para o auxílio americano à modernização das Forças Armadas, mas também à das forças paramilitares, modernização concebida a um tempo em função de eventuais perturbações internas e da gestão do próprio espaço regional.

Ao escolher a via da resignação que se apoia amplamente na reforma do comando, concebida ao mesmo tempo como meio de tornar funcional a política de regresso aos quartéis e de consolidar de modo definitivo a subordinação do poder militar ao poder civil, o Governo escolheu a via da facilidade preparando o terreno para uma intervenção militar.

Actualmente, e a curto prazo, nada o faz prever. Mas à medida que a situação económica e financeira do país se degrada mais ainda, que a apatia e o cansaço da opinião pública perante a demagogia politiquêira se acentuam, que o autoritarismo no plano ideológico e político se reforça, os militares serão levados a pensar se não é seu dever intervir para salvar a «Pátria». Se houvesse uma intervenção militar, esta far-se-ia, sem dúvida, com a complacência, e até o concurso, da alta hierarquia militar que os governantes quiseram tornar *apolítica e neutra*.

A maneira como o Governo concebe o futuro da instituição militar e das relações civis/militares surpreende pelo seu simplismo. Este tende, de resto, a confundir-se com uma certa forma de oportunismo mas vai contra a corrente da evolução das Forças Armadas portuguesas desde o desencadear da guerra colonial e, sobre tudo durante os dez anos do processo democrático.

Esta «demarche» pode suscitar crises morais no seio das

Forças Armadas, semelhantes às que sacudiram essa instituição antes de Abril de 1974.

Hoje, a politização dos militares é inevitável. Faça-se o que se fizer, haverá politização. A questão que se põe, portanto às forças democráticas e progressistas é definir uma política de defesa que seja o mais ajustada possível às realidades concretas nacionais, logo susceptível de fortalecer a democratização militar e não o seu contrário, isto é, o conservadorismo ou a anarquia.

Reflectir no futuro das Forças Armadas Portuguesas, nas relações entre o poder civil e o poder militar, exige evidentemente um conhecimento relativamente aprofundado do que é, na realidade, o Exército português de hoje. Ora a classe política está, mais do que em qualquer outro lugar, atacada por uma espécie de miopia endémica perante os problemas de defesa.

Também seria salutar se os que estão mais directamente ligados ao funcionamento da instituição militar, os próprios militares, pudessem aprofundar o seu próprio conhecimento da instituição. Isto implica, entre outras coisas, discussões sérias no seu seio, tanto sobre o seu funcionamento como a propósito das grandes escolhas estratégicas em matéria de defesa. Os direitos sindicais deviam ser encorajados.

Isto podia, pelo menos, re-frear a desnaturação da democracia que está a dar-se em frente dos nossos próprios olhos, e evitar que o próprio sistema de defesa nacional, que a restabeleceu, se volte contra ela.

A aposta do Portugal de hoje e de amanhã é a da democracia e da própria soberania.

Notas:

1 — Expressão usada correntemente por membros do actual Governo, entre os quais Mário Soares. Ver a entrevista dada pelo secretário-geral, do PS ao jornal *Libération* de 25 de Abril de 1984.

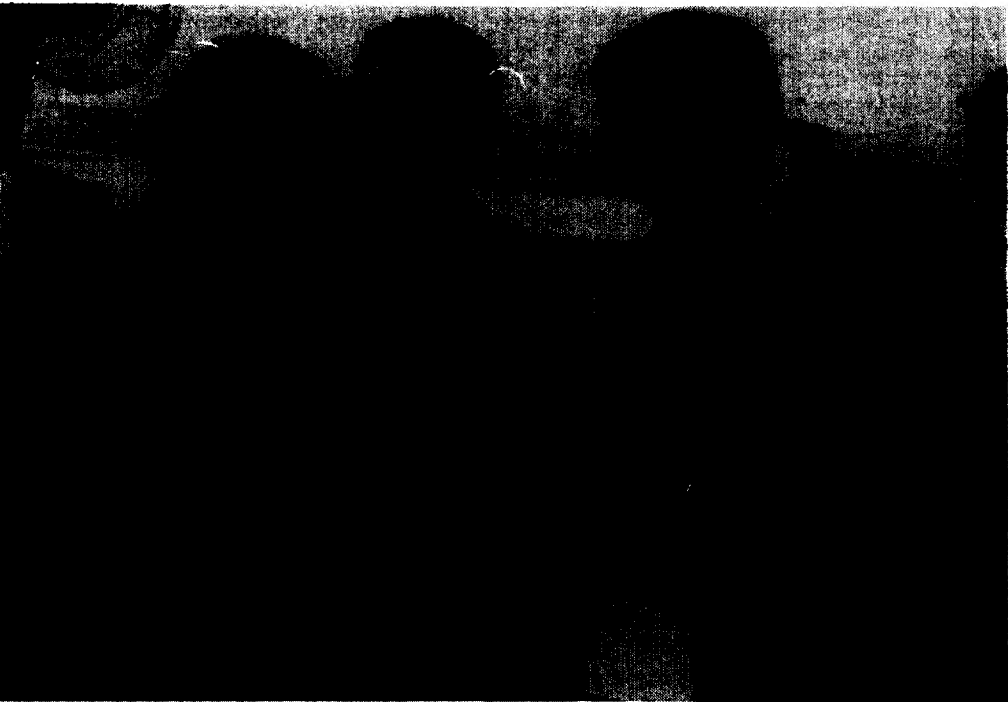
2 — A Associação 25 de Abril foi criada por iniciativa de 1500 oficiais do Quadro Permanente do Exército de terra, marinha e aviação, logo depois da dissolução do Conselho da Revolução em fins de 1982. Agrupa hoje mais de um terço dos oficiais do Exército e a quase totalidade dos membros do MFA. Mário Soares considera-a prejudicial à democracia e receia que ela seja o suporte de um novo partido político.

3 — Ver artigo de Mário Soares no semanário *O Jornal* de 27 de Abril de 1984.

4 — *Libération* de 25 de Abril de 1984.

5 — Foi este o sentido da carta aberta dirigida ao primeiro-ministro, ao Presidente da República e ao presidente da Assembleia da República pelo n.º 1 do CDS, Lucas Pires. A carta foi publicada nos dias 6 e 7 de Maio pela quase totalidade dos jornais portugueses.

6 — O Governo nunca considerou necessário dar precisões sobre as razões do afastamento de Garcia dos Santos. Limitou-se a dizer que se tratava de uma decisão fundamentalmente política conforme com a orientação de só serem nomeados para o posto de chefes militares, oficiais superiores que não tivessem exercido funções políticas depois da Revolução dos Cravos. Para uma apreensão mais global do caso, consultar o *Cahier du Cirpes* sobre a Europa do Sul.



Soares apresentando Mota Pinto a Mitterrand

Brassai morre aos 84 anos

A arte de Brassai, o seu gênio, encontra-se antes de mais ligada à sua situação na história da fotografia e da sua técnica: quando em 1923 chega a Paris, vindo da sua Transilvânia natal (chama-se, com efeito, Gyula Halaaz), Brassai tem vinte e quatro anos, deita-se tarde e o 400 Asa ainda se vende menos livremente do que o ópio: a película muito sensível não existe. Ora Paris fascina imediatamente Brassai, mas não a Paris do dia e do trabalho: a Paris ambígua dos cheiros maus e dos pequenos roubos, dos *apaches* e das *gigolettes*, da chuva fina que passa pelos raios luminosos dos candeeiros de iluminação

trot, a procurar o seu duplo num espelho. Ele não é o *flash* policial que Weegee procura na noite, ele é o companheiro silencioso do arpejo, não se esconde, aceita o risco de lhe roubarem a máquina, acontece-lhe trocar um rolo por um pouco de dinheiro. Cinquenta anos mais tarde alguns fotógrafos poderão, por sua vez, pegar em fotografias de noite, e dizer: «esta foi feita no ano tal antes de Brassai, mas nenhum agarrou como ele a noite, ligando-se-lhe com encarniçamento método, paixão e mimetismo, metendo-se dentro dela, e seguindo o outro nas suas diferenças. É, de resto, a noite que



Prévert, 1945

HERVÉ GUIBERT

pública, do chão engordurado, das sombras, da expectativa do desejo.

Então Brassai, apesar da dificuldade técnica, agarra-se à noite, luta contra o negrume, esconde a objectiva debaixo do casaco, bate à porta dos locais proibidos, os bordéis as *boîtes* de mulheres, as *boîtes* de homens, as *fumeries* orientais, e persegue o amor, muito perto, como *voyeur* discreto, ou melhor, ele persegue esse momento que antecede o amor, o hálito de saí das bocas antes do beijo, o momento em que o casal ainda está num lugar público num banco de *bris-*

constitui a maior parte da obra de Brassai, pequena em quantidade mas em que o sórdido é incessantemente magnificado, em que a prostituta acorçada no seu bide adquire uma dignidade pictórica, em que os intertícios que separam os cenários dos grupos de bailarinas, se tornam velas de luz nos bastidores das Folies Bergère.

O bom fotógrafo seria aquele que tem o sentimento do desaparecimento, e que, por um efeito de premonição, o precede, o detém e o repele. A arte de Brassai terá sido o apresentar esse desaparecimento, seja ele dos lupanares ou dos uni-

rois públicos (*Le Paris secret des années 30*, publicado em 1976 na Gallimard). Em 1982, as edições Denoel publicavam outro álbum, *les Artistes de ma vie*: Bonnard, ratisse, Picasso, Giacometti...

O desaparecimento de Brassai, ao fazer-nos voltar às suas fotografias, lança um pouco de nostalgia neste mundo onde a desordem ainda podia ser calorosa e em que as ambiguidades podiam circular sob os lampadários, na noite negra, perigosamente fraternalmente. Hoje as imagens do desejo são manufacturadas, lançadas em cadeia em produtos duros, *hard*. Brassai não devia gostar dessa cumplicidade programada de *voyeur*. Para

além de retratos de escritores ou de personalidades (Claude, Montherlant, Giono, René Char, Colette, Simone de Beauvoir, Sartre), Brassai continuou a transcrever através de raras fotos, os enunciados do desejo, os grafitos ou gritos imemoriais lançados pelos homens das cavernas, as mãos negativas, os olhos cegos dos muros. Em Março de 1980 declarava: *Se devéssemos viver eternamente tudo se tornaria aborrecido e monótono. É a ideia da morte que nos apressa. É o seu desejo de o homem deixar uma marca indelével da sua efêmera passagem sobre a Terra que faz com que a arte nasça*.

A escrita instantânea

N O dia em que vi Brassai, em Junho de 1982, ele falou-me sobre tudo do estudo sobre Proust que estava a terminar.

Mostrou-me depois, religiosamente, o seu livro *Paris de nuit* (1933), com um texto de Paul Morand. À primeira vista havia motivo de suprema: Proust e a fotografia, que *cliché*! E

tre, Lawrence Durrell, Henry Miller, Camus, Hans Reichel ou Alfred Perlès. Palavras, encontros, anedotas apanhadas no ar, grafitos sonoros.

Para além das conversas dos seus amigos, Brassai, definia assim, lentamente, a arte da escrita. Ele foi um dos primeiros a ser sensível à simplicidade de Jacques Prévert, absolutamente

dacinhos de papel — por vezes muito sumariamente — as suas respostas e os temas das nossas conversas e metia-os numa caixa». Isto acabou por dar um livro cheio de humor e vitalidade, cheio de facécias, disparates, imagens imprevisíveis, resumos vertiginosos, acutilantes.

Em 1949 publicou uma plaquette, *Historie de Marie*, prefaciada por Miller. Ao reler as palavras de Marie Malarmé, uma mulher a dias, Brassai teve a surpresa de encontrar muitas afinidades entre ela e a *Françoise* de Proust. *L'Histoire de Marie* foi reeditada em 1977 (4) com outros textos de Brassai todos eles de «etnografia familiar»: uma lamentação de bebado à hora do encerramento da taberna, as conversas de uma tabacaria durante a Ocupação, no dia 20 de Agosto de 1943, etc. Essa maravilha não teve sorte, foi vendida em saldo.

A grandeza de Brassai, a

chave da sua estética de ausência e de presença são também encontrados na escrita instantânea de que ele, depois de Joyce, reconheceu os poderes Picasso e Maria, o pintor e a analfabeta, era preciso ser fotógrafo para os ver ou para os escutar sem os traír, fazendo-se esquecer.

Robert Doisneau, o outro «olho» de Paris, que poderia ser um grande escritor tem, quando fala dos seus amigos Prévert, Cendrars, Robert Giraud, dos *clochards* e das velhas prostitutas, o mesmo entusiasmo, a mesma emoção. Tal como Brassai ele afirma que os gênios, a gente em apuros e os transeuntes respiram o mesmo ar que nós e as suas sombras merecem durar.

(1) Gallimard, 1975.

(2) Gallimard, 1964.

(3) Denoel, 1982.

(4) *Paroles en l'air*, Jean-Claude Simoen, 1977.

depois, reflectindo no caso, não era tanto como isso: há cinquenta anos que Brassai seguia a sua ideia.

Em Henry Miller *grandeur nature* (1) *Conversations avec Picasso* (2) — dois livros sensacionais — ele tinha guardado o tempo perdido. Brassai fornecia provas de uma época em que se encontravam, entre Clichy e o Dôme, Anaïs Nin, Sarnada «literário». Dedicou o seu

Henry Miller a Raymond Queneau, como ele amador de conversas de *bistrot*. Ele queria captar a vida na sua fonte, no seu imediatismo. Ao contrário de Proust e de Miller, acreditava, como Anaïs Nin, na beleza do instante, no valor da verdade crua.

Brassai contou (*les Artistes de ma vie*) (3) como compôs as suas *Conversations avec Picasso* «... Eu anotava em pe-

são, «o fim dos anos loucos, em Montparnasse».

Primeiro pintor, escultor, vive durante dez anos do jornalismo. Faz a sua primeira fotografia em 1930, publica *Paris la nuit* em 1932. Colabora então em numerosas revistas, *Verve*, *le Minotaure*, e no *Harper's Bazaar* a partir de 1935.

Amigo dos escritores (os surrealistas Prévert, Miller) e dos pintores (Picasso foi objecto de

duas das suas obras, *les Sculptures de Picasso*, em 1949 e *Conversations avec Picasso* em 1964), Brassai reuniria depois os seus encontros em *Artistes de ma vie* (1982), numa altura em que já não faz fotografia e trabalha essencialmente em livros.

Entre as suas antologias de fotos citamos ainda *Formes* (1951), *Séville en fête* (1954), *Graffiti* (1960), *Le Paris se-*

cret des années 30 (1976).

Em 1963, a Biblioteca Nacional de Paris consagrou-lhe uma exposição. Para os seus oitenta e quatro anos fora organizada uma retrospectiva em Nova Iorque e em Londres. Há dez anos que Brassai não expunha em França. Em 1978 o Estado atribuiu-lhe o Grande Prémio nacional da fotografia e recentemente comprou um número importante de obras suas

As maquinarias de angústia de Patricia Highsmith

• Dez novelas e uma reedição

EVELYN PIELLER

PATRICIA Highsmith é os protagonistas bastante páli-conhecida pela sua intensidade de mal-estar, a negra força cruel que cria implacáveis *afinadilhas* estranhamente familiares. O que ela trata, em múltiplas variações, de *Mr. Ripley* a *Ces gens qui frappent à la porte* (As pessoas que batem à porta) é a possessão de uma alma pelo mal, é esse lento desequilíbrio que faz com que um homem passe da «normalidade» para uma zona fixa, possuída por uma ideia viva que vai surgir como a sua própria verdade. E em Highsmith o mal surge quando o desejo dos seus heróis, provocado por uma crise qualquer, se revela diferente daquele a que estavam habituados.

É essa Highsmith que encontramos em *la Cellule de verre* (A cela de vidro), reeditado hoje vinte anos depois do seu lançamento, um romance coxo, improvável, e, no entanto, dotado de um insidioso poder de susto. Carter, inocente, é condenado e preso. É na prisão que vai surgir à luz o sentido da sua vida, desses pequenos erros habituais em si, dessas negligências que acabaram por fazer com que fosse condenado, é certo que injustamente, mas em todo o caso não sem justeza.

Quando encontra o homem de quem era amigo assassinado durante um motim, o desgosto que sente dá-lhe forças para matar, para o vingar. Mata e não pensa mais nisso. É só nas palavras ásperas da mulher, no seu desprezo por essa amizade onde viu amor, que ele se conhecerá verdadeiramente. Mais do que a homossexualidade, o que ele deve enfrentar é essa estranha passividade que o caracteriza, que ele agora lê como o sinal de uma inferioridade, de uma carência fundamental. O que vai então ligá-lo à morte e ao assassínio visto que precisa de apagar todos os vestígios. Este *flo*, obscuro em si, será literalmente de o abolir suprimindo os que dele são testemunhas.

A descida para a loucura

O mundo de Highsmith é o da descida, o que era real e seguro torna-se traçoeiramente louco, o que se teria imaginado um delírio impossível transforma-se no real. Ela não faz retratos psicológicos, põe em acção a tragédia do defeito sexual; essa pequena coisa que, de súbito, brilha, exactamente pela sua ausência. Menos que ambiguidade trata-se de uma impossibilidade de ser completo como os outros; de uma impotência durante muito tempo discreta, e que, de súbito, invade tudo. Highsmith agencia maquinismos de angústia pura: pouco importa se a narrativa é por vezes atamancada e

Alguns belos pesadelos

Essa mesma realidade inversa encontramos-la em acção nas dez novelas, todas recentes à excepção de uma, reunidas sob o título de *Les Sirènes du golf* (As sereias do golfo). Highsmith propõe aqui alguns pesadelos claros e belos, sempre igualmente obsessivos e perseguidores. Do jovem pai de uma criança mongoloide que se liberta do seu ódio matando um transeunte, ao jovem quadro fascinado pela eficácia dos seus vizinhos de campo, «bricolleurs» eficazes, a ponto de se tornar impotente, encontra-se, apertada, nervosa, a impiedosa violência do medo que mina o racional. E a brevidade das narrativas permite sentir com tanto mais força é incomodidade, a progressão dessa doença do medo que influencia o doente e o desintegra, realizando-o.

Para mais, há, de resto, aí uma ligeireza na atrocidade, que faz com que a novela se apresente a uma halucinação, e corrige as qualidades altamente tóxicas de Highsmith com um pouco de antiveneno bem conhecido: o sorriso. Crispado, é certo, mas sorrindo. Em contrapartida, quando ela se inclina para o simples realismo já não onírico, ou para o simples fantástico já não realista, ela perde o seu poder patogénico. Ficamos totalmente indolentes porque indiferentes. É simples virtuosismo demonstrativo, quando ela nos habituou a encontrar na penumbra do nosso imaginário a nossa própria mortal delinquência, que, sem dúvida, faz com esses livros se chamem «políciais». Ela torna-se agradável quando a sua força está em ser desagradável. Desagradável como os nossos fantasmas obsessivos.

(1) *La Cellule de verre*, de Patricia Highsmith. Calmann-Lévy.

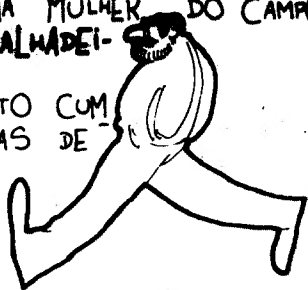
(2) *Les sirènes du golf*. Novelas traduzidas do americano. Calmann Levy.

Primeiro, pintor e escultor

N ascido a 9 de Setembro de 1899 em Brasov (na região da Transilvânia, depois unida à Roménia), filho de um professor de literatura francesa, Brassai passa um ano em Paris, em 1904. Durante a primeira guerra mundial faz os seus estudos em Budapeste por a família se ter refugiado na Hungria. Passa depois dois anos em Berlim e chega a Paris em 1923 para, segundo a sua própria expres-

doces crónicas

A MARIA ERA UMA MULHER DO CAMPO!
 UMA MULHER TRABALHADI-
 RA!
 LEAL ESPOSA E MUITO COM-
 PRIDORA DAS TAREFAS DE
 CASA!
 A MARIA ERA IGUAL-
 MENTE UMA MÃE
 ATENTA, VIGILANTE!



A MARIA TINHA DOZE FILHOS VIVOS! SÓ TINHA PENA DOS QUATRO QUE LHE
 TINHAM MORRIDO, DOIS DE PARTO, UM COM O MAL E O OUTRO
 DE ACIDENTE! ERA UMA GRANDE FAMÍLIA, A FAMÍLIA DA MARIA!
 E ERA UM GOSTO AO DOMÍ-
 GO VER A MARIA, O MANEL E
 OS DOZE PEQUENOS A MAR-
 CHAREM APRESSADAMENTE PA-
 RA A MISSA!

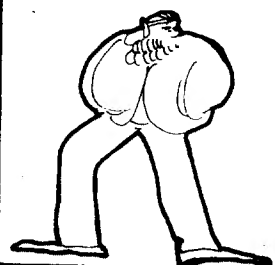


TODOS CORADINHOS, MESMO O
 TINO, QUE TINHA SÓ TRÊS
 ANITOS! E QUE DE MANHÃ,
 LOGO EM JEJUM, TOMAVAM TO-
 DOS A SUA DOSE DE VITA-
 MINA!
 QUE A MARIA NESSAS COI-
 SAS NÃO DESCURAVA!

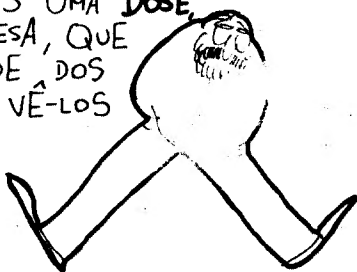
Guilherme 84



PEGAVA EM CATORZE MALGAS, ENCHIAS DE PÃO ADS BOCA-
 DOS E ZÁS UMA A UMA A COMPLETANDO ATÉ AO BOR-
 DO COM O TINTO DA ADEGA! DEPOIS À TARDE AO
 LANCHE A MESMA DOSE! E ASSIM A MARIA TI-
 NHA SEMPRE OS FILHOS CORADINHOS QUE
 ERA UM AMOR! MAIS TARDE A MARIA
 COMEÇOU A VER QUE APESAR DAS
 VITAMINAS OS FILHOS NÃO RENDIAM O SUFICIENTE
 NA ESCOLA!



POR ISSO A MARIA PASSOU-LHES A DAR MAIS UMA DOSE
 À NOITE, AO DEITAR! ERA MAIS UMA DESPESA, QUE
 O VINHO ESTAVA CARO, MAS COM A SAÚDE DOS
 FILHOS NÃO SE BRINCA E ERA UM GOSTO VÊ-LOS
 A CORRER COM AS FACES ROSADINHAS!



Alemães lutam pela pureza das suas cervejas

Os onze juízes que compõem a mais alta instância jurídica da Comunidade Europeia, com sede no Luxemburgo, terão de decidir dentro em pouco se os consumidores de cerveja alemã poderão continuar a beber cerveja quimicamente pura, tal como há cinco séculos.

A questão teve origem num protesto apresentado pela Comissão Europeia, órgão executivo da Comunidade, contra a denominada lei sobre a pureza da cerveja alemã, promulgada em 1516 por Guilherme IV, um duque bávaro que afirmava que a cerveja não podia conter componentes além de água, cevada, lúpulo e levedura.

A proibição de incorporar na cerveja qualquer outra substância leva a que a cerveja alemã seja mais pura do que a de qualquer outro país europeu e mesmo do Mundo que queira vender a sua cerveja no mercado alemão, esse produto tem de obedecer a estes requisitos.

Todavia, esta exigência de pureza é considerada pela Comunidade Europeia como um obstáculo ao livre comércio que pretende impor à comunidade nos dez países membros e, para que esta lei de Guilherme IV seja revogada, a comissão apelou àquele tribunal.

Se os juízes se decidirem a favor da pretensão, poderão passar a vender-se no mercado alemão cervejas que contenham glúcidos, concentrados de frutas, tanino, estabilizadores para a espuma e produtos sulfurados.

Os produtores e consumidores de cerveja na República Federal da Alemanha vêm levando a cabo, desde há uns anos, uma intensa campanha a favor da manutenção da pureza da sua cerveja. A questão, porém, volta agora à actualidade com o recurso da comissão para o Tribunal Europeu.

Na Alemanha Federal e em Berlim Ocidental existem mais de 1200 fábricas de cerveja, dos mais diversos tipos e capacidades, que se recusam terminantemente a adicionar aos seus produtos ingredientes que adulterem a pureza da cerveja alemã, o que aconteceria se,

em vez de utilizarem cevada, empregassem arroz ou milho, por exemplo, como substância básica, sacarina para a adoçar ou caramelo para lhe dar cor.

A produção destas fábricas, que aumenta de ano para ano, atinge anualmente mais de dez mil milhões de litros.

A Baviera é, por excelência, a região cervejeira alemã, estando ali registadas 882 fábricas, que produzem uns cinco mil tipos diferentes de cerveja, para satisfazer os gostos do consumidor de cada região e em cada estação do ano.

Em algumas regiões francófonas tem muita aceitação uma cerveja com sabor a fumo (cerveja fumada), muito apreciada para acompanhar os suculentos pratos de carne de porco.

O alemão tem, além disso, outros gostos muito excêntricos em matéria de cerveja, como na Floresta Negra, onde se bebe cerveja quente, para o que cada um tem na sua mesa um aquecedor eléctrico em forma de espiral, que introduz no copo até atingir a temperatura desejada.

Em termos médicos, o cidadão alemão toma, de acordo com as estatísticas, 150 litros de cerveja por ano. Contudo, essas mesmas estatísticas dizem que, na Baviera, o consumo chega a 240 litros per capita, ou por garganta, mais exactamente.

Se se tiver em conta que a lei sobre a pureza da cerveja, decidida na Alemanha há quase cinco séculos, se fez para proteger a saúde do consumidor, ela continua actual e está de acordo com os requisitos judiciais.

Foi o próprio Tribunal Europeu de Justiça que determinou, ainda há pouco tempo, que o queijo que os holandeses consomem deve ser puro, isento das substâncias que se juntam aos queijos destinados à exportação.

Argumentam os advogados alemães que o que se fez para proteger o consumidor holandês deve continuar a ser feito com a cerveja alemã.

SAI DE UMA SÓ VEZ EM CADA SEGUNDA-FEIRA

sete

MENSAGENS PESSOAIS

sete

Honda 50 SS

Vendo — caixa 5 veloc. Contactar — Miguel 2430992 (às 20 horas) — Todos os dias.

Gravador de Cassetes

Stereo cassette Deck Aurex (Toshiba) com as seguintes características: 2 motor IC logic control, timer, Sistema Dolby NR, podendo tocar com cassetes de metal, dióxido de crómio, normal, tendo ainda ligações para microfone, headphones e remote control. Vendo por 18 000\$00 contactar: António, telefone 701506 (depois das 20h00).

Canários

Vendem-se. São 4 canárias, 3 canários e 1 verdelhão. Motivo: doença do dono. Telefone 971293

«Abat-Jours»

Fabrico e restauro. Bons preços. Se preferir traga o seu próprio tecido. Adapto a candeeiros peças diversas. Desconto aos leitores deste jornal. Av. do Brasil, 182 — traseiras. Fácil estacionamento. Tel. 881937 — 1700 Lisboa.

Aquário

Vende-se, apetrechado devidamente, com 1,06X0,44X0,34 m, contendo dezenas de peixes («guppys»), devido a doença do proprietário. Telefone 971293.

Reportagem de Guerra

Dois repórteres fotográficos «free-lancers», com experiência, pretendem patrocínio para desenvolver uma reportagem em zona quente do Globo a combinar.

Máquina de escrever

Vendo. Olivetti linea comercial, est. nova. Tel. 9210518.

Pedras D'El Rei

Apartamento no Algarve, na praia do Barril, próximo de Tavira, aluga-se em Agosto e Setembro. Resposta ao telef. 24560 ou 26346 — Beja.

Açoteias

«Aldeia Açoteias», apartamento 1-A, completamente mobilado, bem situado, perto praia, vende-se. Informa telefone 2900906, entre 19 e 21 horas».

Andar na Caparica

Vendo por preço acessível, com 3 d., 1 hall, 2 c. banho, marquise e quintal. Av. do Oceano 65 r/c E.º (S.º António). T. 2901150 ou 557791.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.